

PAULO DE TARSO UBINHA

Este exemplar corresponde à versão final da
Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso
de Pós-Graduação Ciências Médicas da
Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP
para obtenção do título de Mestre em Ciências
Médicas, área de Ciências Biomédicas do(a)
aluno(a) **Paulo de Tarso Ubinha.**
Campinas, 02 de março de 2004.

Prof(a). Dr(a). Roosevelt Moisés Smeke Cassorla
Orientador(a)

***PROPOSTA DE UMA DEFINIÇÃO GENÉRICA DO
NARCISISMO COMO FUNDAMENTO EPISTEMOLÓGICO
PARA A SUA INVESTIGAÇÃO NA TEORIA E NA CLÍNICA
PSICANALÍTICAS.***

CAMPINAS

2004

**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

PAULO DE TARSO UBINHA

***PROPOSTA DE UMA DEFINIÇÃO GENÉRICA DO
NARCISISMO COMO FUNDAMENTO EPISTEMOLÓGICO
PARA A SUA INVESTIGAÇÃO NA TEORIA E NA CLÍNICA
PSICANALÍTICAS.***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação
da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade
Estadual de Campinas, para a obtenção do título de
Mestre em Ciências Médicas, área de Ciências
Biomédicas.*

Orientador: Professor Doutor Roosevelt Moisés Smeke Cassorla

CAMPINAS

2004

| | |
|------------|-------------------------------------|
| UNIDADE | UL |
| Nº CHAMADA | UNICAMP |
| | Ub5p |
| V | EX |
| TOMBO BC/ | 59184 |
| PROC. | 16-117-04 |
| C | <input type="checkbox"/> |
| D | <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | R\$ 11,00 |
| DATA | 22/07/04 |
| Nº CPD | |

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

CM00198264-6

318237
BID.

| | |
|------|---|
| Ub5p | <p>Ubinha, Paulo de Tarso</p> <p>Proposta de uma definição genérica do narcisismo como fundamento epistemológico para a sua investigação na teoria e na clínica psicanalíticas / Paulo de Tarso Ubinha. Campinas, SP : [s.n.], 2004.</p> <p align="center">Orientador : Roosevelt Moisés Smeke Cassorla Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.</p> <p>1. Auto-estima. 2. Narciso (Mitolgia grega). 3. Teoria Psicanalítica. 4. Ego. I. Roosevelt Moisés Smeke Cassorla. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.</p> |
|------|---|

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Roosevelt Moises Smeke Cassorla

Membros:

1. Prof.Dr. Isac Germano Karniol

2. Profa.Dra. Regina Maria Leme e Lopes Carvalho

3-Prof. Dr. Roosevelt Moisés Smeke Cassorla

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 02/03/2004

Dedicatória

À Ivete, minha esposa e companheira, cujo olhar amoroso sempre enxergou em mim mais virtudes do que possuo, incitando-me a vencer desafios.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao meu orientador e amigo Roosevelt, pelo acolhimento, a amizade e o respeito sempre presentes em todos os momentos de nossa convivência neste dois anos de trabalho de elaboração dessa dissertação de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos Evandro e Guida Gomes Mattos, que me açularam confiantemente para que eu empreendesse essa retomada do trabalho acadêmico, num gesto de pura amizade, preciosa e rara jóia,

Aos meus prezados Antonio e Sonia Rezende, pelo texto de Ovídio, dádiva de Sonia, pelo texto ainda inédito sobre Bion, oferta desprendida de Antonio e pelo apoio de ambos,

A todos os professores do curso de mestrado, com os quais pude atualizar conhecimentos e receber novos ensinamentos,

Aos funcionários da Pós-Graduação, pela gentileza e presteza com que sempre diligenciaram as providências necessárias,

Aos meus queridos filhos, que, desde pequeninos, souberam repartir com os meus “livrinhos” a atenção que me requisitavam,

Aos clientes, fonte de contínua e renovada aprendizagem.

*“Heu frustra dilecte puer!”
totidemque remisit
Verba locus; dictoque “Vale”
“Vale” inquit Echo.
Ille caput viridi fessum submisit
in herba,
Lumina nox clausit domini
Mirantia formam.*

(Ovídio – Metamorphosis)

*Ah! Meu rapaz amado em vão.
Estas mesmas palavras o rincão
Repetiu. Dizendo “Adeus”
“Adeus”, Eco repetiu.
Reclinou Narciso a cabeça
cansada na relva. À noite,
atenta à beleza do amo,
extinguiu o lume dos olhos.*

(Donaldo Schuler – Narciso Errante)

| | <i>PÁG.</i> |
|--|-------------|
| RESUMO | xxiii |
| ABSTRACT | xxvii |
| CAPÍTULO 1 – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS | 31 |
| Apresentação..... | 33 |
| Justificativa..... | 35 |
| CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA | 37 |
| Método..... | 39 |
| Material..... | 40 |
| Plano de Trabalho..... | 41 |
| CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO MITO DE NARCISO | 43 |
| Versão auto-erótica..... | 45 |
| Versão homossexual..... | 45 |
| Versão andrógina..... | 45 |
| Versão heterossexual..... | 46 |
| Considerações psicanalíticas sobre o mito..... | 47 |
| CAPÍTULO 4 – LEITURA TEXTUAL DO NARCISISMO | 57 |
| Plano de leitura..... | 59 |
| Textos precursores..... | 59 |
| Relendo a “Introdução”..... | 62 |
| 1- Conceituando..... | 64 |
| 2- Narcisismo normal..... | 67 |
| 3- Narcisismo e Esquizofrenia..... | 68 |
| 4- Narcisismo primário e secundário, auto-erotismo e alo-erotismo..... | 69 |
| 5- Revisão da teoria dos instintos e da libido..... | 74 |
| 6- Narcisismo e vida erótica..... | 76 |
| 7- Narcisismo e auto-estima..... | 77 |
| 8- Narcisismo e ideal do ego..... | 81 |

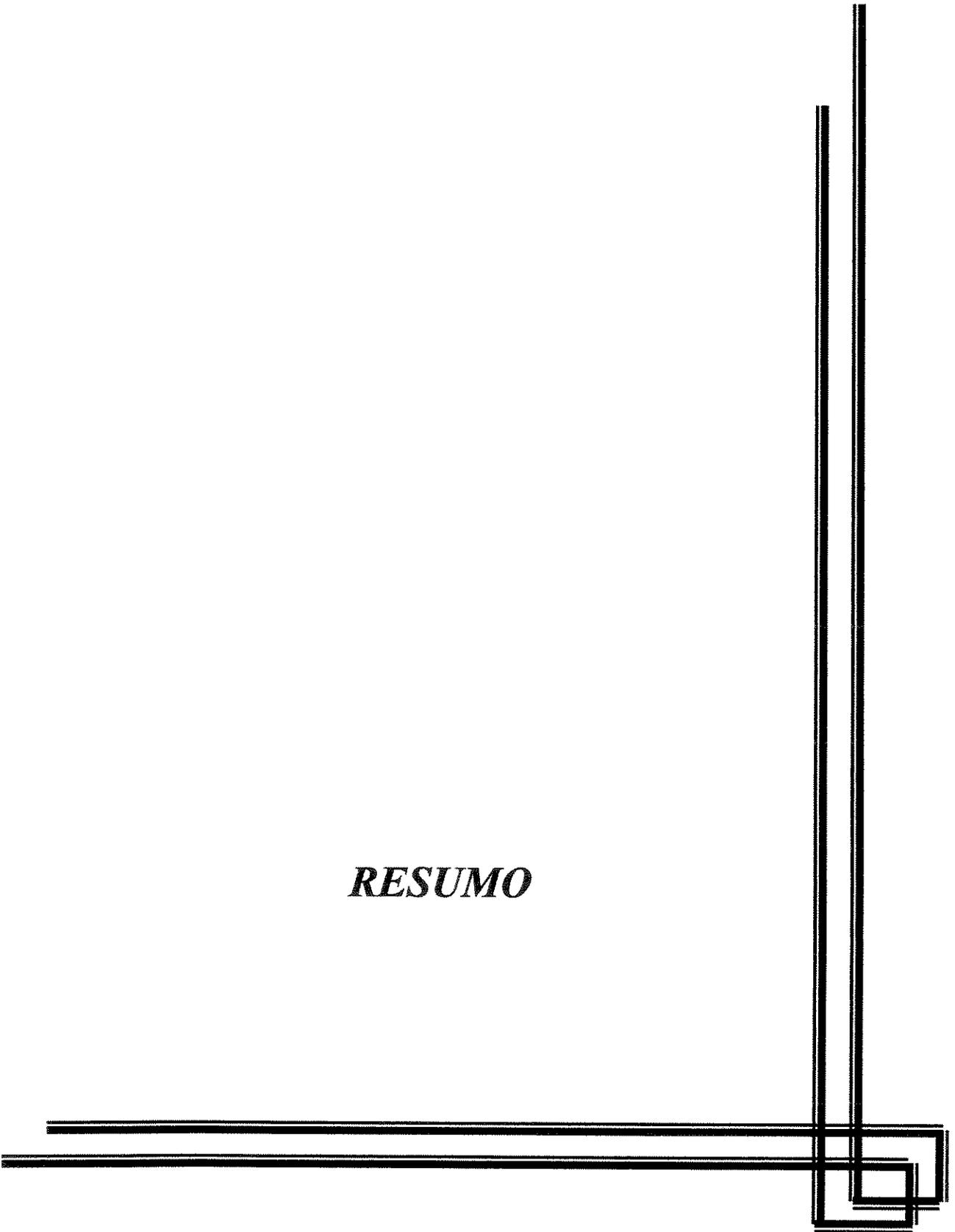
| | |
|--|------------|
| 9- Sublimação e Idealização..... | 82 |
| 10-Agente auto-observador, consciência moral, censura..... | 82 |
| 11-Psicologia de grupo, sentimento de culpa..... | 84 |
| Recorrências do narcisismo na Obra de Freud..... | 84 |
| 1- Narcisismo e fases de desenvolvimento..... | 85 |
| 2- Narcisismo e tipos libidinais..... | 87 |
| 3- identificação narcísica..... | 90 |
| 4- Transferência e narcisismo..... | 93 |
| 5- Narcisismo das pequenas diferenças..... | 94 |
| 6- Narcisismo e Conhecimento..... | 96 |
| CAPÍTULO 5 – OS ANALISTAS POSTERIORES..... | 99 |
| Melanie Klein e a escola de relações de objeto..... | 101 |
| Herbert Alexander Rosenfeld..... | 104 |
| Wilfred Ruppert Bion..... | 107 |
| Donald Woods Winnicott..... | 111 |
| Heinz Kohut..... | 114 |
| Jacques Lacan..... | 116 |
| André Green..... | 117 |
| Uma contribuição original: Neville Symington..... | 119 |
| Autores Brasileiros:..... | 121 |
| Vitor Manoel Andrade..... | 121 |
| Mário Pacheco Almeida Prado..... | 123 |
| CAPÍTULO 6 – ILUSTRAÇÃO CLÍNICA..... | 127 |
| Recorte I – algumas características de um discurso narcisista..... | 133 |
| Recorte II- do distanciamento afetivo narcisista..... | 135 |
| Recorte III- da frustração e ferida narcísicas..... | 138 |
| CAPÍTULO 7 – DISCUSSÃO FINAL..... | 143 |
| Três questões polêmicas..... | 145 |
| A questão da anobjetalidade..... | 145 |
| A questão do narcisismo normal e patológico..... | 151 |

| | |
|---|------------|
| A questão do narcisismo primário..... | 153 |
| Duas definições: metapsicológica e fenomenológica..... | 155 |
| Definição genérica do narcisismo..... | 163 |
| Conclusão..... | 167 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 169 |
| APÊNDICE | 183 |
| Apêndice 1 – Estrutura do texto “Introdução ao Narcisismo”..... | 185 |
| ANEXO..... | 187 |
| Anexo 1 – DSM IV – Transtornos de personalidade narcisista..... | 189 |

LISTA DE ABREVIATURAS

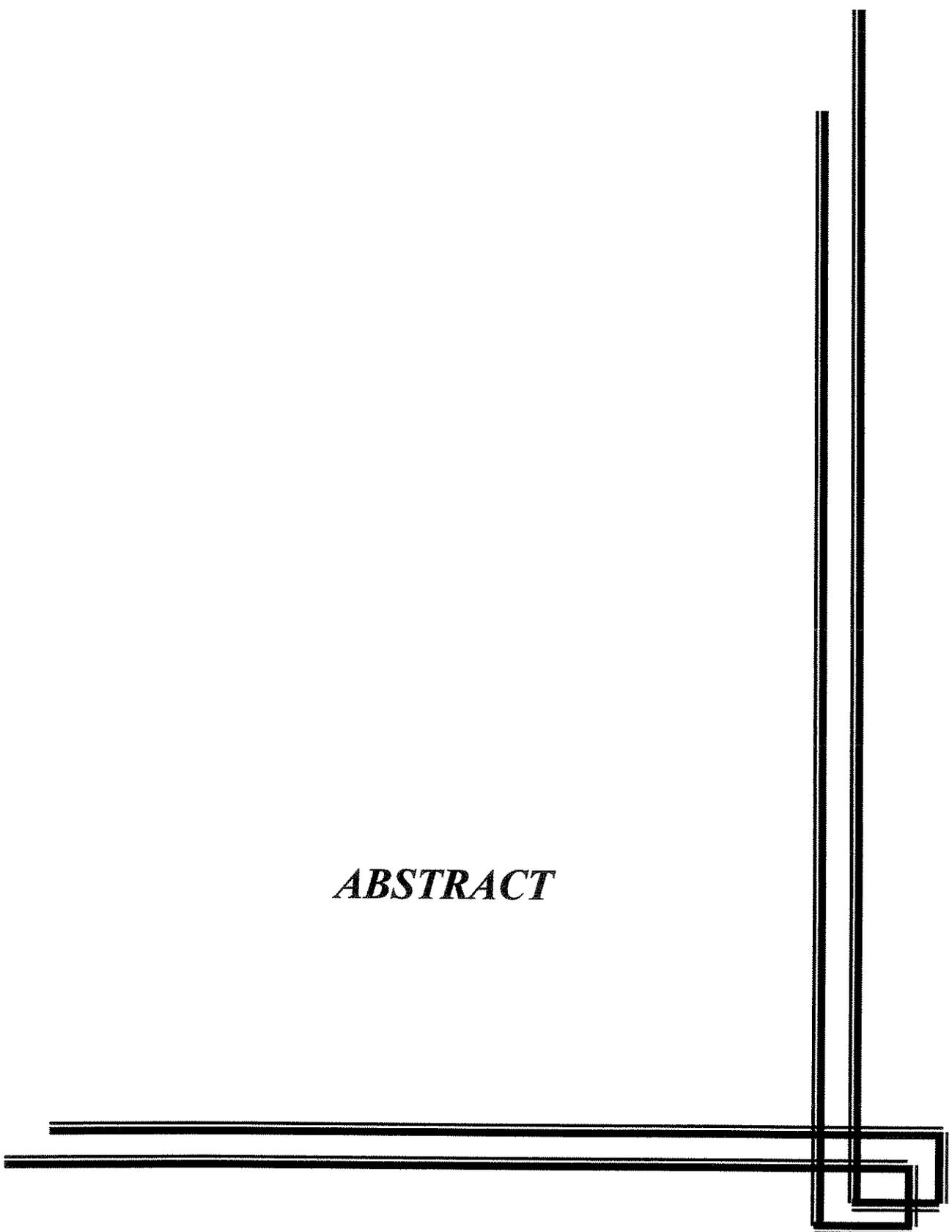
| | |
|---------|---------------------------------------|
| APP | Além do Princípio do Prazer |
| doc.el. | documento eletrônico |
| DWW | Donald Woods Winnicott |
| ESB | Edição Standard Brasileira |
| P | esquizo-paranoide |
| n | nota (de rodapé) |
| NEE | Narcisismo e Estados de Entranhamento |
| NNT | Narcisismo: uma nova teoria |
| P | página |
| PD | posição depressiva |
| SN | Sobre o Narcisismo |
| T-CT | transferência-contratransferência |
| Vd | vide, veja-se |

RESUMO



Este trabalho visa construir uma definição genérica suficientemente ampla do narcisismo, que abarque todas as linhas possíveis de investigação, sem privilegiar nenhuma delas, para estabelecer um terreno conceitual comum para toda pesquisa sobre este tema. Para tanto, o autor estudou quatro versões correntes do mito grego de Narciso, assinalando os aspectos relevantes do ponto de vista psicanalítico, procedeu a uma análise do texto capital de Freud, *“Sobre o Narcisismo: uma Introdução”*, considerando os textos precursores e posteriores de Freud e dos autores psicanalíticos que lhe sucederam no trato deste assunto e apresentou ilustração clínica, reunindo elementos para a discussão do conceito de narcisismo sob o ponto de vista teórico e prático. Fazendo este percurso, chegou à sua proposta de definição genérica do narcisismo.

ABSTRACT



The objective of this paper is to construct a sufficiently wide generic definition of narcissism, so that it embraces all possible lines of investigation on it, without privileging any of them, in order to establish a common conceptual background for all research about it. For this purpose the author had studied four current versions of the greek myth of Narcissus, distinguishing the relevant aspects in a psychoanalytical view; he had done an analysis of the essential Freud's paper *On Narcissism: an Introduction*; he had considered both the former and the latter texts of Freud and the psychoanalytic authors who had succeeded him in this subject and he had presented a clinical illustration, collecting elements for discussion about the concept of narcissism in a theoretical and practical point of view. Finally, he had presented his generic definition proposal.

CAPÍTULO 1
ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

APRESENTAÇÃO

Em sua conhecida biografia de Sigmund Freud, conta-nos Ernest Jones (1979) que, ao concluir o texto de *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, o autor não ficou satisfeito com o resultado e escreveu a Abraham: “*O narcisismo teve um parto difícil e traz todas as marcas da deformação correspondente*”, confessando um sentimento muito forte de vergonha por sua inadequação.

De fato, o texto é bastante condensado e sua divisão algo confusa, reunindo em cada uma de suas três partes material heterogêneo, sem uma rigorosa coerência no seu encadeamento, de forma que parece produzir-se um ajuntamento de parágrafos mais do que uma composição harmoniosa.

Além disso, no ano seguinte ao da publicação deste artigo oficial sobre o tema do narcisismo, ao discorrer sobre as vicissitudes das pulsões, Freud já identifica o narcisismo desde o início da vida e o vê prolongar-se transformado ao longo da existência pessoal, ponto de vista totalmente diferente da *Introdução*, onde o narcisismo aparece como uma etapa intermediária entre o auto-erotismo e a fase objetal, com uma marca cronológica ao longo da evolução psicológica do indivíduo, tendo, pois um término. É assim tratado como uma fase do desenvolvimento normal, mas que, se ocorrer fixação, fará o indivíduo, pela ação de um trauma, regredir até ela, daí advindo manifestações psicopatológicas.

Estas indefinições continuarão até o último texto freudiano sobre o assunto, como se vê no *Esboço de Psicanálise*, em que Freud deixa num mesmo texto duas visões díspares sobre o narcisismo primário, como se pretendesse mostrar que a questão ainda não estava resolvida e ficavam em aberto as duas possibilidades, cabendo às investigações futuras elucidá-la.

O desenvolvimento dos autores que trataram desse tema veio aprofundar as contradições e divergências, propiciando a confusão de línguas.

Vários autores apontam grandes virtudes e graves defeitos na conceituação do narcisismo em Freud.

Friedmann (1988), embora considere os comentários de Freud os mais significativos e profundos nessa matéria, também os qualifica de ambíguos e equívocos.

Moore (1975), depois de exaltá-lo como “*one of Freud’s major theoretical contributions*”, acha-o mal definido e confuso e que uma utilização abusiva e indiscriminada – “*an indiscriminate overutilization*” - do termo “*narcissistic*” acarreta uma falta de clareza conceitual que vem desde os inícios.

Pulver (1970) declara que há dois fatos sobre os quais todos concordam: “*First, that the concept of narcissism is one of the most important contribution of psychoanalysis; second, that it is one of the most confusing*”.

Para Waelder (1961) há uma duplicidade de seu uso na clínica, tanto implicando auto-satisfação e insegurança interior, quanto a falta dessas qualidades e uma necessidade constante de reassuramento.

A duplicidade do narcisismo transparece nos títulos de trabalhos dos autores, como “*A orientação dual do narcisismo*”, de Andréas-Salomé (1921) ou no “*Pas de deux: on origins and ends of Freud’s ‘narcissism’*”, com que Reitan (1992) o põe na dança. Já Vieira (1993) põe como título de seu trabalho uma indagação: “*O narcisismo: um conceito estrutural ou uma entidade clínica?*”.

A ambigüidade reinante quanto à noção de narcisismo leva Cohen (2001) a escolher um título desafiador: *A favor e contra o narcisismo*.

Em defesa de Freud, parece-nos justificável e compreensível este estado de coisas, pois ele estava introduzindo um novo conceito psicanalítico e o fazendo evoluir, confrontando-o com aspectos já estabelecidos até então, do que resultariam inevitáveis revisões, supressões e renovações. Freud mostra-se, assim, um autor moderno, já praticando o que se tornaria em Popper (1975) uma exigência epistemológica do método científico, qual seja, a de manter em tensão toda teoria, impondo-lhe a tarefa de, para provar sua veracidade, testá-la por hipóteses capazes de refutá-la, segundo o princípio da falseabilidade.

Freud jamais se furtou a confrontar suas idéias pela oposição a idéias contrárias, às vezes imaginando um locutor imaginário que contra-argumentava e a quem devia convencer, mas essencialmente praticando o método clínico, de onde sempre partia e para onde sempre uma vez mais retornava, mantendo a teoria em permanente construção e reconstrução.

E assim continua a ser feito o progresso da psicanálise, entre avanços e recuos, sempre em embate com a clínica. Freud não hesitou em recomendar que se descartasse uma idéia, se o fato clínico a refutasse. Desta forma aderiu à exortação médica da soberania da clínica. Podemos verificar com justiça que os conceitos psicanalíticos nascem, crescem e morrem na clínica.

Em suas várias partes, este trabalho evidenciará o caminhar conceitual do narcisismo em Freud e nos autores precursores e ulteriores, sem deixar de se deter no estudo do mito grego de Narciso, de onde provém a terminologia. A seguir, demonstrará sua validade na clínica, ilustrando-a com recortes de sessões de psicanálise, até culminar, em sua parte final, na proposta de uma definição genérica.

JUSTIFICATIVA

Quando Freud escreveu a Introdução ao Narcisismo, houve grande impacto entre os seus discípulos, tanto que Lacan considera este um texto subversivo. Passado o impacto inicial, a noção foi sendo absorvida por uns ou quase ignorada por outros.

Mas, em anos recentes, tem renascido o interesse clínico sobre esse assunto, principalmente pelo estudo dos distúrbios de personalidades narcísicas, que hoje constituem boa parte dos freqüentadores de consultórios de psicanalistas e dos serviços de atendimento de referencial psicanalítico.

Além disso, estudos sociológicos contemporâneos do que se convencionou chamar a pós-modernidade, tem se socorrido do conceito de narcisismo para o aprofundamento dessa análise, atestando a sua fecundidade e atualidade.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é uma tentativa de estabelecer uma definição genérica do narcisismo, com uma amplitude de abstração suficiente para englobar as diferentes tendências teóricas. Entretanto, não se visa estabelecer um conceito definitivo e acabado, mas antes fazer dialogar estas várias abordagens, sem adesão a nenhuma delas, obedecendo a uma exigência de isenção..A partir disso, passa-se a exigir uma tomada de posição teórica

de todo investigador do campo do narcisismo, fazendo-o revelar a base epistemológica da concepção que está utilizando em sua pesquisa.

Desta forma, pensamos ser possível mostrar seu valor heurístico e sua validade científica nas diferentes utilizações a que se presta, tanto na esfera da teoria e da prática psicanalíticas, quanto noutras áreas da esfera cultural.

CAPÍTULO 2
METODOLOGIA

1-MÉTODO

Serão utilizados dois métodos:

- 1) leitura analítica de texto, com análise textual, temática e interpretativa, para a problematização, que determinará o desenvolvimento e conclusão do trabalho (Severino, 1975).
- 2) método psicanalítico, tendo por material recortes de sessões de pacientes submetidos à psicanálise clínica, segundo os procedimentos técnicos padronizados desde Freud, em seus escritos sobre técnica psicanalítica.

Concebemos o método psicanalítico como uma modalidade do método clínico-qualitativo defendido por Turato (2003), em seu “*Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*”, cuja definição nos oferece:

“A partir das atitudes existencialista, clínica e psicanalítica, pilares do método, que propiciam respectivamente a colhida das angústias e ansiedades do ser humano, a aproximação de quem dá a ajuda e a valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, este método científico de investigação, sendo uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativos genéricos das ciências humanas, e pondo-se como recurso na área das ciências da saúde, busca dar interpretações a sentidos e a significações trazidos por tais indivíduos sobre múltiplos fenômenos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença, com o pesquisador utilizando um quadro eclético de referenciais teóricos para a discussão, no espírito da interdisciplinaridade”
(Tratado, p.242)

Desta maneira, o método psicanalítico se insere no método clínico qualitativo, o qual é uma particularização do método qualitativo genérico das ciências humanas, aplicado às ciências da saúde, tendo por ferramenta a interpretação dos sentidos e significações dos fatos clínicos. Em sua especificidade, o método psicanalítico é interpretativo e seu objeto são as manifestações do inconsciente dinâmico na clínica, na psicopatologia do cotidiano e nas diversas manifestações culturais.

A interpretação é epistemologicamente justificada pelas ciências semióticas, sendo a interpretação psicanalítica uma das formas de leitura da realidade dos fenômenos da cultura, dentre os quais incluem-se as manifestações psicopatológicas. Não excluimos, por certo os aspectos biológicos da psicopatologia, apenas, ao nosso ver, eles não estão ao alcance de uma metodologia psicanalítica, requerendo objetos e instrumentos de investigação próprios da Psiquiatria Biológica.

Turato valoriza, ademais, a atitude clínica falando-nos de “*olhos e ouvidos qualificados... para compreender existencialmente os sofrimentos que acometem os outros*” (idem, p.239). Pensamos que, em psicanálise, os conceitos de transferência e contratransferência e o uso técnico da empatia e da apreensão das identificações projetivas dos pacientes fornecem um fundamento para a construção de uma teoria da técnica cientificamente válida, apurando a escuta analítica.

2-MATERIAL

Não está previsto estabelecer um grupo de sujeitos a serem submetidos a qualquer tipo de experimento e, conseqüentemente, nenhum grupo controle. O material clínico utilizado refere-se ou a excertos da literatura ou a vinhetas clínicas da casuística do autor, tratando-se em ambos os casos de material retrospectivo. É, portanto, dispensável a elaboração de procedimentos especiais de experimentação, posto que tal não é o caso.

Ademais, o procedimento de utilizar relatos clínicos em todo ou em parte está consagrado na pesquisa psicanalítica desde os fins do século XIX, quando Freud iniciou a publicação de seus primeiros casos clínicos, nas últimas décadas dos oitocentos e que prosseguiu como modo consagrado de comunicação científica por todo o novecentos, através de todos os que lhe sucederam, até os dias atuais.

Acrescente-se que sempre se preserva a identidade do cliente, seja pela adoção de pseudônimos, como no célebre “*Caso Dora*”, de Freud, seja pela utilização de iniciais ou letras (senhor *X*, senhora *A*) ou simplesmente pela omissão de qualquer nome, aludindo-se ao sujeito por perífrases do tipo “*um caso de neurose infantil*”, que é a maneira como Freud se refere ao célebre caso do “*Homem dos Lobos*”, como ficou eternizado pela

posteridade, em que jamais nomeia o analisando, referindo-se a ele, no máximo, como “um jovem russo”.

3-PLANO DE TRABALHO

Num trabalho recente, em que trata da construção de escalas psicológicas, Pasquali(1998) faz uma crítica, a nosso ver procedente, quanto ao costume de se partir empiricamente para a elaboração dos itens necessários para a investigação que visa à feitura da escala, sem se preocupar em fazer antes uma análise conceitual daquilo que se pretende medir. Assim ele estabelece três tipos de procedimentos a serem seguidos na consecução dessa tarefa:

Procedimentos: [Teóricos: [Teoria

[Construção do instrumento

[Empíricos (experimentais)

[Analíticos (estatísticos)

Para estabelecermos o conceito de narcisismo, vamos nos cingir aos procedimentos teóricos, adaptando-os para estabelecermos os passos necessários, quais sejam:

- 1º) dado o termo narcisismo referir-se ao mito grego de Narciso, será considerada nossa tarefa inicial fazer uma apresentação das versões do mesmo, circunscrevendo a análise aos aspectos relevantes para a abordagem psicanalítica.
- 2º) levantamento da literatura existente sobre o construto psicológico que se deseja definir, o que corresponde, no nosso caso, em escolher um texto

central: “*Sobre o Narcisismo: uma introdução*”, de Sigmund Freud. Isto posto, estabelecer seus antecedentes e seu desenvolvimento na própria obra de Freud, complementando com contribuições de autores posteriores, que comentaram o assunto e contribuíram para ele. A escolha de “*Sobre o Narcisismo*” se deve ao fato de se apresentar como a primeira e única monografia de Freud sobre este assunto, sendo, pois, justificável tomá-lo como referência para introduzir a discussão do seu conceito e definição.

- 3º) completada a tarefa dos dois itens acima, será feita uma análise conceitual do narcisismo.
- 4º) será considerada a *aplicabilidade* do conceito em diferentes áreas, partindo do suposto de que a validação de um conceito pelo seu uso pode ter, numa pesquisa qualitativa, o valor epistemológico comparável à verificação e à testagem das pesquisas quantitativas. Uma ilustração clínica com excertos de sessões, focalizando a apreensão de aspectos dinâmicos da psicopatologia narcisista, permitirá exemplificar a utilização clínica do conceito.

Pensamos que demonstrar a aplicação de um conceito pode servir como critério de validação do mesmo, embora estejamos plenamente cientes de que nos movemos dentro de um referencial psicanalítico, que supõe um *objeto próprio* - os processos mentais inconscientes - requerendo um *instrumento metodológico específico*, que é a interpretação.

- 5º) embora saibamos da dificuldade de operacionalização dos conceitos psicanalíticos, e mesmo da oposição de certos psicanalistas à sua mera consecução, delinearemos alguma possibilidade de procedê-la para certos aspectos empíricos, portanto observáveis, de manifestações do narcisismo, que consideraremos ao final deste trabalho, como sugestões para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 3
ANÁLISE DO MITO DE
NARCISO

Reunimos quatro versões do mito de Narciso, que permitem distinguir diferentes modalidades de relações amorosas e abordar o problema da constituição da identidade e da formação da personalidade, que serão desenvolvidos no texto deste trabalho. Usando a nomeação de Carnevacci (1991), por nos parecer a que melhor atende aos nossos propósitos e por possibilitar ilações psicogenéticas e psicodinâmicas, apresentamos suas versões, acrescidas de algumas variações encontradas noutros autores (Urtubey, 1971/2; Schwartz-Salant, 1995; doc. el.).

Versão auto-erótica: Na terra dos tespieses existe um lugar chamado *Donakôn*, onde se acha a fonte de *Narkissos*, e conta-se que Narciso, olhando para dentro da água, e sem perceber que estava vendo sua própria imagem, enamorou-se de si mesmo, e, em conseqüência deste amor, sobreveio a morte junto à fonte.

“Mas é na realidade uma estória completamente idiota, que um indivíduo, com idade para enamorar-se, não seja ao mesmo tempo capaz de distinguir o que seja um homem e o que seja uma imagem de um homem.” (Pausanias, IX: 31, 7 -8)

Versão homossexual: Em Tespis, na Beócia, nasceu o menino Narciso, de grande beleza, mas que desprezava Eros e os amantes. Um rapaz de nome Ameínias insistia em cortejá-lo, sem desistir, ao contrário dos outros enamorados que, diante da rejeição, acabavam por renunciar a má-lo.

Narciso, além de não corresponder ao seu assédio, deu-lhe de presente uma espada, com a qual ele viria a suicidar-se, diante de sua porta, sem antes ter invocado vingança com veemência a Eros, o deus também menosprezado. Assim, por castigo divino, Narciso, contemplando em uma fonte sua própria imagem, com toda beleza nela refletida, tornou-se absurdamente enamorado de si mesmo. Por fim, desesperado e julgando sofrer uma punição justa pela falta cometida ao desprezar o amor de Ameínias, suicidou-se.

Desde então, os tespieses passaram a honrar e venerar mais o deus Eros, em sacrifícios públicos e em cultos privados. Sobre a terra, em que se verteu o sangue do efebo, despontou pela primeira vez a flor de Narciso, segundo crêem os habitantes dessa cidade.

Versão andrógina: conta-se que Narciso tinha uma irmã gêmea muito parecida com ele. Vestiam-se da mesma maneira e penteavam o cabelo do mesmo modo, além de irem à caça um em companhia do outro. Narciso era enamorado pela irmã e, quando essa

morreu, ele, indo freqüentemente à fonte, compreendia que via a própria imagem (*skiàn*), porém, embora o compreendesse, parecia que via não a sua própria imagem (*skiàn*), mas a imagem (*eikòna*) de sua irmã, que lhe proporcionava consolo e alívio amoroso.

Quanto à flor de Narciso, parece que, nesta versão, a terra a fez surgir ainda antes de o episódio supracitado, a crer nos versos épicos de *Pamphos* (Pausanias, *ibidem*).

Schwartz-Salant (1995) completa essa narrativa de Pausânias, com acréscimo deste próprio autor, onde considera que o poeta Pamphos nasceu muitos anos antes de Narciso, o téspio, e já contava que a Donzela, filha de Demeter fora raptada quando colhia não violetas, mas narcisos, flores que a haviam atraído para o local do rapto. Porém, Claudânio, em seu poema “*De raptu Proserpinae*”, produzido nos anos 390, reverte a cronologia de Pausânias, que escreveu no século II, fazendo a jovem colher o narciso, “*que antes fora um jovem de extraordinária beleza*”. Desta forma, vinculam-se ao de Narciso, os mitos de Deméter e Perséfone, a Donzela.

Segundo pensamos, a qualificação andrógina dada a essa versão por Carnevacci não parece adequada, pois andrógino, tal como é hoje utilizado, especialmente na mídia, remete a conotações de indefinido ou extravagante, que não nos parecem apropriadas para a compreensão do mito. A alternativa de adjetivá-la como hermafrodita, com base na reunião das figuras de Hermes e Afrodite, ambos exemplos de beleza na mitologia grega, também tem o inconveniente de conotar anormalidade sexual no desenvolvimento da genitália, tal como prevalece no seu sentido biológico. Para permanecermos fiéis a Freud, proporíamos designar com mais propriedade essa versão de bissexual, porquanto, embora se refira a Narciso e sua irmã, pode representar os aspectos femininos do próprio personagem, o que estaria mais de acordo com a compreensão do amor colocado na própria pessoa, ou mais propriamente, em ambos os aspectos, masculino e feminino, dele mesmo.

Versão heterossexual: a ninfa Alciope (ou Leriopé) gerou Narciso do Rio Cefiso e o adivinho Tirésias previu que seu destino seria próspero, caso não desse excessiva importância à sua beleza. Tendo Eco, filha de Eros, se enamorado dele e não obtendo reciprocidade, passou a persegui-lo, embora ele lhe escapasse e, repetindo apenas o final das frases dele, definhou até morrer. Transformada em pedra e escondida entre as montanhas, dela ouve-se somente a voz. Isso ocorreu devido à instigação de Hera, porque

com sua loquacidade, Eco a tinha freqüentemente entretido, impedindo-a de surpreender a Zeus, enquanto este perseguia as ninfas entre os montes. É por isto, se conta, que Eco foi então, devido à sua deformidade, escondida entre as montanhas, de modo que ela nada pudesse ver, a não ser ouvir a voz.

Quanto a Narciso, por causa da crueldade e arrogância com que havia se portado em relação a Eco, Nêmesis, isto é, a Sorte vingadora dos altaneiros, tornou-o enamorado de si mesmo, afim de que sofresse um amor tão ardente quanto o de Eco.

Exausto de uma caçada, Narciso aproxima-se de uma fonte para beber e, ao ver a própria imagem refletida na água e atribuindo-a a outro, dela enamorou-se e do seu desejo por ela consumiu-se até a morte. De seus restos nasceu a flor que as ninfas Naiades, chorando o triste fim do irmão, chamaram de Narciso

Considerações psicanalíticas sobre o mito

Trazemos essas versões dessa lenda, não para mera informação histórica, mas porque elas também demonstram as diferentes maneiras como essa estória pode ser tomada, derivando de cada versão uma possibilidade de teorização psicológica.

Freud referiu-se explicitamente ao mito de Narciso apenas em três ocasiões e na forma mais sintética, referindo-se à narrativa de um jovem que se enamorou de sua própria imagem, ou seja, a versão auto-erótica, sem menção a quaisquer outros objetos que não o eu próprio, tomado como objeto de amor (ESB, XI: 92; XVII: 173; XXII 128 n.2). Dessa forma, enfatiza o que, para ele, deve ser o aspecto essencial, o investimento libidinal no ego, sendo os outros fenômenos dele derivados. Assim, as demais versões seriam meros desdobramentos de um fato primordial, quando o indivíduo passaria a investir outros objetos, sejam eles do mesmo sexo ou do sexo oposto.

Aos kleinianos, pelo contrário, interessariam as outras versões, uma vez que, pondo em dúvida a ocorrência de uma fase anobjetal do desenvolvimento, enfatizam as relações de objeto narcísicas, mais do que um estado narcisista original ou primário, de puro investimento egóico, sem a presença de qualquer objeto.

Detalharemos em seguida alguns elementos integrantes do mito:

1- Relações interpessoais: nas diferentes versões apresentadas caracterizamos dois tipos de relações: unitária e dual.

Na relação unitária, só aparece um personagem, Narciso, que se relaciona consigo mesmo., na versão denominada por Carnevacci de auto-erótica. O investimento total em si mesmo, com retraimento dos demais e de todo interesse pelo mundo externo define, em parte, o autismo, uma patologia que se engloba nas formas de psicoses infantis ou se refere a um aspecto, que foi escolhido por Bleuler como um dos sintomas fundamentais da esquizofrenia. Freud iria considerar que a fase auto-erótica era o ponto de fixação da esquizofrenia, que nisto se diferenciaria da paranóia, cujo ponto de fixação estaria na fase do narcisismo (ESB, XII, 102)

Nas formulações duais do mito, observam-se dois tipos de movimentos em relação ao objeto amoroso, de afastamento ou de aproximação. O afastamento se dá na fugida a Eco e na recusa ao amor de Ameírias, nas versões heterossexual e homossexual. Aparentemente, a recusa de Narciso ao amor de um jovem parece contradizer o fato de se explicar o amor homossexual como mera especularização, pois, como veremos, a explicação de Freud sobre a importância do narcisismo na gênese do homossexualismo é mais complexa e implica num processo de identificação, tal como ficará assente na sua obra sobre uma recordação infantil de Leonardo da Vinci (ESB, XI).

A relação dual de aproximação requer um elucidamento mais detalhado. Trata-se da relação de Narciso com sua irmã gêmea, que é idêntica a ele, de forma que mal se distingue um de outro, o que nos demonstra estarmos diante de um tipo de relação fusional, mais parecida com uma forma unitária do que propriamente diádica. Também podemos especular que a irmã de Narciso, dadas suas características, representa a parte feminina dele mesmo, uma maneira do mito representar a bissexualidade constitucional do ser humano, segundo Freud. Portanto, só aparentemente seria dual, mas no fundo, teríamos uma espécie de relação unitária.

Finalmente, nesta relação dual em tela, é Narciso quem ama sua irmã, ao contrário das anteriores, em que ele é amado e recusa o amor a ele dirigido pela ninfa ou pelo rapaz. Contudo, se, como vimos, a relação é fusional e, de fato, não passa de uma

espécie de unidade escamoteada, o que temos, afinal, é um enamoramento por si mesmo disfarçado.

2- Filiação -na maioria das versões do mito, Narciso é filho de uma ninfa aquática, Alciope ou Lerioppe com o rio Cefiso, vindo, pois, do elemento água, ao qual se liga mar, e do latim mare provém Maria, figura materna por excelência, mãe de Deus, na doutrina cristã. Apontamos essas referências para salientar a ligação de Narciso ao elemento natural, que contém um bojo de associações com a figura materna, salientando o aspecto dual, o bebê e sua mãe, numa relação especial de fusão, indistinção inicial entre o sujeito e seu objeto de amor e de apoio, que caracteriza o narcisismo primário.

3- Concepção- a forma como se deu a concepção de Narciso é descrita por Ovídio como um estupro, de que resultou, segundo Quilici (doc.el.), uma gravidez penosa e indesejada. O pano de fundo violento em que se dá a concepção e gestação de Narciso indica a aversão às ligações amorosas, também ressaltada na atitude de Narciso diante de Eco: “*Retira as mãos, não me abrases, afasta-te!*”, a mesma diante de Ameíncias e muitos outros e outras.

Noutra versão (www.grupo), na qual ainda se evidencia a aversão ao vínculo amoroso, é Lerioppe quem rejeita Eros, ao ser perseguida por ele. Sendo este deus muito vingativo com as pessoas que o desprezassem, flechou a ninfa quando ela se banhava nas águas do rio Cefiso, fazendo-a tomar-se de paixão pela divindade das águas e não atender aos apelos de Afrodite, que, não sendo atendida, enfurecida, deixou-a a sua própria sorte. Embora nesta variação não fique evidenciada a violação, no entanto a forma de concepção é igualmente arrebatada e impulsiva, sem plena consciência da ação, ficando comprometida a livre deliberação da vontade. Narciso não foi concebido de forma consciente, como fruto desejado numa relação assumida voluntariamente de um desejo plenamente desenvolvido. Todas as relações afetivas descritas são claramente imaturas.

Eros, água, rio Cefiso, ninfa Leroíope, Narciso – toda essa rede associativa remete a formas primitivas de amor, da qual Afrodite é também representante, sendo “*uma divindade arcaica da feminilidade*”, a verdadeira fêmea, que está além de qualquer moralidade, pois é do tempo anterior ao aparecimento da moral, sendo vaidosa, ciumenta, irada, vingativa (Johnson,1921). Crono cortou o pênis de Urano e o jogou ao mar, dele nascendo Afrodite, também conhecida como Urânia. O vocábulo uranismo significa inversão sexual, homossexualismo masculino, o que remete a uma das versões do mito de Narciso.

Um registro do mito estabelece que Afrodite era afrontada por Narciso, que se gabava de ser imune às flechas de seu filho Eros (Cupido) e, quando Eco foi por ele humilhada, Afrodite indignou-se e instruiu seu filho a atirar a seta em Narciso, quando este se inclinasse diante da fonte. Uma variação deste relato diz que Eros deu à Ártemis (Diana), deusa da caça, - de quem Eco era favorita e a quem se queixaram as ninfas das montanhas pela atitude de Narciso – a seta que atingiu o belo jovem.

4- A **profecia** - no poema de Ovídio, aparece com destaque a figura do adivinho Tirésias, que vaticina o destino de Narciso, já no início da narrativa do episódio e vai reaparecer no seu fechamento, onde proclama o poeta das *Metamorfoses*:

“Quando essa história foi contada além, aumentou a bem merecida fama do vidente por todas as cidades da Grécia e grande era o nome de Tirésias”.

Notando que Tirésias surge como elemento comum nos mitos de Narciso e Édipo, Zimerman (2001) conclui agudamente que a indiscriminação é incompatível com a diferenciação, pois o vir a conhecer-se, que, no vaticínio revelado a Leroíope, provocaria a morte de Narciso, implica no reconhecimento da diferença, do outro, o que já nos introduz no terreno de Édipo, Pela superação do narcisismo, faz-se a transição do espelho da ilusão para o mundo da realidade. O mundo de Narciso é o da indiferenciação pré-edípica.

A profecia feita por Tirésias comporta duas variantes. Na primeira, Narciso viverá muito se jamais **se conhecer**; noutra, perecerá se vier **a mirar-se**. Uma enfatiza os perigos do autoconhecimento, outra a visão apaixonada de si, o desprezo pelo amor de outrem.

5- O espelho: Narciso mira-se no espelho das águas, estabelecendo o aspecto visual do mito, que nos remete à relação exibicionismo-voyeurismo como uma manifestação erótica particular, ligada à esfera do narcisismo. A luz, referida ao mito de Narciso, transparece como elemento de compreensão, tanto na cegueira que o encerramento em si mesmo traz, impedindo o belo jovem de ver qualquer outra pessoa que lhe despertasse interesse além dele mesmo, quanto no esclarecimento advindo quando se vence um preconceito científico

Podemos entender o dogmatismo religioso, político e científico a partir de um espelhamento narcisista recíproco entre os vários membros de uma coletividade, criando uma espécie de narcisismo social, avesso ao surgimento do novo,

Outrossim, lembramo-nos do famoso “sinal do espelho”, nas aulas de semiologia psiquiátrica, ensinado pelos professores de psicopatologia como um sinal característico da esquizofrenia e dado como fato universalmente conhecido, dispensando referência específica a qualquer autor. Este sinal inspirou várias fitas de cinema, em que o psicótico é posto a se olhar demoradamente diante de um espelho, às vezes fitando fixamente a própria imagem, às vezes vendo-a distorcida de forma monstruosa e assustadora, noutras ocasiões levando o doente a espatifar a superfície refletora de sua auto-imagem com um murro, numa reação de fúria persecutória.

Metaforicamente, fala-se no espelhamento do olhar materno, de admiração desta por seu bebê e de extasiamento deste por ela, num tipo de vínculo fusional, que muitas vezes não se supera e trará conseqüências tardias no desenvolvimento amoroso do novo ser ou contribuirá para a manutenção de vínculos patológicos, dada sua inadequação pela intensidade e extemporaneidade.

6- A flor – que nasce onde Narciso morreu, é um símbolo de ressurreição, mas ao mesmo tempo pode ser entendida como uma forma de reparação mágica ou, como dirá Melanie Klein, maníaca, com base em mecanismos de onipotência e culpa paranóide.

A reparação maníaca (Hinshelwood,1992) enquanto manifestação do pensamento mágico e do sentimento de onipotência, tem bases frágeis e tenderá a falhar, como dá conta o castigo eterno imposto a Narciso, numa das variações do mito, prolongando-se seu sofrimento no Hades. Podemos ver aqui representada a atuação de um superego cruel, contrapartida á reparação maníaca, mostrando que quanto mais primitiva a defesa, mais primitiva a reação contra ela.

No universo mitológico tudo é intenso: os desafios e as façanhas que dão conta deles, as estupendas estratégias para vencer armadilhas e decifrar enigmas, as punições severas impostas aos heróis pela cólera dos deuses.

Narkissos, nome da flor e do mancebo, vem de narké, entorpecimento, raiz etimológica de narcótico. Num estado de obnubilação dos sentidos, Leriópe deixa-se envolver nas águas volutas do rio Cefiso, estado de mente alterado que é reforçado na narração em que Eros a flecha nas margens do rio, tornando-a intensamente enamorada, como se estivesse sob influência de alguma poção mágica. Aliás, Leriópe deriva de leyrión, a flor lírio, da qual algumas espécies têm poder psicomimético, como bem o sabem os cultores de algumas seitas que utilizam o chá de lírio com finalidades rituais.

A descrição da flor que surge no local onde morreu Narciso varia entre os autores: ora tem um centro amarelo, cercado de pétalas brancas, ora é roxa, rodeada de folhas brancas, ora é um narciso branco de corola vermelha, de que se extrai um bálsamo com efeitos narcóticos.

Num texto de botânica, informa-se que este é um gênero em que se apresentam muitas dificuldades na identificação e taxonomia das diferentes espécies, pois é cultivado há longos anos e existe hibridação e seleção em larga escala, havendo uma subsequente fuga de plantas e conseqüente naturalização. Nele se incluem flores solitárias ou em umbelas de 2-15 flores, amarelas, brancas ou bicolors (raramente verdes), algumas vezes perfumadas No hino homérico dedicado a Demeter, é descrito um narciso de aparência mágica:

“Era ele objeto de admiração para todos, para os deuses imortais, como para os homens mortais. E de suas raízes nasceram mil cabeças, que exalavam um odor tão suave que todo o amplo céu acima, toda a terra e todas as salgadas ondas do mar sorriam”.

(Schwartz-Salant, 1995)

7- **Crime e castigo** - de que vício ou crime fala este mito, que justifique o castigo e que tipo de reação moral se produz?

Quando Leroíope assusta-se diante da formosura incomparável de seu filho, aparece em cena o grande vício da *hybris*, ultrapassagem do métron, a transgressão da harmonia e da medida, tão exaltadas pelos gregos. E a ação viciosa prossegue na vaidade e no orgulho de Narciso, no desmedido amor a si mesmo.

O castigo não é a morte, propriamente, mas a condenação ao amor impossível pela sua própria imagem inalcançável, que prossegue depois da morte, fazendo-o contemplar-se no Estige, rio da morte. Esta pena perpetua-se pelo tempo afora, como se depreende de o jovem Orfeu, muito mais tarde, tê-lo encontrado pranteando o silêncio de seu amado, debruçado às suas margens.

“Nem mesmo a poesia divina de Orfeu acalentaria a dor de Narciso”
(www.grupo).

A emotividade predomina nos domínios de Narciso e o pensamento é mágico, características de um universo primitivo, comparável aos primórdios da humanidade e do desenvolvimento infantil. Com razão, Melanie Klein (1946) o situa na fenomenologia da posição esquizoparanóide, pois não há em Narciso a dimensão da culpa e do remorso pela dor causada a outrem, só atingíveis na posição depressiva.

Mesmo na versão de Cãnon, o suicídio de Narciso parece mais um desespero diante da impossibilidade de alcançar a figura amada espelhada na água do que um justo arrependimento diante da morte suicida de Améinias pela espada que a ele ofertara. Sua consciência não passou da presunção de que estava sofrendo um castigo dos deuses, sem atingir um nível genuinamente ético, de autoconsciência moral. Se há traço de culpa, é da natureza da culpa persecutória (Grinberg, 1978), que melhor se chamaria temor ao castigo.

Fiel ao espírito primitivo, o castigo é implacável, seguindo a lei de talião: se desprezou os amantes, será desprezado pelo amado, se provocou o suicídio, morrerá também pelas próprias mãos. A sentença, como se ditada por um superego arcaico cruel, é cumprida mesmo após a morte, como condenação perpétua no reino de Hades.

Quem aplica a pena é Nêmesis, a deusa da vingança, forma primitiva de justiça, ao estilo das Fúrias ou Erínias, que dominaram as aplicações das penas, de forma cruel e inclemente, nas tragédias gregas anteriores ao julgamento de Orestes pela morte de sua mãe Clitemnestra, responsável, em cumplicidade com Egisto, pela morte de seu pai Agamenom. Narciso é anterior a este período de evolução da cultura grega, em que pela primeira vez se estabelecia um tribunal de júri, com pleno direito de defesa ao réu, como se deu no Areópago, sob a direção de Atena, no julgamento de Orestes. Assim se compreende a severidade do castigo de Narciso, de forma inapelável. Mesmo as variações que atribuem a Eros ou Afrodite o papel de deus vingador e justiceiro, não retiram, antes reforçam, o primitivismo dessa forma de justiça.

O suicídio de Narciso acarreta um problema teórico importante e até uma aparente contradição lógica. De fato, se, por definição, em Freud, o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação, não estaria garantida ao narcisista uma espécie de imunidade contra o suicídio, uma vez que ele se ama acima de tudo? Por outro lado, ainda, não é a morte por suicídio uma ação flagrantemente contrária ao instinto de autopreservação? Ou, em suma, como o auto-amor pode levar à autodestruição?

Cassorla (1991), em seu estudo sobre o suicídio, pode vir em nosso auxílio, quando observa:

“Isto nos leva a um aspecto básico: o suicida não quer morrer – na verdade, ele não sabe o que é a morte. Aliás, ninguém sabe. O que ele deseja é fugir do sofrimento” (p.22).

Quer dizer, o motivo do suicídio é fundamentalmente egoísta, buscando o alívio dos tormentos, o fim de uma dor constante ou insuportável, algo, portanto, ligado a uma fantasia de libertação, profundamente radicada na libidinização do egoísmo ou na erotização de Tanatos.

Se, na origem de todo desenvolvimento psíquico, contrapusermos ao narcisismo primário o masoquismo primário, contradição que se prolonga por toda a vida do indivíduo, em fusões e defusões pulsionais, como nos oferece a visão da última teoria das pulsões de Freud, diríamos que, no suicídio narcisista, o triunfo é do narcisismo sobre o masoquismo.

Enquanto este último eternizaria o sofrimento, Narciso não o suporta e põe cobro à sua vida, movido por uma fantasia de libertação, alimentada pelo princípio do prazer.

Cassorla (1985) nos oferece alguns exemplos de fantasias suicidas em que se notam fenômenos de idealização, como o encontro de uma vida plena de paz num outro mundo ou do reencontro com uma figura muito querida e idealizada na eternidade. A idealização, mostrou-nos Freud, em sua obra *princeps* sobre o narcisismo, é um fenômeno da esfera narcisística.

A fantasia de retorno ao útero, a volta à mãe terra, pode ser teorizada como uma atração do estado de narcisismo absoluto da vida intra-uterina, seduzindo o suicida a praticar seu ato derradeiro, como que seduzido pelo canto da sereia, qual Ulisses diante de Circe, nesta trágica odisséia de regresso ao ventre materno.

CAPÍTULO 4
LEITURA TEXTUAL DO
NARCISISMO

Plano de leitura

O texto fundamental “*Sobre o Narcisismo: uma introdução*”, de Freud, será situado em relação á sua obra e dividido em algumas partes, conforme os diferentes subitens abordados pelo autor (Apêndice Um), fazendo-se uma leitura crítica de cada uma delas, embora não necessariamente na mesma ordem.

Inicialmente, consideraremos os textos precursores de Freud, anteriores à sua obra máxima sobre o tema estudado.

Em seguida, se discutirá a evolução do conceito de narcisismo no próprio desenvolvimento ulterior da teoria dentro da obra freudiana, No Capítulo V será pesquisada a evolução da teoria do narcisismo nas obras dos analistas posteriores, com especial interesse por aqueles que se detiveram mais nessa questão.

Textos precursores

No texto de 1914, temos a considerar as idéias anteriores que ele reúne, as revisões de conceitos a que ele obriga e as novas contribuições que traz, nesse momento. Numa leitura retroativa, se remontarmos dos últimos trabalhos de Freud aos mais antigos, poderemos identificar novos temas, que não estavam presentes ou mal se anunciavam na *Introdução* e aspectos controversos, desde então suscitados por ela.

Recuando às referências precursoras, a primeira menção pública a este termo se fez na segunda edição dos *Três Ensaio*s, de 1910, em nota de rodapé, ao tratar do objeto sexual dos invertidos, onde anuncia que a psicanálise descobriu o mecanismo psíquico do desenvolvimento das inversões, assinalando que

“... os futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher (geralmente sua mãe) e que, depois de ultrapassar esta fase, identificam-se com uma mulher e se consideram, eles próprios, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar, como eram amados por sua mãe”.(ESB, VII: 145, n.1).

Além disso,... pretensos invertidos não foram de maneira alguma imunes aos encantos de uma mulher, mas continuamente transpuseram a excitação provocada pelas mulheres para um objeto masculino. Repetiram, assim, através de suas vidas, o mecanismo que determinou sua inversão. *“Seu desejo compulsivo de homens acabou sendo determinado por sua incessante fuga das mulheres”*.(ESB, VII: 146, n.1).

Esse mecanismo é aplicado a Leonardo, na mesma época, em *“Leonardo da Vinci: uma lembrança de sua infância”* (1910) deduzindo-se das notícias disponíveis de sua biografia, que ele amava seus discípulos da maneira que sua mãe o amou na infância, encontrando seu objeto de amor segundo o modelo do narcisismo. Ressalve-se que Freud tem o cuidado de esclarecer que este não é o único modo de explicação da homossexualidade, está descrevendo apenas um de seus tipos.

Em 1911, estudando as Memórias de Schreber, Freud faz uso psicopatológico da noção de narcisismo, aplicando-o à explicação da paranóia, que envolve um retorno ao estágio do narcisismo, concebido como intermediário entre o auto-erotismo e o amor objetal. Segundo ele, *“chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (até então empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa, que não ele mesmo, como objeto.”* Os órgãos genitais podem ter importância principal no eu (self) do sujeito escolhido como objeto amoroso, conduzindo a uma escolha objetal homossexual.

Quando se atinge a fase heterossexual, as tendências homossexuais podem combinar-se com os instintos do ego e, como componentes ligados, ajudam a constituir os instintos sociais. Acontece a sublimação dos instintos eróticos, com inibição do objetivo sexual e aplicação da libido nos interesses gerais da humanidade. Há dessexualização da libido (ESB, XII: 82-83). São resultantes de igual operação a amizade, a camaradagem, o *esprit de corps* e o amor universal.

Para Freud, o simples desligamento da libido dos objetos não é suficiente para explicar a paranóia, pois isto também ocorre nas neuroses e mesmo na vida mental normal. Deve-se indagar sobre o destino da libido assim liberada. Observando a megalomania

característica da paranóia, Freud conclui que a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para seu engrandecimento, num retorno ao narcisismo. Logo, “*os paranóicos trouxeram consigo uma fixação no estágio do narcisismo, e podemos asseverar que a extensão do retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo constitui medida da quantidade da regressão característica da paranóia*”.(ESB, XII: 96).

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud aplica esse conceito à Antropologia, considerando as atividades mentais dos povos primitivos como manifestações narcísicas. A onipotência do pensamento deve-se à sexualização do pensamento (narcisismo intelectual), o que cria a ilusão de poder controlar o mundo e a inacessibilidade à experiência como corretora.

Ananké (Ανάγκη), a Necessidade, opõe-se ao narcisismo humano.(E.S.B., XIII,116) .

Freud ainda relaciona, em notável contraposição, as fases do desenvolvimento libidinal às fases de desenvolvimento da visão humana do mundo. À fase animista corresponde a narcisista; à fase religiosa, a da escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; e a fase científica corresponde àquela em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao Princípio do Prazer, sujeita-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seu desejo.(ESB, XIII: 113).

Freud também aborda neste trabalho as fases iniciais do desenvolvimento libidinal de forma ligeiramente modificada ao falar que é indiferente dizer que há uma terceira fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal ou dizer que a fase do auto-erotismo pode ser dividida em duas, sendo a primeira aquela em que os instintos sexuais isolados satisfazem-se em partes isoladas do corpo, e a segunda, a em que se reúnem num todo único e encontram como objeto o seu próprio ego.

A organização narcísica nunca é totalmente abandonada, mesmo depois de a libido ter encontrado um objeto externo e são exemplos deste resquício o estado de apaixonamento e as artes, sendo estas um campo em que a onipotência do pensamento é mantida em nossa civilização, estando plenamente justificada a expressão “magia da arte”. (E.S.B.,XIII,111-113)

Uma breve menção a esse termo aparece em um dos escritos técnicos,

“*Sobre o início do tratamento*”(1913) , na descrição do comportamento da moça na sala de análise, que, ao puxar a barra da saia sobre os tornozelos, estaria mostrando a essência do que sua análise revelaria: um *orgulho narcísico* de sua beleza física e inclinação ao exibicionismo.(ESB, XII: 181).

RELENDO “A INTRODUÇÃO”

A teoria freudiana não se apresenta como um sistema coerente único de conceitos teóricos, antes se desdobra todo um desenvolvimento em que os conceitos vão sendo criados, superados ou ainda persistindo uns ao lado dos outros, parcial ou totalmente, de maneira que os autores que estudaram o desenvolvimento histórico do arcabouço teórico da psicanálise (Mezan, 1987; Nagera, 1981) ou a biografia de Freud (Jones, 1961; Gay, 1988) costumam separar alguns períodos mais marcantes no decurso da evolução das idéias de Freud em seu trabalho de construção da psicanálise.

Quando a *Introdução ao Narcisismo* surgiu, já havia um sistema teórico-clínico coerente e bem estabelecido. A teoria do trauma da sedução infantil havia sido superada com o advento da teoria da sexualidade infantil, o que implicava em que o inconsciente não sabe distinguir entre a ficção emocionalmente carregada (fantasia sexual infantil) e a verdade (Treurniet,1991).

Disponha-se de um quadro explicativo das psiconeuroses de defesa, distinguidas das neuroses atuais, segundo uma teoria geral das neuroses, e a técnica estava sedimentada pela descoberta da transferência, inicialmente obstáculo e, agora, o principal instrumento na condução do tratamento, pela livre associação e interpretação dos sonhos do analisando e pela atenção flutuante do analista.

Este arcabouço teórico completava-se com uma teoria do desenvolvimento psicosexual em suas fases oral, anal, fálica e genital, e com a teoria da libido, que reconhecia dois instintos básicos , o de autoconservação (conservação do indivíduo) e o sexual (conservação da espécie), cuja oposição era capaz de gerar conflitos patogênicos e desencadear as neuroses.

Havia, finalmente, uma teoria do aparelho mental, constituído por três sistemas: consciente (Pcpt-Cs), pré-consciente (Pcs) e inconsciente (Ics), conhecida como a primeira tópica.

A noção de narcisismo força uma revisão da teoria libidinal vigente, com repercussões em todos os outros aspectos até então estabelecidos, esclarecendo, é bem verdade, alguns novos pontos, mas também suscitando controvérsias e trazendo novas questões, o que não deixou de ser fecundo, como ainda hoje é.

Como veremos, anuncia-se uma nova fase entre as já conhecidas do desenvolvimento libidinal, cria-se o conceito de ideal do ego, forçando a futura construção de uma segunda tópica, dada a necessidade de se definir melhor a concepção do ego, revisa-se a teoria das neuroses, enriquecendo-a com novos aportes, e incita-se um desafio à técnica para a tentativa de superação da transferência narcísica, novo obstáculo posto para a consecução do tratamento.

Na primeira parte do texto, Freud se empenha em conceituar o narcisismo e justificar a necessidade de sua introdução teórica, examinando as suas conseqüências para a teoria da libido e algumas questões suscitadas a partir daí, como as diferenças entre o retraimento neurótico e psicótico, os diferentes destinos da libido originalmente narcísica (libido do ego e libido do objeto, comparáveis aos pseudópodos retráteis de uma ameba), as formas de manifestação da libido narcísica, quer em seus aspectos patológicos, na megalomania da demência precoce, quer em seus aspectos normais, na vida mental dos homens primitivos e das crianças (narcisismo natural e narcisismo infantil). Por fim, discute a relação entre o narcisismo e o auto-erotismo e aborda a questão da unicidade da energia psíquica, razão de sua polêmica com Jung.

Na segunda parte, considerará outros meios de abordagem que permitem conhecer melhor o narcisismo, através do estudo da doença orgânica, do estado de sono, da hipocondria e da vida erótica dos sexos, destacando-se a magistral diferenciação entre as escolhas libidinais narcísticas e anaclíticas.

A terceira parte ganha enorme importância por introduzir a noção de *ideal do ego*, a partir da qual são reexaminados o complexo de castração e o mecanismo da repressão, fica estabelecida a distinção entre sublimação e idealização, introduz-se a noção

de agente auto-observador, levando ao reexame da consciência moral e da censura onírica, discutem-se a auto-estima e o apaixonamento e, por fim, afloram-se brevemente a psicologia do grupo e o sentimento de culpa, assuntos que serão discutidos mais exaustivamente em obras posteriores.

Em seguida, detalharemos mais o estudo do texto, sempre partindo dele, mas sem nos prendermos exclusivamente ao que estava contemporaneamente presente nele, o que se justifica pela clareza de exposição, vinculando suas inovações a contribuições ulteriores.

1-CONCEITUANDO

De início, equivocadamente, Freud atribui o termo narcisismo a Paul Näcke, usado em 1899 para descrever um tipo de perversão em que o corpo da própria pessoa é tomado como objeto sexual, mediante a contemplação, afagos e carícias, até a obtenção de satisfação completa através dessas atividades. O equívoco só é desfeito em 1920, em nota de rodapé à 4ª edição dos *Três Ensaios*, onde o crédito é dado a Havelock Ellis, embora o próprio Ellis, em artigo subsequente de 1928, viesse a colocar a ressalva de que o utilizara, em 1898, num sentido diferente de Näcke, para descrever um tipo de atitude psicológica semelhante a do personagem do mito grego, ou seja, “*Narcissus-like*”. Como mero detalhe lingüístico, nota-se que o termo usado por Freud em alemão é *Narzismus*, um neologismo que inventou para evitar a cacofonia de *Narzissismus*.

Roudinesco & Plon, em seu Dicionário de Psicanálise, atribuem a precedência do termo a Alfred Binet, que o empregou em 1887 para descrever uma espécie de “fetichismo”, em que a própria pessoa se tomava por objeto sexual.

Como se constata, nosso texto já se inicia com ambigüidades, como renunciando todas as dificuldades que se seguirão, vivas ainda agora.

A esta altura, intriga-nos o fato de que Freud não tenha incluído o narcisismo como perversão nos *Três Ensaios*, o que poderia ter feito, distinguindo-o como um tipo segundo o objeto sexual, conforme observa Etchegoyen (1991). Parece, pois, proceder a observação de Clifford Yorke (1991) que Freud não reconhecia que houvesse uma

verdadeira perversão narcísica, pelo menos na forma extrema e pura descrita por Näcké. Na clínica, de fato, não se encontram casos em que apenas a contemplação e acariciamento do corpo leve ao orgasmo. A referência a Näcké, por Freud, teria apenas um caráter indicativo ou histórico.

Em prosseguimento, o conceito é expandido para um tipo de atitude psicológica, presente em outras perturbações, como no homossexualismo, como assinalou Sadger, em 1908.

Causa estranheza a referência a Otto Rank (1911), como se lhe atribuísse um uso do conceito, em máxima expansão, para designar um lugar no curso do desenvolvimento humano, uma vez que, já em 1910, isso estava posto no texto freudiano. Ainda mais recuadamente, segundo nos informa Ernest Jones (1961), o primeiro emprego do termo foi feito seis anos antes da publicação da *Introdução*, em reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena, realizada em 10/11/1909, em que Freud falou do narcisismo como uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o alo-erotismo. Terrazas (1985) destaca um trecho da minuta dessa reunião, em que, na discussão de um caso clínico apresentado por Sadger, Freud aponta que sua observação referente ao narcisismo parecia nova e válida, sentenciando:

“Estar enamorado de si mesmo (de seus próprios órgãos genitais) é um estágio de desenvolvimento indispensável. Daí se passa a objetos semelhantes. Em geral, o homem tem dois objetos sexuais primários e sua vida futura depende daquele ao qual ficou fixado.”
(Terrazas,1985,p.83)

Pulver (1970) reporta uma reunião anterior da Sociedade de Viena, com data de 27/05/1908, em que Stekel relatara um *paper* de Sadger, em que o termo narcisismo fazia seu aparecimento como um conceito psicanalítico. Roudinesco e Plon (1998) informam que Isidor Sadger falou do narcisismo como uma modalidade de escolha de objeto nos homossexuais, diferenciando-se de Havelock Ellis por não tratá-lo como perversão, mas como um estágio normal da evolução psicosexual do ser humano

Friedman (1988), vasculhando as atas das reuniões da sociedade psicanalítica vienense, mostra que Freud notou a conexão entre homossexualismo e narcisismo, sem mencionar o último pelo nome, em 28/08/1908, numa discussão sobre Nietzsche; em

novembro de 1909, Sadger aponta para tal relação, usando o termo narcisismo, que Freud acolheu como uma observação “*nova e valiosa*”. Em 01/12/1909, usa a idéia de escolha narcisista de objeto para explicar a homossexualidade de Leonardo da Vinci, até que, finalmente, na reunião de 23/02/1910, reparte os créditos entre ele e Sadger sobre a idéia de escolha dos objetos dos homossexuais (p.501).

O editor inglês vê na carta 125 a Fliess, de nove de dezembro de 1899, uma previsão do narcisismo, onde Freud, após comunicar que via a paranóia como uma primeira expansão da corrente auto-erótica, sugere: “*As relações especiais do auto-erotismo com o ego original projetariam nova luz sobre a natureza dessa neurose*”. (ESB, I: 378).

Na busca de estabelecer a precedência do narcisismo enquanto conceito psicanalítico, os autores esforçam-se em garimpar as mais recuadas referências e Zubiria C. (1998), vai desenterrar uma primeira citação do termo numa carta de Freud endereçada a sua noiva Martha Bernays, com a recuada data de 16 de setembro de 1883, quando, ao lhe narrar a trágica morte de seu amigo Nathan Weiss, comenta: “*Matou-o a soma total de suas características, seu narcisismo patológico*”.

A leitura dessa correspondência impressiona pela modernidade do que Freud nomeia de narcisismo patológico, enquanto arguta descrição de traços caracterológicos e sua correlação com eventos da história de vida pessoal de seu colega da clínica neurológica, sua difícil relação com o pai, e circunstâncias que fizeram com que assumisse um padrão narcisista de personalidade, que tão bem descrevem as seguintes palavras de Freud, em sua missiva:

“Sua principal força impulsora era o amor para si mesmo. Este raiava a tal altura que quase se poderia falar de auto-adulação... Extraía prazer de suas próprias palavras, de seus próprios sentimentos... Sabia pouco e jamais calava muito fundo, carecendo totalmente das qualidades que são básicas para o trabalho científico: o sentido de autocrítica e a paciência”.

Nathan enforcou-se numa casa de banhos públicos e o motivo de seu gesto suicida provavelmente fora a ferida narcísica provocada pelo pouco amor que sua esposa lhe devotava, tendo perpetrado seu ato tresloucado dez dias após o regresso de sua lua de mel, apenas um mês depois de suas núpcias.

Se Freud já tinha noção do narcisismo e de maneira tão avançada em época tão recuada, porque se esforça em repartir as precedências?

É possível que essas referências devam-se ao desejo de buscar respaldo noutros autores ou de prestigiá-los, conforme era política nessa época de combate aos dissidentes Adler e Jung, contra os quais se dirigem as baterias neste trabalho.

Retomando o texto da *Introdução*, após essa incursão sobre os antecedentes históricos do conceito e os devidos créditos aos autores, vemos Freud descrever uma “espécie de atitude narcisista” que erguia dificuldades ao tratamento analítico, opondo limites à suscetibilidade do paciente à influência do analista. Mais tarde, em *Conferências Introdutórias* (1916-17), ao falar da transferência, postula “o montante de narcisismo como barreira contra a possibilidade de ser influenciado, até mesmo pela melhor técnica psicanalítica” (E.S.B.,XVI,519). Na conferência seguinte, sobre “Terapia Analítica”, ensina que a rigidez do narcisismo pode impedir que a transferência para os objetos aumente além de determinado limite, dificultando o sucesso da terapia analítica, que depende da mobilidade da libido (E.S.B.,XVI,531).

Finalmente, chegamos à contribuição realmente original de Freud ao conceito de narcisismo, cuja redação tornou-se uma citação clássica:

“O complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação”.

Por sua concisão, essa fórmula tem valor de definição. Enquanto se aplica a toda criatura viva, é extensiva e engloba tanto a vida normal quanto a patológica.

2-NARCISISMO NORMAL

O narcisismo normal já fora posto em evidência na descrição da vida mental das crianças e dos povos primitivos (*Totem e Tabu*), mas também como um estágio normal do desenvolvimento psicosssexual, tal como visto na explicação do homossexualismo (*Três Ensaios e Leonardo*), e no ensaio sobre Schreber.

O estado de sono que ocorre todos os dias na vida de qualquer um é um exemplo da retirada normal da libido em direção ao eu do indivíduo (SN,99).

Não nos estenderemos mais aqui a esse respeito, que será retomado adiante, quando considerarmos novos aportes em períodos cronológicos mais avançados e nas discussões finais, ao tratarmos das grandes questões controversas.

3-NARCISISMO E ESQUIZOFRENIA, UM MODELO PSICOPATOLÓGICO

A tentativa de incluir a esquizofrenia na teoria da libido, no dizer de Freud, era um motivo premente para ocupá-lo com a introdução do conceito de narcisismo, pois Jung havia publicado um trabalho sobre a psicogênese da demência precoce, onde era negada ou posta em dúvida a teoria da libido. Para Freud, a idéia da retirada da libido dos objetos explica tanto a perda do interesse pelo mundo exterior, quanto a megalomania, provocada pela insuflação do ego, para o qual se destina agora a libido assim retirada dos objetos .

Na neurose também ocorre certo distanciamento da realidade, mas não se cortam totalmente as relações com as pessoas e as coisas. Há uma retirada da libido, menos profunda, porém, e, além disso, seu destino não é o eu, como na psicose, mas se dirige aos objetos fantasiados. Apenas para este último caso caberia o termo introversão da libido, criado por Jung.

No parafrênico (denominação que Freud prefere usar nesta obra), quando a libido retorna aos objetos fantasiados, o faz secundariamente, numa tentativa de recuperação.

Jung contesta que a perda da *fonction du réel* (expressão de Pierre Janet) possa ser explicada pela retração da libido dos objetos, embora considere a hipótese tentadora, e argumenta que a aplicação da libido sobre o eu poderia explicar a psicologia de um anacoreta ascético, não a demência precoce. Freud refuta que Jung toma o termo sexual em sentido restrito, vulgar, que não condiz com o uso psicanalítico e, além do mais, ignora o conhecido processo de sublimação, através do qual o asceta pode desviar seu interesse sexual para fins elevados, como o divino ou a natureza, o que não é o caso do esquizofrênico, cujo objeto da libido passa a ser o ego.

A retirada da libido dos objetos torna-se um modelo explicativo na psicopatologia das chamadas “neuroses narcísicas”, como a esquizofrenia, a paranóia, a hipocondria e a melancolia.

Porém, neste texto, Freud ainda coloca a hipocondria entre as neuroses atuais, considerando que nela as sensações corporais penosas se concentram no órgão que ocupa a atenção da pessoa, desinvestindo os objetos do mundo externo de interesse e de libido, do que resultaria uma “estase” da energia libidinal no órgão, tal como ocorreria nas outras neuroses atuais, a neurose de angústia e a neurastenia.

A concentração da libido num órgão doente rouba toda consideração pelos objetos, de forma que aquele que sofre deixa de amar. Numa conhecida imagem literária, Freud diz que a alma toda fica contida no orifício de um dente dolorido.

A megalomania é secundária no duplo sentido de vir após a retração libidinal do objeto e de aparecer numa época da vida posterior a uma fase inicial do desenvolvimento. Deve-se, pois, distinguir entre narcisismo primário e secundário.

4-NARCISISMO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO, AUTO-EROTISMO E ALO-EROTISMO

O narcisismo primário implica em admitir um estágio do desenvolvimento em que o ego é investido e Freud situa-o, nesse texto, em seguida ao auto-erotismo, argumentando que o ego não existe originalmente como uma unidade, sendo necessário “*uma nova ação psíquica*” (SN, 93) para provocar o narcisismo. Freud não explicita em que consiste essa nova ação psíquica, mas fica claro que o ego tem de ser constituído e isto se faz nesta fase, o que favorece a visão de Lacan em considerar o narcisismo estruturante na constituição do sujeito. Smith (1985) aponta três fatores na transição ao narcisismo: a unificação dos instintos, a formação do ego e o encontro do primeiro objeto, talvez aspectos de um único fenômeno, o investimento no ego das pulsões parciais agora unificadas, constituindo-o o primeiro objeto de escolha. É possível que esses três fatores ou o conjunto deles corresponda à enigmática ação psíquica nova, referida por Freud.

Porém, no ano seguinte, em *Os Instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud estabelece que “no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Chamaremos a esta condição narcisismo e a este modo de obter satisfação auto-erótico” (E.S.B.,XIV:156) Freud articula aqui de forma diferente narcisismo e auto-erotismo, sendo este último um modo de satisfação próprio da condição narcisista. Não se fala em fases libidinais distintas.

Em nota de rodapé, afirma que alguns instintos sexuais são capazes de satisfação auto-erótica, outros requerem desde o início um objeto, ao passo que os instintos do ego (autopreservativos) não são nunca passíveis de satisfação auto-erótica e perturbam o estado de narcisismo primário, preparando o caminho para superá-los. O realismo da sobrevivência impede o solipsismo auto-erótico (coteja-se com *Ananké* opondo-se ao narcisismo, em *Totem e Tabu*).

Em *Conferências Introdutórias* (1916/17), na que trata da teoria da libido e o narcisismo, novamente este aparece como estado original, a partir do qual o amor objetual se desenvolve, “mas que fundamentalmente persiste” (ESB,XIV:92) “sem que o narcisismo desapareça necessariamente” (ESB,XVI: 485). Essa subsistência de uma fase anterior, sem que a ultrapassagem redunde em sua extinção, não se faz apenas mediante fixações patogênicas, como também enquanto tendências ativáveis em padrões normais de comportamento (vd. Narcisismo normal, acima) ou ainda como linhas concomitantes de desenvolvimento, sofrendo suas próprias vicissitudes e transformações (como será defendido por Kohut). Nessa lição deixa claro que “o auto-erotismo é a atividade sexual do estado narcisístico da libido” (ESB, XVI: 486).

Kanzer (1964) faz um detalhado e criativo estudo sobre o uso dos termos auto-erotismo e narcisismo por Freud e apresenta uma interpretação inovadora, em que considera que o termo auto-erotismo é usado em conjunção com a teoria do desenvolvimento libidinal, referindo-se ao prazer sensual derivado do próprio corpo, ao passo que narcisismo está conjugado com o desenvolvimento do ego, de forma que, no primeiro, as experiências prazerosas derivam de sensações somáticas e associam-se com a descarga direta da libido, ao passo que, no segundo caso, os sentimentos prazerosos,

referentes à imagem do self e ao ideal de ego, associam-se com a descarga de energia neutra.

A neutralização da libido é consequência da ligação da energia libidinal na formação do ego, que é visto por Freud, desde “*O Projeto*”, como um sistema inibidor, defensivo, sendo a ligação da energia não só um processo em sua constituição, como sendo a forma como ele executa sua função defensiva, ligando a energia livremente flutuante, que tenderia à descarga, conforme estabelece o princípio do prazer. Desta forma, o próprio investimento narcisista seria um processo de defesa contra a liberação total de energia na direção do objeto libidinal.

Em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), Freud radicaliza a teoria do narcisismo primário: “*Ao nascer, dá-se o primeiro passo desde um narcisismo absolutamente auto-suficiente à percepção de um mundo externo cambiante e ao início do descobrimento dos objetos*”. (grifos nossos)

Já em *O ego e o id* (1923), com o estabelecimento da nova teoria estrutural, vamos encontrar uma concepção inusual do narcisismo secundário, que não reencontramos em outra parte e assim se coloca:

“*Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.*” (E.S.B.,XIX: 62).

Mas, em escritos posteriores – *Um estudo autobiográfico e Novas Conferências Introdutórias* – o ego é apontado como o grande reservatório da libido (ESB, XX: 72; ESB, XXII: 128), enquanto na obra póstuma *Esboço de Psicanálise* é feita esta asserção:

“*Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como libido, acha-se presente no ego/id indiferenciado*” (E.S.B.,XXIII: 175) (grifo nosso).

Em aparente contradição, dois parágrafos adiante, no mesmo texto, está escrito:

“É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ele relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal”. (E.S.B.,XXIII: 176).

Dizemos que a contradição é aparente porque realmente nada se pode dizer sobre como a libido se comporta no id e no superego, pois é ao ego que está afeita a função executiva e não teria muito sentido falar que o id investe objetos, como imprecisamente fez Freud em *O ego e o id*, conforme nos referimos acima, manifestando nossa estranheza e assinalando que em nenhum outro ponto de sua obra é repetida esta insólita noção de um narcisismo secundário, resultante da disputa do ego com os objetos investidos inicialmente pelo id. Talvez, Freud tenha se dado conta dessa imprecisão mais tarde, o que se infere de jamais ter retornado a ela.

Considerando, ademais, que inicialmente o ego é indiferenciado do id, desenvolvendo-se a partir deste último, talvez o mais correto seria situar o reservatório da libido no ego-id indiferenciado.

Porém, se Freud, escritor perspicaz e atento, deixou registradas duas posições antagônicas num mesmo texto, provavelmente quis deixar a questão em aberto, talvez por não ter ele próprio chegado a uma decisão final.

Terminado este extenso percurso pela obra de Freud e apoiando-nos em Urtubey (1971/2), distinguiríamos duas teorias diferentes do narcisismo primário:

- 1) a primeira o considera um estágio da evolução, a partir das pulsões parciais, anárquicas e auto-eróticas, até a eleição objetal amorosa, passando pela constituição do eu, como posto na *Introdução*.
- 2) a segunda, admite um narcisismo primário original anobjetal, paradigmático da época pré-natal, tal como se evidencia na formulação radical de *Psicologia das massas*.

Essa distinção já havia sido avançada por Lou Andréas Salomé, em 1921, quando reconhece o que chama orientação dual do narcisismo, uma, no sentido do desejo da individualidade, outra, um movimento contrário em direção à fusão num estado inicial indiferenciado.

Há, pois, aqui, uma ambigüidade do narcisismo, que, por um lado, supõe um ego já estabelecido, um indivíduo ao qual se aplica a libido e provê o amor de si (*self love*), e, de outro, se refere a um estado de identificação com a totalidade, uma fusão entre o eu e o mundo, quando a percepção de ambos é ainda indiferenciada. Andréas Salomé defende que não se tome o narcisismo com um mero estágio do desenvolvimento, pois “o narcisismo não está limitado a uma única fase da libido, mas é uma parte de nosso amor de si mesmo, que acompanha todas as fases”. Considera que “permanecemos embebidos nele, por todo nosso desenvolvimento, como as plantas permanecem na terra, a despeito de seu movimento contrário em direção à luz”. É possível observarmos um movimento reverso de uma posição de individualidade para uma posição de apagamento da mesma, e vice-versa, como nos exemplifica com um breve relato clínico em que um menino, que já atingira o estágio de auto-reconhecimento, que lhe permitia nomear-se pelo pronome pessoal “Eu”, veio a regredir durante o período de irrupção dos dentes, passando de uma atitude de afetuosa confiança a um mal humor lacrimoso, e voltou a se referir a si mesmo, em certas ocasiões, como “o menino”, de forma impessoal. Assim, quando era punido, sendo posto de castigo num canto, dizia: “*Eu triste*”, enquanto que se corresse alegremente em direção à sua mãe, falava: “*o menino bom, agora*”. Meses mais tarde, quando já deixara o estado de confusão e mau humor, não falava mais “o menino” e podia surgir de uma porta e se apresentar: “*Aqui estou eu*”.

Como é freqüente em Freud que a teoria vá se desenvolvendo ao longo da obra, reformulando-se, sofrendo acréscimos ou correções, torna-se difícil saber como ficou a noção final do narcisismo em sua mente, uma vez que mesmo um de seus últimos textos, como o *Esboço*, traz obscuridade quanto a este conceito.

Retomando o curso do texto da *Introdução*, vamos examinar as modificações forçadas sobre as teorias dos instintos e da libido, com as concepções de libido do eu e libido do objeto.

5-REVISÃO DA TEORIA DOS INSTINTOS E DA LIBIDO

Como essas duas teorias são intimamente relacionadas, a qualquer alteração numa, corresponde uma alteração noutra.

Segundo Nagera (1970), entre 1897 –1911, Freud contrapôs os instintos sexuais aos de conservação, sendo que, em 1910, chamou a esses últimos instintos do ego (ESB, XI, 199). O conflito estabelecia-se entre as forças inconscientes da mente e as conscientes, que eram equiparadas ao ego; no contexto desta teoria, os instintos do ego eram a força repressora e os instintos sexuais, a força reprimida, lutando por chegar à consciência e obter satisfação.

A introdução do conceito de narcisismo, porém, fazia do ego alvo de investimento libidinal, borrando a nitidez da distinção entre instintos sexuais e egóicos, o que forçava redirecionar essa distinção entre o ego e o objeto, a disputar a catexia libidinal. Impunha-se, agora, distinguir entre libido do ego ou narcísica e libido do objeto.

Mas Freud ainda manteve, paralelamente, a idéia de que existia um componente não libidinal dos instintos do ego, a que chamava *interesse*. Desta forma, recusava-se a reconhecer um único tipo de energia psíquica em geral, como propunha Jung, apresentando em seu favor três argumentos: primeiramente, isso dava conta do quadro explicativo da teoria das neuroses, enquanto consideradas como resultado do confronto entre os instintos sexuais e os de conservação individual; depois, isso se harmonizava com a distinção popular entre duas ordens de necessidade, fome e amor, a que corresponderia o reconhecimento de uma função dúplice do indivíduo, uma, de servir às suas próprias finalidades e outra, de ser apenas um elo na corrente de transmissão da vida, a que ele se submete, independentemente de sua vontade, e que dele se serve para perpetuar a espécie. Por último, seria possível que as idéias psicológicas tivessem um dia de se basear em subestruturas orgânicas, de forma que, o que hoje se consideram forças psíquicas especiais, viriam a corresponder a substâncias químicas especiais.

Este derradeiro argumento, denunciador de uma visão reducionista, alerta Freud de que sua teoria da libido *“está longe de repousar inteiramente numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia”*, admissão que deve ter feito contrariado, pois, a algumas linhas acima, declarara: *“Tento, em geral, manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento.”* (ESB,

XIV, 95). Chega a conceder a possibilidade *in abstractio* de que a energia sexual – a libido – possa resultar de uma diferenciação de uma energia única atuante sobre a mente, mas não dá a esta questão qualquer relevância, tratando-a como especulação vazia.

Depois de toda essa arenga, é como se dissesse que o que verdadeiramente importava para a prática da terapia psicanalítica fosse a teoria das neuroses e esta exigia a dualidade dos instintos sexuais e do ego, de maneira que tudo o mais não passaria de disputa teórica estéril.

Cumprir notar que o instinto de conservação individual, em Freud, tem uma conotação muito mais abrangente do que o instinto de nutrição animal e talvez, por isso, ele tenha passado a falar de instintos do ego, significando não só a necessidade de alimentos, como também de segurança, seja em relação ao ambiente físico, seja ao meio social, cujas normas tem de respeitar para não se ver ameaçado na sua sobrevivência, internalizando-as como mandamentos de sua consciência moral. Então, se entende como os impulsos sexuais podem conflitar com os instintos do ego, que estão no fundamento de toda repressão imposta pela consciência.

Com o advento de “*Além do Princípio do Prazer*” (1920), a nova teoria dos instintos unifica os instintos de auto-preservação e os sexuais como instintos de vida, opondo-os aos instintos de morte, de forma que já não se faz necessária a distinção entre o interesse e a libido, doravante entendida como a dotação energética de Eros. Neste quadro de referência, justifica-se não se falar mais de instinto, mas de pulsão, seguindo uma tendência de Freud, que, nos seus escritos iniciais, usava freqüentemente o termo *instinkt*, e, nos escritos posteriores, foi preferindo o termo *trieb*, reservando o uso do vocábulo instinto apenas para a sua acepção biológica. Seja como for, com esta versão final da teoria dos instintos, chegou-se a uma concepção unitária da libido, agora referida à pulsão de vida, mantendo-se a dualidade pulsional entre Eros e Thanatos, de cuja oposição, fusão, defusão, resulta toda variedade de manifestação da vida mental.

A última teoria dos instintos coloca uma questão séria: como situar o narcisismo neste quadro de referência? A resposta imediata é simples: como manifestação de Eros. Isto é coerente com a conceituação básica de Freud que o considera como o

complemento **libidinal** do egoísmo do instinto de conservação. Em boa lógica, segue-se um perfeito silogismo:

Toda manifestação da libido pertence a Eros.

Ora, o narcisismo é uma manifestação da libido

Logo, pertence a Eros

Porém, isso traz uma dificuldade grave para a compreensão dos aspectos destrutivos do narcisismo, especialmente quando assume feições claramente tanáticos. Como conciliar tal manifestação de Eros com a atividade, como se nota, por exemplo, na clínica do autismo? (Urtubey,1971/2)

6-NARCISISMO E VIDA ERÓTICA

Freud dedica várias páginas (103-8) de seu estudo introdutório para abordar a “*vida erótica dos seres humanos, com suas várias espécies de diferenciação no homem e na mulher*”.

Nas crianças, a escolha de seus objetos sexuais derivam de suas experiências de satisfação, noutros termos, elas se apóiam nas funções vitais, que servem à finalidade da auto- preservação e se dirigem às pessoas que se ocupam de sua alimentação, cuidados e proteção. Freud chama a este tipo de escolha objetal de tipo anaclítico ou de ligação (*Anlehnungstypus*).

A pesquisa psicanalítica levou à descoberta doutro tipo, em que a escolha objetal recai no ego, chamado tipo narcisista.

Freud supõe que o tipo anaclítico seja característico do sexo masculino, e o tipo narcisista, do sexo feminino. Segundo ele, as mulheres amam sobretudo a si mesmas e desejam menos amar do que ser amadas, ao passo que os homens tendem à supervalorização do objeto amado, cujo extremo aparece no apaixonamento, em que ocorre um empobrecimento do ego em favor da sua amada.

Antes que se levantem indignados protestos feministas, Freud esclarece que não tem qualquer propósito tendencioso de depreciar as mulheres, e que está em jogo uma diferenciação de funções num todo biológico altamente complicado e que nada impede que

exista um bom grande número de mulheres que amem de acordo com o tipo masculino, sem que por isso se tornem necessariamente menos femininas..

Um argumento curioso é aduzido por Freud para colocar em base biológica a suposta tendência das mulheres em se enquadrarem no tipo narcísico de escolha de objeto, o de que , com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos produz uma intensificação do narcisismo original, que desfavorece a escolha anaclítica, Parece que Freud deixa de considerar que também nos púberes masculinos se poderia detectar idêntica intensificação narcísica, acompanhando as transformações corporais próprias desta idade e que no rapaz aparece muito claramente na valorização que dá ao seu órgão sexual, a preocupação com seu tamanho, a tendência exibicionista de mostrá-lo, enfim, um verdadeiro orgulho narcisista do pênis. Nos nossos dias, a grande aderência dos jovens aos exercícios de musculação para o delineamento das formas testemunha o culto narcisista do corpo, com mais freqüência entre os rapazes, mas também com adesão das moças ao fisiculturismo.

O amor materno é um exemplo de amor objetal completo de que as mulheres são capazes em direção de outro ser, que geraram, fato que Freud não deixa de assinalar.

Um erro freqüente até entre analistas consiste em pensar que o tipo anaclítico seja mais amadurecido do que o tipo narcisista, quando está muito claro nesse texto que ambas as formas correspondem a tipos infantis de relação amorosa com os objetos. Um tipo mais evoluído, que corresponderia ao amar do adulto evoluído, estaria mais ligado ao atingir da fase genital tardia do desenvolvimento, depois de transpostos os estágios oral, anal e fálico do desenvolvimento psicosssexual. Provavelmente, só neste estágio se poderia falar em amor, no sentido forte do termo.

7-NARCISISMO E AUTO-ESTIMA

Freud propõe começar a tratar do tema pelo exame da auto-estima nos normais e nos neuróticos. Em primeiro lugar, considera que “a auto-estima expressa o tamanho do ego” e que ela pode ser aumentada:

a)por tudo que a pessoa possui ou realiza;

b)por todo remanescente de sentimentos primitivos de onipotência que sua experiência tenha confirmado.

Podemos, pois, distinguir uma fonte próxima, tais como as posses e as realizações do indivíduo, e uma fonte primeira, a onipotência do ego infantil. Porém, neste mesmo texto, alguns parágrafos adiante, Freud reformula as fontes da auto-estima, reconhecendo-lhes três origens: *“uma parte é primária, resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal”* (SN, 118).

Isto implica em considerar o seguinte desenvolvimento libidinal: de início, a libido, como vimos na noção de narcisismo primário, apresentada nesta Introdução, está toda depositada no ego, até que parte dela se desloca em direção a um ideal de ego, imposto de fora, e que desde aí fornece satisfação ao ego, em troca de sua submissão. Simultaneamente, o ego começa a investir os objetos externos a ele e este dispêndio de catexias objetais torna-o empobrecido, mas a satisfação que obtém do amor que recebe do objeto, em compensação, o enriquece. Evidentemente, o ego não se priva inteiramente de energia, permanecendo nele um resíduo.

Portanto, tudo isso considerado, verificamos que a auto-estima, em última instância, depende intimamente da libido narcisista. Em sua relação com o amor objetal, distinguem-se dois casos, conforme as catexias objetais tenham ou não sofrido repressão. Se essa não ocorre, são ego-sintônicas e, neste caso, o amar, por um lado, reduz a auto-estima, mas, por outro, o sentimento de ser amado a eleva, de forma que a economia libidinal se equilibra.. Isso constitui o verdadeiro amor feliz,ou seja, a felicidade no amor consiste em amar e ser correspondido.

Havendo repressão da libido, a satisfação do amor é impossível por meio do investimento objetal e ocorre um sentimento de grave esgotamento do ego, que só pode enriquecer-se pelo retorno das catexias libidinais a ele, segundo a transformação em narcisismo secundário, o que garante ao ego um novo amor feliz. Porém falso, acrescentaríamos nós, apoiando-nos em Freud, que chamara a primeira modalidade de *“verdadeiro amor feliz”*.

A escolha do ser amado pode dar-se com base na idealização do outro, caso em que o ideal sexual apresenta uma interessante *relação auxiliar* ao ideal do ego. Nesse caso, a pessoa amará, segundo o tipo narcisista de escolha objetal, aquilo que foi outrora ou o que possui excelências que jamais teve, mas gostaria de ter. Assim, quem possuir as excelências desejadas pelo ego e que lhe faltam, será por ele amado. Certo tipo de amor maternal ou paternal pode fundar-se grandemente no desejo dos pais em se realizarem através dos filhos, desejando que eles se tornem aquilo que eles mesmos desejariam ter sido, forma compensatória de amor exigente que pode se tornar inibidora ao invés de incentivadora do crescimento pessoal. Esse expediente pode ser usado também pelo neurótico, que, ao escolher um ideal sexual segundo o tipo narcisista, pode abandonar sua análise, mediante a “cura pelo amor” ou pode tentar investir dessa maneira o médico, tomando-o como seu ideal sexual, na relação transferencial – fato que Freud desenvolverá mais tarde em seu artigo sobre o amor de transferência (ESB, XII, 1915a). Em ambos os casos, produz-se uma “*dependência mutiladora*”, de forma que não devemos considerar de fato como resolvida uma análise, em que o paciente interrompe o tratamento por esse tipo de cura amorosa.

Freud contesta a idéia de Adler de que a auto-estima poderia originar-se de uma supercompensação em face uma *inferioridade* de órgãos, observando argutamente que “*nem todos os pintores são favorecidos por uma visão deficiente e nem todos os oradores foram originariamente gogos*” (SN: 116). Além disso, uma realização bem sucedida também pode dever-se a uma *superioridade* orgânica, como no bom desempenho de um nadador ou de um fundista, graças, respectivamente, aos seus bons braços e às suas boas pernas, e, em ambos, bons pulmões, que lhes garantem bom fôlego.

A teoria da inferioridade orgânica tem pouca importância na etiologia das neuroses, contra o que pensava Adler, sendo que os motivos referidos pelos neuróticos para justificar seus sentimentos de inferioridade, baseados em fealdade ou defeitos físicos, geralmente não passam de pretextos para justificar o quão se sentem mal amados, pois, como visto, sua incapacidade para o amor deriva do enfraquecimento de seu ego, em decorrência dos processos de repressão. Além disso, não é infreqüente encontrar belas mulheres entre histéricas carentes de afeição e nem a incidência de neuroses aumenta entre as feias ou os feios, nem entre os deformados fisicamente.

Pulver (1970) critica a Freud por considerar que, a seu ver, ele erra ao equacionar auto-estima, um conceito afetivo, com libido narcisista, um conceito pulsional, e defende a idéia de que a auto-estima é algo mais complexo do que um mero investimento libidinal do self, pois implica em aspectos cognitivos, como traços de experiências internas, sensações e processos de pensamento, além de componentes afetivos. Estes últimos podem até faltar, como numa auto-avaliação apenas racional, ou podem assumir tonalidades prazerosas, caso em que se falará de elevada auto-estima, ou desagradáveis, acarretando auto-estima baixa. O que se chama auto-estima corresponde a estados do ego, que podem ser apreendidos em diferentes níveis, conscientes, pré-conscientes ou inconscientes, e desempenhar muitas funções defensivas e adaptativas.

Para Pulver, Freud toma o termo auto-estima em duas acepções basicamente diferentes. A primeira corresponde a um critério defensivo, em que, sofrendo as dores da frustração causada pelo objeto externo, o ego se infla e aparecem sentimentos de superioridade e megalomania. Mas também pode ocorrer de forma não defensiva, quando se reconhece que uma boa opinião de si mesmo pode ter base realista, correspondendo a uma auto-estima elevada. Essas duas acepções podem ser entendidas como bom e mau narcisismo, sendo a primeira baseada na auto-estima autêntica, não-defensiva e a segunda, no orgulho defensivo. Só o investimento libidinal não é suficiente para explicar esta diferenciação, mas parece exagero de Pulver considerar incompatíveis o uso do termo narcisismo para designar este investimento e a auto-estima. É possível que, de fato, precisemos ir além da explicação econômica, mas o argumento apresentado não basta para invalidá-la totalmente.

Argumentação mais séria contra a explicação quantitativa consiste nas acuradas observações de Joffe e Sandler (1967) de que indivíduos com elevada auto-estima são precisamente os mais capazes de estarem interessados nos outros, enquanto os de auto-estima rebaixada mais provavelmente se concentrarão em si mesmos, intimidados pelo contato com os outros. O apaixonamento pode, às vezes, significar uma redução na auto-estima do apaixonado, especialmente se a amada o ignora, dando-lhe a percepção de que “Você é maravilhosa, enquanto eu estou na pior”. Mas isso não se dá necessariamente, como nos mostra um amor correspondido, que enriquece a ambos.

8-NARCISISMO E IDEAL DO EGO

A introdução do conceito de Ideal do Ego é um passo marcante, cuja importância se mostra não só em lançar os fundamentos de uma teoria psicanalítica do ego, que terá desdobramentos na criação da segunda tópica, em 1923, como altera a teoria do conflito psíquico, distingue a sublimação da idealização, esclarece os delírios de referência paranóicos, traz nova luz à psicologia dos grupos e permite o aprofundamento da discussão do tema da auto-estima.

Freud indaga que destino tem a libido do ego depois que a megalomania infantil do narcisismo primário arrefece. Não se transforma toda em investimento objetal, como o demonstra a psicologia da repressão, cuja origem provém do ego, ou mais propriamente, do amor próprio do ego. Portanto, fica retida uma quota de libido no ego, que formará o seu ideal e que se torna o fator condicionante da repressão.

Para melhor compreensão desta inovação teórica é preciso que recuemos até as primeiras idéias a respeito do conflito psíquico e da noção do eu.

Nos textos iniciais, *Ich* não tinha uma definição técnica precisa e designava o indivíduo ou a pessoa, cuja consciência moral entrava em conflito com idéias incompatíveis, que eram rechaçadas mediante o mecanismo do recalque ou repressão.

No Projeto, já se atribui ao eu uma organização, enquanto se constitui como um conjunto de neurônios, com função predominantemente inibidora, capaz de inibir os processos primários por mecanismos calcados no modelo neurofisiológico disponível na época.

Na Interpretação dos Sonhos, ao invés de neurônios, fala-se de uma organização de representações, mas o estabelecimento da primeira tópica, diferenciando três áreas no aparelho psíquico – Consciente, Pré-consciente e Inconsciente – eclipsa a questão do ego e seu papel na repressão. Só após elaborar a noção de narcisismo, começa a se desenvolver a compreensão do ego, embora sempre persista, até o fim da obra de Freud, certa ambigüidade em se tomar o termo, de um lado, opondo-se a própria pessoa a uma outra pessoa, diferenciando o eu dos demais; de outro lado, opondo-se uma instância mental a outras instâncias, diferenciando o ego do id e do superego.

O conceito de Ideal do Ego parece tornar as coisas mais claras, na medida em que se considera que o investimento narcísico completo do ego infantil agora se restringe a uma porção dele, de forma que o ideal se apresenta como o herdeiro do narcisismo perdido da infância, num tempo em que o seu próprio ideal era ele mesmo.

9-SUBLIMAÇÃO E IDEALIZAÇÃO

Não se deve confundir a formação de um ideal do ego com a sublimação, pois um homem que tenha substituído seu narcisismo inicial por um ideal de ego, o mais elevado, nem por isso será bem sucedido em sublimar os seus instintos. É precisamente nos neuróticos que encontramos as maiores exigências provindas de um levantado ideal, cuja intolerância obriga ao recalçamento dos impulsos, não lhes permitindo outro destino que não a expulsão dos domínios da consciência, apenas permitindo seu reaparecimento disfarçado em sintomas.

A sublimação diz respeito a uma mudança da finalidade da pulsão, com deflexão da sexualidade para valores culturais elevados. A idealização refere-se ao objeto, que, sem qualquer alteração de sua natureza, é engrandecido e tanto pode se dar na esfera da libido do ego, quanto na do objeto, ou seja, o indivíduo pode exaltar-se a si mesmo ou a outrem. Já a sublimação só diz respeito à libido objetual e, *“na medida em que a sublimação descreve algo que tem a ver com o instinto e a idealização, algo que tem a ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro”* (SN:111).

10-AGENTE AUTO-OBSERVADOR, CONSCIÊNCIA MORAL, CENSURA.

Freud introduz um agente especial, instância crítica auto-observadora, que, para assegurar satisfação narcísica ao ideal do ego, está sempre medindo o ego atual por aquele ideal.

Este agente auto-observador não é uma nova descoberta, pois corresponde à conhecida consciência moral (*Gewissen*) e permite compreender os delírios de auto-referência e as alucinações auditivas, sob a forma de vozes que acusam, ordenam, comentam os próprios atos dos doentes paranóides. Embora nas pessoas normais também

se manifeste a “voz da consciência”, em sentido metafórico, nos psicóticos elas se tornam concretas, devido à regressão, que aponta para a origem da formação do ideal do ego nas admoestações e reprimendas dos pais e das figuras substitutas, tais como professores, educadores, clérigos e, em geral, a opinião pública. O fato de ser comum que essas vozes se expressem na terceira pessoa, embora se referindo ao próprio eu do indivíduo, atesta essa origem.

Podemos inferir que a função mental discriminadora, capaz de fazer o teste de realidade e distinguir as percepções internas das externas, esteja danificada nos psicóticos, de forma que já não se distinguem a voz da consciência moral introjetada, que vem de dentro, das vozes acusatórias projetadas, vindas de fora.

Neste trabalho, Freud parece utilizar o agente auto-observador como algo diferente do ideal do ego, uma vez que ele avalia o desempenho do eu a cada momento, comparando-o ao ideal. Só mais tarde, no contexto da segunda tópica, essas duas partes do aparelho psíquico serão agrupadas como funções do superego, então estatuído. Contudo, autores contemporâneos procurarão estabelecer diferenciações entre o ideal do ego e o superego (Number, 1950; Chasseguet-Smirgel, 1985; Smith, 1988), assunto discutido numa recente revisão (Escobar, 2003).

“Se penetrarmos ainda mais na estrutura do ego, também poderemos reconhecer no ideal do ego e nas expressões orais da dinâmica da consciência, o censor dos sonhos”.(p.115)

A observação autocrítica pode fazer-se presente durante a passagem do sono à vigília, com pensamentos tais como: “ele ainda está dormindo”, “: ele precisa acordar”, “agora, está despertando”.

O fenômeno funcional de Silberer, pelo qual podemos observar a tradução dos pensamentos em imagens visuais, num processo de simbolização, que transcorre na transição sono-vigília, tem também explicação no agente observador.

11-PSICOLOGIA DE GRUPO, SENTIMENTO DE CULPA

Ao final da terceira parte deste trabalho, Freud faz uma miscelânea, inserindo, como ele próprio reconhece, “*algumas observações de concatenação algo desconexa*” (SN: p.117). As primeiras delas, referentes à instituição do ideal do ego e sobre a auto-estima, já consideramos em itens anteriores, restando os dois tópicos considerados no título deste último item, com que encerraremos a releitura da “*Introdução*”.

Finalizando, no último parágrafo, Freud passa rapidamente sobre a questão dos grupos e da culpa, relacionando-os com o ideal do ego.

Reconhece-se no ideal do ego um aspecto transindividual, pelo qual constitui também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação, um povo, uma raça, ou seja, há um aspecto social do ideal do ego, pelo qual se vincula a libido narcisista de uma pessoa a outras. De que maneira isso se faz, Freud detalhará em seu artigo sobre psicologia coletiva.

A falta de satisfação por impossibilidade de realização do ideal transforma a libido narcísica em ansiedade social ou sentimento de culpa. Originariamente, o sentimento de culpa era o temor da punição pelos pais, substituídos mais tarde por um número indefinido de pessoas.

Como se constata, Freud faz um vôo rápido sobre temas que merecem aprofundamento, mas ainda não desenvolveu suficientemente idéias que viriam a esclarecer muitas das dificuldades postas pelo texto. Vê-se, como, por exemplo, ainda fala em transformação da libido em ansiedade, no quadro referencial de sua primeira teoria da angústia, e como faltam a explicitação e o desenvolvimento do conceito de identificação e uma compreensão mais profunda do sentimento de culpa, acréscimos importantes que sua produção teórica ulterior irá trazer em “*Luto e Melancolia*”, “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, “*O Ego e o Id*” e “*Inibição, sintoma e angústia*”.

RECORRÊNCIAS DO NARCISISMO NA OBRA DE FREUD

Após a introdução do conceito de narcisismo, Freud reviu vários trabalhos anteriores, introduzindo pequenos acréscimos em notas de rodapé ou reformulando partes dos próprios textos publicados. Passa a usá-lo com frequência em artigos vindouros,

consolidando-o como um dos conceitos básicos da teoria analítica, trazendo novos desenvolvimentos a aspectos já abordados até então e inovações inéditas, nas quais oferta nova temática, como, por exemplo, ao descrever os tipos libidinais e ao discutir o narcisismo das pequenas diferenças, que trataremos como tópicos especiais.

Num minucioso apanhado geral, encontramos em toda a edição standard brasileira 167 citações do termo, excluindo 48 ocorrências em notas, introduções e apêndices do editor e sem considerar os seus derivados (narcisista, narcísico, narcísica). Ainda aparece no índice remissivo de quase todos os volumes, mais precisamente em 18 dos 24 que compõem as obras completas.

Todos esses dados nos fazem concordar com a afirmação de Smith (1985), de que Freud continuou a refinar e expandir a teoria do narcisismo até a sua morte, em 1939.

1-NARCISISMO E FASES DO DESENVOLVIMENTO

Temos aqui um exemplo de como o conceito de narcisismo ia sendo retomado ao longo da obra de Freud, na medida em que ele reformulava suas próprias idéias sobre o desenvolvimento psicosssexual.

Havendo considerado o narcisismo como uma fase do desenvolvimento, colocada entre o auto e o alo-erotismo, logo se colocava a questão da relação entre essa classificação e outra que, no desenvolvimento libidinal, considerava as conhecidas fases nomeadas, segundo a zona erógena predominante, como oral, anal, fálica e genital. Menos citada, há uma fase uretral, talvez subsumida na fase fálica, não alcançando assim a mesma distinção das já tornadas clássicas.

Numa primeira aproximação, poderíamos, de forma simplista, aproximar as fases oral e anal do auto-erotismo, caso em que o narcisismo coincidiria com a fase fálica, o que estaria congruente com a explicação de que a “nova ação psíquica” de que nos fala Freud na *Introdução*, a partir da qual se constitui o narcisismo, seria a unificação dos instintos parciais. Convém lembrar que a esta altura ainda não se fez a discriminação sexual para a criança, de forma que não há uma noção precisa dos órgãos genitais masculino e feminino. Apenas como efeito do complexo de castração impõe-se à criança a consciência

plena da diferenciação sexual com base na presença do pênis nos meninos e sua ausência nas meninas.

Contudo, a questão é mais complexa, pois Freud aos poucos deixará de enfatizar as fases como épocas demarcadas, passando a se referir a *organizações* orais, anais e fáticas. Desta forma, não só reconhece que os fenômenos antes descritos como típicos de cada fase, podem entremesclar-se (Heimann, 1962), como nunca são totalmente eliminados e permanecem como resquícios, cuja forma pode variar grandemente, compondo toda a indeterminável gama de variações individuais. O termo “organização” privilegia os aspectos dinâmicos sobre os aspectos genético-evolutivos ou fásicos, Neste sentido, pode-se falar em organização narcisista (Rosenfeld, 1971) ou posição narcísica (Zimerman, 1996).

Enquanto deixa de ser entendido como uma fase delimitada do desenvolvimento, com princípio e fim determinados, o narcisismo será reconhecido como estando presente desde o início, podendo-se estudar suas vicissitudes orais, anais, fáticas ou genitais e mesmo a intersecção ou superposição de tendências, como se nota em Grunberger (1959), que faz o início do estágio anal contemporâneo ao estágio oral de morder e contrasta o universo narcísico oral, aberto, com o sistema anal, fechado. Para esse autor, os estágios se imbricam, de forma que aspectos orais e anais tanto podem ser contemporâneos, como pode o narcisismo se expressar de diferentes maneiras, conforme a predominância de um ou outro aspecto.

Smith (1985), realizando uma abordagem do narcisismo como processo de desenvolvimento, reconhece três modelos:

- 1º) no período de 1909-1914, existe uma seqüência de três estágios: auto-erotismo, narcisismo e amor objetal. Num trabalho deste período (Freud, 1911) dividiu-se o 3º estágio em dois, homossexual e heterossexual, conforme o sexo do objeto de amor escolhido fosse o mesmo ou diferente daquele do indivíduo.
- 2º) no período de 1914-1923, abandona-se a idéia de um estágio de auto-erotismo e só aparecem dois estágios: o de ego realidade original (narcisismo primário) e o de ego prazer purificado.

O ego realidade original, denominação imprópria abandonada por Freud, a qual jamais voltou a se referir noutros trabalhos, é onipotente, comporta-se como se fosse ele mesmo a fonte de toda satisfação, mantendo atitude de indiferença em face do mundo externo, segundo a oposição amor-indiferença, que é como se expressa neste estágio a oposição ego-mundo externo.

O ego prazer purificado se constitui a partir de uma diferenciação, segundo o Princípio do Prazer, que mantém o ego ainda como fonte de toda satisfação, mas atribui ao mundo externo, por projeção, toda fonte de dor que lhe é impingida pela frustração, correspondendo à oposição amor-ódio como é expressa agora a oposição ego-mundo externo.

3º)no terceiro período (1923-1939) Freud tenta integrar o narcisismo à nova teoria estrutural e se dedica à questão do reservatório inicial da libido, que agora coloca no id, ao contrário do que vinha fazendo até então, quando o colocava no ego, Só mais tarde, em 1940, vai tentar resolver essa contradição, falando num ego-id inicial indiferenciado, o qual, na interpretação de Smith, não é diferente da concepção de um estágio de auto-erotismo, como na proposição do primeiro período (1909-1914). Em apoio à sua tese, aduz uma curiosa ressurreição do auto-erotismo num texto de 1925, em que Freud o faz preceder à organização oral da libido (Freud, 1925d):

“Após a fase de auto-erotismo, o primeiro objeto de amor no caso de ambos os sexos é a mãe, afigurando-se provável que, de início, uma criança não distingue o órgão de nutrição da mãe de seu próprio corpo” (ESB, XX: 49).

2-NARCISISMO E TIPOS LIBIDINAIS

Em *“Mal estar na Civilização”* (E.S.B., XXI: 103), Freud considera as diferentes maneiras pelas quais o homem pode desfrutar da felicidade no mundo e, entre outras coisas, relaciona-as com os tipos de constituição de cada indivíduo. O tipo *erótico* dará preferência ao seu relacionamento emocional com outras pessoas, o *narcisista*, tendendo a ser auto-suficiente, buscará satisfação em seus processos mentais internos,

enquanto o *homem de ação* nunca abandonará o mundo externo, onde poderá testar a sua força e disto haurir satisfação. Para o narcisista, a natureza de seus talentos e a parcela de sublimação instintiva a ele aberta orientarão onde centrará os seus interesses. Quaisquer dessas alternativas oferecem risco e seria prudente não se ater a um único método de alcançar satisfação, da mesma maneira que um investidor não deve colocar suas economias num só tipo de negócios.

Essa é a primeira menção de Freud a um tipo especial de constituição, nomeado narcisista, e só no ano seguinte, em 1931, escreverá um artigo intitulado “*Sobre os Tipos Libidinais*” (ESB, XXI), onde nos apresentará uma classificação tipológica, baseada no critério da situação libidinal. Da mesma forma como observamos na “*Introdução*”, em relação ao narcisismo, aqui também há pelo menos um artigo precedente, em que o conceito é introduzido, vindo depois a ser apresentado de forma mais expandida no trabalho seguinte.

Antes de nos oferecer uma descrição de cada tipo, Freud faz algumas considerações iniciais, dando conta de que sempre é possível descrever tipos diferentes entre as inúmeras possibilidades de modos de ser do homem, que qualquer tipologia deve considerar as variações normais que não coincidam com quadros clínicos – e aqui se torna explícito que Freud não pretende uma classificação psicopatológica – e, finalmente, que é possível levar em conta aspectos físicos ou mentais. Uma categorização mais completa deveria tentar reunir os dois integrativamente, o que não estaria ainda ao alcance. Portanto, buscará uma fundamentação analítica, considerando a situação libidinal e a teoria estrutural da mente de 1923, para estabelecer os parâmetros discriminativos.

Dependendo a que áreas do aparelho psíquico a libido esteja predominantemente aplicada, distinguem-se três tipos principais: *erótico*, *narcísico* e *obsessivo*. Observe-se que aqui aparece o tipo *obsessivo*, onde, no texto anterior, estava genericamente o *homem de ação*.

No *erótico*, governam as exigências elementares do id, no *obsessivo* há predominância do superego, ao passo que o *narcísico* deve ser descrito em termos negativos, pois não existe nele tensão entre o ego e o superego e não há predomínio das necessidades eróticas.

O tipo *erótico* é facilmente reconhecível, seu principal interesse é o amor. “*Amar, mas, sobretudo, ser amado é a coisa mais importante para ele*” (ESB, XXI: 252).

O tipo *obsessivo* é dominado pelo temor da consciência, desenvolve um alto grau de autoconfiança e se tornam os veículos da civilização, dada sua tendência ao conservadorismo.

O tipo *narcísico* tem seu principal interesse voltado para a autopreservação, é independente e não se intimida, seu ego tem á sua disposição boa cota de agressividade, que se manifesta na presteza à atividade. Na vida erótica, o amar é preferido ao ser amado. As pessoas deste tipo impressionam aos demais como “personalidades”, assumem o papel de líderes e tanto podem dar um notável estímulo ao desenvolvimento social, como danificarem o estado de coisas estabelecido.

Como era de se esperar, os tipos mistos são os mais comumente encontrados e são os que fornecem solo mais favorável às neuroses, o que se pode entender pelo maior grau de tensão entre tendências opostas agindo neles. No *erótico-obsessivo* a preponderância dos instintos é restringida pela influência do superego; no *erótico – narcísico*, a agressividade e a atividade vão de par com uma predominância do narcisismo. Já o tipo *narcísico-obsessivo* é considerado por Freud, do ponto de vista cultural, a mais valiosa variação, por somar à independência do mundo externo e à consideração pelos mandamentos da consciência, uma capacidade de ação vigorosa, fortalecendo o ego em face do superego.

Um tipo que reunisse harmoniosamente todas as características não seria um tipo real, seria a norma absoluta. Portanto, o que é mais usual é encontrar-se tipos em que, de três possíveis maneiras de utilizar a libido na economia mental, uma ou duas foram favorecidas ás custas das demais.

Freud hesita em atribuir a cada tipo um caráter pré-mórbido, embora possa parecer que o tipo erótico seria mais suscetível à histeria, o obsessivo à neurose obsessivo-compulsiva e o narcísico à psicose e à criminalidade. Argumenta que a causação das neuroses é um processo complexo e que todas as suas precondições etiológicas não são ainda conhecidas com certeza.

Essa tipologia freudiana parece ser raramente citada pelos analistas. A nosso ver, embora traga aspectos de interesse, é bem menos penetrante do que a descrição caracterológica antes estabelecida por Freud entre os tipos oral, anal-sádico, fálico e genital, conforme a maior fixação a certas fases do desenvolvimento libidinal.

Outrossim, a descrição do tipo narcísico apresentada em 1930, em “*Mal Estar...*” não se coaduna com a de 1931, em “*Tipos Libidinais*”, posto que, no primeiro trabalho, parece-nos ser apresentado um tipo mais introvertido e retirado, dirigindo sua energia mental para a realização de seus talentos intelectuais ou artísticos, com a libido autocentrada, ao passo que o tipo narcísico do segundo artigo parece notavelmente atuante, admirado como “personalidades” capazes de liderança e, surpreendentemente, em que o amar é preferido a ser amado, quando seria de se esperar dificuldades deste psicotipo na esfera do amor, mesmo no amor a si mesmo, que o define. Em certos aspectos, o narcisista de “*Tipos Libidinais*” guarda semelhanças com o homem magnífico e algo do magnânimo da *Ética* de Aristóteles (*Ética a Nicômaco*: 305-311).

Atualmente, a tendência nosográfica é de enquadrar o narcisista entre os transtornos da personalidade, estando isso mais evidente na quarta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico dos transtornos mentais (DSM-IV) da Associação Psiquiátrica Americana, em que é considerada uma categoria especial (ver Anexo Um) do que no CID-10, em que a personalidade narcísica aparece como um subitem entre “outros transtornos específicos da personalidade”.

3-IDENTIFICAÇÃO NARCÍSICA

Curiosamente, não encontramos na obra de Freud nenhuma menção ao termo identificação primária, que se costuma usar com muita frequência, como se lhe fosse familiar, interpretando-se-o, às vezes, como sinônimo de identificação narcísica. Não há registro desse termo no índice remissivo das Obras Completas, seja na edição brasileira, seja na edição eletrônica. Por outro lado, Freud fala de uma *identificação direta* ao totem, referindo-se às observações de Rivers sobre nativos das ilhas Banks (ESB, XIII: 144), baseada numa teoria da concepção, pela qual o totem resultaria da introdução, no interior de

uma mulher, de um ser – animal ou planta – que estivesse ocupando a imaginação dela, no momento em que sentiu pela primeira vez que ia ser mãe.

Novamente, em *O Ego e o Id*, fala-se em *identificação direta e imediata*, como efetuada na mais primitiva infância, desta vez entre o indivíduo e seu pai, antes de qualquer catexia de objeto, o que estaria na origem do ideal do ego. E aduz Freud: “... *as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária*”. (ESB, XIX: 45; grifo nosso).

Na obra escrita de Freud aparecem ainda os termos *identificação histérica, identificação narcísica ou narcisista e identificação ao agressor*. A histérica foi a primeira descrita na determinação dos sintomas histéricos, referida nas cartas a Fliess, nos *Estudos sobre a Histeria* e na *Interpretação dos Sonhos*. Freud insiste em distingui-la de uma simples imitação. Assim, uma paciente, ao saber que uma companheira desmaiou ao receber uma carta, que a fez experimentar um sentimento de decepção amorosa, poderá também desmaiar, não apenas para copiar o comportamento, mas por se identificar com o motivo psicológico que o determinou, ou seja, por ela própria já ter experimentado o mesmo tipo de decepção. Há uma assimilação, uma identificação por semelhança etiológica, mais que simples cópia ou imitação, mas tudo isso se passa a nível inconsciente, sem intenção deliberada.

No “*Projeto*”, Freud desenvolve uma concepção de identificação bem peculiar, como uma forma de comunicação primitiva entre o bebê e sua mãe, pela qual esta identifica a necessidade do bebê, através da exibição de gestos e o choro, que a mobilizam a atendê-lo. Podemos ver aí uma semelhança com o uso da identificação projetiva de Klein para fins de comunicação, como assinalou Bion, por meio da qual a mãe é capaz de captar nuances do pranto infantil, discriminando finamente o de que ele precisa.

Na “*Introdução*”, Freud não usa o termo identificação, embora descreva fenômenos de natureza identitária na constituição do ideal do ego, feita através da influência dos pais e das figuras substitutivas.

Só em “*Luto e Melancolia*”, escrito concomitantemente ao trabalho sobre o narcisismo, vai desenvolver mais extensa e profundamente o conceito de identificação, inclusive introduzindo o termo identificação narcísica ou narcisista, que diferencia do tipo histérico, já descrito. Vejamos como se dá essa introdução e sua distinção.

Freud observa que, na melancolia, devido a uma desconsideração ou desapontamento provindo da pessoa amada, a relação objetal é destroçada, mas, ao invés de a libido se retirar de um objeto e se deslocar para outro, ela se retira para o ego, onde vai servir para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Isso se faz porque a escolha objetal havia sido efetuada numa base narcísica, o que é a condição fundamental para que se dê seu retorno ao ego, ou seja, um retrocesso ao narcisismo. Dessa maneira, estabelece Freud:

“A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa substituição da identificação pelo amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas...” (e o processo de recuperação)
“... representa, naturalmente, uma regressão de um tipo de escolha objetal ao narcisismo original. Mostramos em outro ponto que a identificação é uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o ego escolhe um objeto. O ego deseja incorporar a si esse objeto e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso o devorando”.(ESB, XIV: 282).

No próximo parágrafo desse texto, Freud rapidamente traça diferenças entre este tipo de identificação narcísica, agora descrito, e o tipo histérico:

- 1º.) na forma narcisista, a catexia objetal é abandonada, ao passo que, na identificação histérica, ela persiste e manifesta sua influência, ainda que confinada a certas ações e inervações motoras.
- 2º.) a identificação narcisista é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica.

4-TRANSFERÊNCIA E NARCISISMO

Nas páginas iniciais da *Introdução*, Freud fala em dificuldades do trabalho analítico em neuróticos devidas á existência neles de uma espécie de atitude narcisista, constituindo um limite `sua susceptibilidade à influência do tratamento psicanalítico. (ESB,XIV: 89/90).Na 26ª. Conferência Introdutória, em que aborda a teoria da libido e o narcisismo, mostra-se mais explícito, afirmando que “*as neuroses narcísicas dificilmente podem ser acometidas mediante a técnica que nos foi de utilidade nas neuroses de transferência*” (ESB,XVI: 493) e comunica aos leitores que em breve saberão o motivo, o qual será explicitado na conferência seguinte sobre a transferência, em que diz:

“Prometi fazê-los entender, mediante o auxílio do fato da transferência, porque nossos esforços terapêuticos não têm êxito nas neuroses narcísicas. Posso explicá-lo em poucas palavras, e os senhores verão com que simplicidade o enigma pode ser solucionado e como tudo se ajusta bem. A observação mostra que aqueles que sofrem de neuroses narcísicas não têm capacidade para a transferência ou apenas possuem traços insuficientes da mesma. Eles rejeitam o médico, não com hostilidade, mas com indiferença. Por esse motivo, tampouco podem ser influenciados pelo médico; o que ele lhes diz deixa-os frios, não os impressiona; conseqüentemente, o mecanismo de cura que efetuamos com outras pessoas – a revivescência do conflito patogênico e a superação da resistência devido à regressão – neles não pode ser executado”.

Mais adiante, é categórico: “*Não manifestam transferência, e, por essa razão, são inacessíveis aos nossos esforços e não podem ser curados por nós*”.(ESB, XVI: 520/521).

Nas neuroses de transferência também se encontram dificuldades para o tratamento, como a transferência positiva erótica (amor de transferência) e a transferência negativa (impulsos inconscientes hostis infantis ou primitivos dirigidos transferencialmente ao médico), mas a técnica analítica desenvolveu meios de tratar com elas.

Sabemos que, inicialmente, Freud considerou a transferência como uma forma de resistência que obstaculizava o trabalho analítico, ponto de vista que reformulou totalmente, passando a considerá-la o material por excelência a ser trabalhado em

psicanálise. Porém, frente às neuroses narcísicas, o obstáculo se erguia como muro intransponível, justamente porque o paciente afetado por elas era incapaz de estabelecer relações transferenciais. Freud apenas fica na esperança de um dia dispor de métodos substitutos capazes de atingir essas condições tão refratárias ao método analítico até então exercido.

Como no que Freud chamava “neuroses narcísicas” incluíam-se a esquizofrenia, a mania e a melancolia, vê-se que, para ele, as psicoses endógenas, como foram reunidas essas formas psicopatológicas na nosografia psiquiátrica, eram inacessíveis à técnica psicanalítica. Depois de Freud, desenvolvimentos da técnica e da teoria permitiriam rever essa posição tão determinante, reconceituando certos aspectos do narcisismo e da noção de transferência. A partir de revisões teóricas da escola Kleiniana pode-se descrever uma psicose transferencial, e não só reconhecer a existência de uma transferência narcisista, quanto descrever suas formas, como o fará Kohut, conforme veremos adiante, nessa dissertação.

5-NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS

Desejamos destacar essa idéia, derivada da concepção do narcisismo, pela sua importância para a Sociologia e a Antropologia Filosófica, mas sobretudo para a Ética, em sua repercussão no campo dos Direitos Humanos.

A primeira utilização dessa expressão em Freud remonta ao seu texto sobre o tabu da virgindade (ESB, XI: 184/5), onde cita o conceito de “tabu do isolamento social” de Crawley, pelo qual pequenas diferenças entre pessoas, que em tudo mais são semelhantes, formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre elas. Aí vê Freud uma manifestação cultural do narcisismo, em que se enraíza a hostilidade das relações humanas, que se contrapõe aos sentimentos de camaradagem e companheirismo, dificulta o exercício da solidariedade humana e sobrepuja o mandamento de que todos os homens devem amar ao seu próximo, como reflete de maneira muito acurada e digna o mestre vienense.

No que respeita especificamente ao tema desse artigo considerado, observa que a rejeição narcísica das mulheres pelos homens, responsável pelo seu desprezo por elas, baseia-se no complexo de castração e na teoria infantil dela derivada de que as mulheres

seriam castradas, sendo que esta pequena diferença da presença ou não do pênis traria a conseqüência funesta do machismo chauvinista. Para as feministas, que costumam injustamente interpelar Freud por suas concepções de castração e inveja do pênis, fica o registro dessa posição condenatória de Freud contra toda discriminação entre os sexos, baseada em diferenças narcisicamente exaltadas.

Em “*O Mal estar na Civilização*” (ESB,XXI: 136-138), Freud retoma esse assunto, mas abordando a questão da agressividade humana. Chama-nos a atenção para a hostilidade contra os intrusos por parte das comunidades culturais, como entre povos vizinhos, envolvidos em rixas constantes, desprezando-se e ridicularizando-se, como ocorre entre espanhóis e portugueses, alemães do norte e do sul, ingleses e escoceses, etc. “*Dei a esse fenômeno o nome de*” *narcisismo das pequenas diferenças*”, *denominação que não ajuda muito a explicá-lo*” – pondera Freud. Prefere ver nisso uma forma de satisfação da inclinação para a agressividade, mediante a qual se pode lograr maior coesão entre os membros da comunidade, ou seja, dado o fato da pulsão agressiva, as comunidades se protegem da ameaça de destruição interna pela hostilidade entre seus membros, canalizando o desejo agressivo para outras comunidades, contra as quais se unem, fortalecendo assim seus próprios laços. Neste ponto, Freud não pode deixar de ironizar o anti-semitismo, fazendo notar que, afinal, os judeus, espalhados pelo mundo e sempre perseguidos nas comunidades onde foram recebidos, poderiam ter prestado um serviço de utilidade para esses povos, na medida em que puderam garantir-lhes mais segurança pela solidariedade reforçada entre seus membros. Mas essa medida de coesão deve ter falhado, pois “*os massacres dos judeus na idade média não bastaram para tornar o período mais pacífico e seguro para seus semelhantes cristãos*”.

É curiosa essa expressão criada por Freud – será que, falando de pequenas diferenças, se há de pensar que as há grandes e médias? Evidentemente, não. Ao falar de narcisismo de grupos, nações ou etnias, Freud usa desta analogia para formar a imagem de que, da mesma maneira como o indivíduo investe sua pessoa de libido, inflando o seu ego, assim o fazem as comunidades, cultivando seu orgulho narcísico e discriminando os que não pertençam ao seu seio. Diante, porém, da natureza comum dos humanos, valorizando-se o sentimento humanitário, todas as diferenças se apequenam em face de um valor de maior grandeza, que é o reconhecimento da igualdade dos homens perante a lei, a

defesa dos direitos humanos, o respaldo ético do incentivo aos ideais de solidariedade entre os homens.

Nesta perspectiva humanista, tudo que se lhe contrapõe é pequeno, narcisismo pequeno de pequenas diferenças, expressão de preconceito e intolerância.

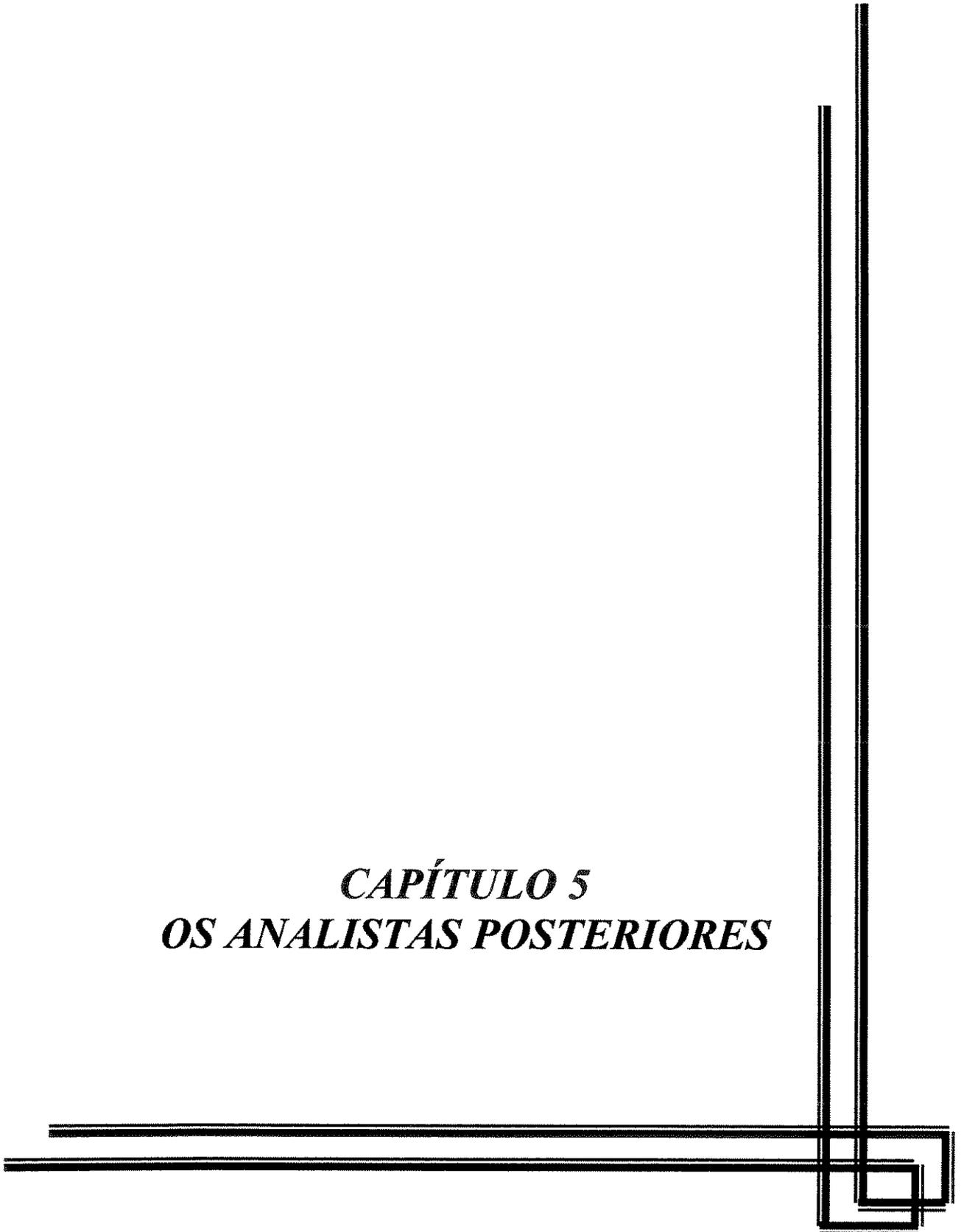
6-NARCISISMO E CONHECIMENTO

Freud identificou, percorrendo a história das idéias, três golpes ao narcisismo humano (ESB, XVII: 170-179). O primeiro, *golpe cosmológico*, desferido pelo reconhecimento de que sua morada planetária não ocupava o centro do universo, que se seguiu à derrocada do sistema geocêntrico ptolomaico pelo heliocentrismo da nova astronomia de Copérnico; o segundo, *golpe biológico*, que lhe retirou o pretendido lugar privilegiado na natureza, como ser feito à imagem e semelhança divinas, para situá-lo simplesmente na descendência de um tronco comum com os macacos, conforme a teoria evolucionista de Darwin. E, agora, o terceiro, trazido pela teoria psicanalítica de Freud, *golpe psicológico*, tornava-o descentrado de si mesmo, sujeito ao desconhecimento de si e ao freqüente auto-engano, com sua orgulhosa consciência reduzida a mera casca, situada na superfície de um imenso território, que se estendia até as profundezas do inconsciente, inacessível ao seu saber.

Atribui Freud ao orgulho narcísico do homem as fortes resistências encontradas à aceitação dessas idéias científicas revolucionárias. Bion acentuou os obstáculos interpostos pelo narcisismo no desenvolvimento do pensamento da humanidade e na evolução do pensamento individual. Em seu artigo “*Sobre a Arrogância*” (Bion, 1958b), mostra-nos o quanto a arrogância prejudica a investigação psicanalítica, barrando toda indagação e pesquisa durante a análise de um paciente e interferindo no processo do pensar, levando à estupidez mental. Bion está aqui se referindo a uma espécie de resposta terapêutica negativa, pela qual não se verifica melhora no estado mental do paciente, apesar de todo trabalho analítico efetuado, aparentemente seguindo os padrões habituais em todo tratamento desse tipo.

Podemos, porém aplicar o mesmo ao analista, bloqueado pela arrogância de seu próprio narcisismo, numa contratransferência negativa, que lhe cria pontos cegos impeditivos para o conhecimento dos dinamismos mentais de seu analisando, na medida em que se aferra a preconceituosos pré-conceitos teóricos, estimulados por desejo e memória. Contudo, neste texto, Bion não utiliza uma vez sequer a palavra narcisismo ou seus derivados.

CAPÍTULO 5
OS ANALISTAS POSTERIORES



Melanie Klein e a escola da relação de objetos

Melanie Klein postula a existência de relações objetais desde o início da vida, não reconhecendo um estado anobjetal anterior. Coerentemente, concebe o narcisismo como um tipo especial de relação de objeto. As relações narcisistas são próprias da posição esquizoparanóide e se caracterizam pela projeção de partes próprias no outro, que então passa a representar o self, formando-se um estado de coisas em que parece que o self, em última instância, só se relaciona consigo mesmo. Mas antes de desenvolver sua própria idéia, contribuindo de maneira original para este tema, Melanie Klein tratou do assunto em outros pontos de sua obra.

Em 1925, em *“Uma contribuição à psicogênese do tique”*, relatando material do garoto que analisava, mostra que *“as fantasias de tomar o lugar da mãe na relação com o pai foram canceladas por uma outra fantasia homossexual ativa de tomar o lugar do pai no coito com um garoto. A fantasia foi a expressão de uma escolha sexual de objeto ao nível narcísico: ele escolheu a si mesmo como seu objeto de amor”*. Há uma passagem da passividade para a atividade e uma troca de identificação da mãe pelo pai, entendida aqui identificação como se colocar no lugar ocupado por outro, assumindo-lhe o papel correspondente na relação.

Toda a descrição se faz em termos de troca de objetos, sem qualquer retorno de libido ao eu; o tempo todo se trata de libido objetal, embora este termo nem apareça na descrição.

Conclui, neste artigo, que, segundo sua experiência, o tique só pode ser acessível à influência terapêutica quando a análise atinge as relações de objeto nas quais ele está baseado, ou seja, que a análise teria de passar pela revivência transferencial da relação primitiva narcísica do paciente, seio-mãe, e as fantasias decorrentes dos impulsos genitais-anais e orais-sádicos frente ao objeto primário seio. Se a análise falha muitas vezes em atingir essas relações de objeto, mais precoces determinantes dos tiques, isto se deve ao aspecto narcísico envolvido.

Já se advertem pequenas nuances distintivas em relação a Freud: o caráter ativo já comporta um elemento de agressividade e a transferência narcísica, embora se reconheça a dificuldade que impõe ao trabalho analítico, não é um impedimento, mesmo porque há

libido disponível, ela não está toda retraída ao ego. O tique decorreria da existência no self de partes do sujeito confundidas com partes-objeto, ou ainda objetos parciais, que são impregnados de impulsos libidinosos narcísicos e tanáticos.

Em 1926, em *“Os Princípios da Análise da Criança”*, Klein repete conceitos de Freud, ao dizer que as crianças fazem relações com o mundo externo dirigindo aos objetos, dos quais recebem prazer, a libido que estava de início ligada exclusivamente ao seu próprio ego, como se houvesse uma espécie de troca. A relação das crianças com estes objetos, sejam eles vivos ou inanimados, é, em primeiro lugar, puramente narcisista.

Ao descrever o caso de Erna, em *“Personificação no brincar das crianças”* (1929), Klein fala em satisfação narcísica sádica, pela qual o id em segredo continuava a perseguir suas gratificações predominantemente sádicas com seus primeiros objetos, de modo que tal satisfação narcísica lograda pelo ego, através de sua vitória sobre inimigos de dentro e de fora, ajudava também a apaziguar o superego, contribuindo para diminuir a angústia.

Em *“O desenvolvimento precoce da consciência na criança”* (1933) teoriza que, para escapar de ser destruído por seu próprio instinto de morte, o organismo emprega seu narcisismo ou libido autopreservativa para forçar a deflexão do instinto de morte para fora, diretamente contra seus objetos, numa conceituação plenamente baseada no Freud pós-1920.

No trabalho sobre *“Luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”* (1940) Klein lida de uma maneira original com o conceito de narcisismo, ao afirmar que *“a satisfação narcísica contém um modo mais brando do elemento de triunfo, que Freud julgava não entrar no luto normal”*. Neste trabalho começa a elaborar os conceitos de posições esquizoparanóide e depressiva, situando o narcisismo, primeiro, como um estado temporário, inerente ao desenvolvimento, depois, como estado permanente, expressando uma situação regressiva de fixação, e, finalmente, como um estado normal, no qual o sujeito repara os objetos internos e os reaviva em si mesmo .

No célebre trabalho *“Notas sobre alguns mecanismos esquizóides”*(1946) , diz que um aspecto típico das relações esquizóides de objeto, que predomina na posição EP é a sua natureza narcísica, proveniente dos processos introjetivos e projetivos, uma vez que,

quando o ego ideal é projetado em outra pessoa, ela se torna predominantemente amada e admirada, porque contém as partes boas (impulsos libidinosos narcísicos) do self. Do mesmo modo que, na base da projeção de partes más do self, o outro é vivenciado como sendo aquelas partes más. Ambos os tipos são de *relações narcísicas de objeto*.

No artigo “*Origens da Transferência*” (1952) apresenta a hipótese de que tanto o auto-erotismo como o narcisismo inclui uma relação de amor com o objeto bom internalizado, o qual, na fantasia, é parte do self e do corpo amados: “*É para este objeto internalizado que, nas gratificações auto-eróticas e nos estados narcísicos, ocorre uma retirada*” (do investimento das relações de objetos externos, pode-se acrescentar, para maior clareza).

Em “*Inveja e Gratidão*” (1957), a destrutividade aparece dirigida à própria fonte de satisfação e prazer, o seio. Segundo comentário de Almeida Prado (1988), a não experiência de prazer equivale a de ser atacado por um seio mau, gerando uma angústia que incrementa os mecanismos de divisão do ego e de identificação projetiva, tendendo assim a manter o estado narcísico defensivo. Rocha Barros (1987) nota, com razão, que, apesar da conexão íntima entre inveja e narcisismo, Melanie Klein não desenvolveu o tema neste contexto.

Engel (1995), num estudo comparativo penetrante sobre o narcisismo em Freud e em Klein, faz uma distinção entre o uso do termo narcisismo primário em Freud em duas acepções: a de ser o que antecede o objetal, como em *SN*, e a de ser o que vem desde as origens, como no *Esboço*. Cremos nós que, neste último caso, mais caberia a qualificação de absoluto ou total, com que Freud por vezes qualifica o narcisismo (ESB, XIV: 257; XVI: 487).

Para Engel, este sentido originário falta em Klein e mais, é mesmo claramente rejeitado, pois nada é mais estranho ao pensamento kleiniano do que a mônada narcísica, a que se refere Freud (1911b) na sua comparação com o ovo de um pássaro e sua provisão de alimento, em total isolamento do mundo externo (ESB, XII: 279, n.1). Klein tomará como critério definidor a capacidade de discriminação entre o self e o objeto e não um pretense investimento inicial da libido sobre o ego, aproximando a noção de narcisismo aos estágios

iniciais do desenvolvimento, em que há indiscriminação entre self e objeto, no que deixa entrever a influência de Ferenczi (1913).

Para os kleinianos parece que o narcisismo é um fenômeno subsumido na posição esquizoparanóide, razão por que alguns pensadores deste grupo tendem a negar-lhe qualquer aspecto positivo, dado seu caráter de imaturidade.

Segundo Rocha Barros (1987), em seu obituário de Herbert Rosenfeld, este autor prestou uma contribuição original para a conceituação teórica e a clínica do narcisismo, dentro da referência da teoria das relações objetais, razão porque lhe daremos destaque, a seguir.

Quanto a Bion, figura de especial destaque no movimento psicanalítico contemporâneo, as opiniões de seus seguidores divergem no que diz respeito à relevância de sua contribuição ao tema do narcisismo. Um estudioso de seu pensamento do porte de David Zimmerman (1995) lamenta que este autor não o tenha feito, ao passo que Antonio Rezende (1999), um pensador da obra de Bion, vê o narcisismo como mais um dentre os elementos de psicanálise assinalados por Bion, no par narcisismo/social-ismo, enquanto processo de individuação e socialização da criança. Mas razão também assiste a Zimmerman, pois a maior pletora de referência de Bion ao narcisismo se faz no livro póstumo "*Cogitações*", onde estão reunidas anotações não publicadas em vida e que sua esposa Francesca reuniu e publicou após a sua morte.

Michael Balint, outro autor incluído na escola de relações de objeto e não kleiniano, será considerado noutra parte deste trabalho, na discussão das questões da anobjetalidade e do narcisismo primário.

Herbert Alexander Rosenfeld

Em 1964, descreve as relações de objeto narcísicas com maior detalhamento do que jamais fizera M.Klein, indicando, inicialmente, que a onipotência exerce um papel proeminente num processo em que o objeto é onipotentemente incorporado e tratado como se pertencesse ao sujeito. A identificação é fator importante nas relações de objeto

narcísicas e ela pode ocorrer por introjeção ou por projeção e se articula com a onipotência antes salientada:

“Quando o objeto é onipotentemente incorporado, o eu se identifica tanto com o objeto incorporado que se nega toda identidade separada ou qualquer limite entre o eu e o objeto” (Rosenfeld, 1964, p.195).

Segundo esse autor, as relações objetais narcísicas são defesas contra qualquer reconhecimento da existência de uma separação entre o self e o objeto, cuja finalidade é evitar a ansiedade de separação e sentimentos de dependência do objeto, que estimulariam a inveja, caso fosse o objeto admirado, e produziriam sentimentos agressivos contra o objeto idealizado. Para Rocha Barros, esta é uma das descobertas mais originais de Rosenfeld, a saber, *o narcisismo é uma defesa contra a inveja*. Hanna Segal(1983) sintetiza isso em poucas palavras, complementando que narcisismo e inveja são duas faces da mesma moeda.

Esta contribuição de Rosenfeld tem repercussões na forma de analisar a inveja, até então feita diretamente pelos kleinianos, sem resultados satisfatórios, seja porque é difícil realizar para o paciente a sua manifestação, seja porque tornava a intervenção superegóica, dada a conotação pejorativa desta palavra. Rosenfeld propunha que se analisasse a relação narcísica, mostrando ao paciente a dificuldade em perceber o analista separado dele, como um objeto valorizado que possuía qualidades que lhe faltavam e as reações de competição agressiva ou negação ostensiva dirigidas ao analista.

Em 1971, introduz o conceito de fusão patológica para distingui-la da fusão normal entre os instintos libidinal e agressivo, sendo que, nesta última, a energia destrutiva é mitigada ou neutralizada, ao passo que, naquela, ocorre um fortalecimento dos impulsos destrutivos. No processo de abandono da posição narcísica, é inevitável o desenvolvimento de hostilidade e agressividade contra os objetos, quando a existência separada e a dependência aos objetos fica mais clara. Se persistem relações de objeto onipotentes e narcísicas, opera-se uma fusão patológica.

Prosseguindo, vai estabelecer outra distinção, que se tornaria polêmica entre os kleinianos. Sugere que, numa análise mais acurada, deve-se fazer uma diferenciação entre aspectos libidinais e destrutivos do narcisismo. Se prepondera o aspecto libidinal, há uma supervalorização do self e a auto-realização é mantida por identificações projetivas e

introjetivas com os bons objetos e suas qualidades. Se preponderam os aspectos destrutivos, são idealizados os aspectos onipotentes e destrutivos do self .

“Estes aspectos destrutivos são dirigidos tanto contra qualquer relação libidinal positiva de objeto, como contra qualquer parte libidinal do self que vivencie a necessidade de um objeto ou dependência deste”.

Ainda neste artigo, cuja leitura Rocha Barros considera de fundamental importância para todo psicanalista, Rosenfeld faz a magistral descrição de uma *organização narcisista*, a que chamou de máfia, para demonstrar um tipo de relações complexas de objetos, em que o paciente, a exemplo dos mafiosos, une-se em torno de um objeto poderoso e protetor, o *cappo* da máfia, que provê bem estar e segurança aos seus comandados, mas os mantém dependentes e submissos, ameaçando com a morte qualquer traição ou defecção.

O paciente, entretido numa organização deste tipo, fica seduzido e cego, vendo como benigna uma figura verdadeiramente maléfica que o engana com soluções rápidas, gozo imediato, em troca de manter uma conduta sociopática , invertendo valores. Desta forma, Rosenfeld presta valiosa contribuição para a compreensão das perversões, a partir de suas criativas contribuições ao tema do narcisismo.

Sua exuberante capacidade inventiva ainda se manifestará no capítulo final de seu livro *“Impasse e Interpretação”* (1987), em publicação pós-morte, onde fala de certo tipo de personalidade narcisista, cuja estrutura narcísica fez desenvolver-se uma espécie de pele grossa, que torna seus portadores insensíveis a sentimentos mais profundos e que vão requerer interpretações repetidas e freqüentes e ser tratados com muita firmeza, para confrontar sua atitude narcisista e sua inveja, a qual se deve a desvalorização do analista e da análise, bem como de qualquer necessidade de ajuda Durante muito tempo eles parecem impenetráveis às interpretações, mas persistindo nelas, acaba-se por atingi-los, quando então experimentam alívio, mesmo se elas lhes sejam dolorosas.

Em contraste com esse, há outro tipo de paciente narcísico, que foi repetidamente traumatizado na infância, sofrendo ataques constantes aos seus sentimentos de auto-respeito, apresentando-se vulneráveis, envergonhados, suscetíveis e que se defendem por um auto-retraimento que pode propiciar-lhes, se tiverem boa capacidade

intelectual, reconhecimento ou, se bem dotados fisicamente, atrair admiração estética, o que contribui para mantê-los estáveis, porém frágeis. Para esses casos, deve-se enfatizar a interpretação dos aspectos positivos da organização narcísica, mas cotejando-os com os aspectos destrutivos, para dar-lhes consciência acurada do conflito existente, pois muitas vezes essas pessoas não se dão conta da extensão de sua agressividade, uma vez que sua conduta manifesta pode parecer cordial e pacífica.

Essa contribuição de Rosenfeld permanece imortalizada na distinção formal do narcisista de pele fina e de pele grossa, tão engenhosa, ao nível teórico, quanto verificável e reaplicável na prática clínica.

Wilfred Ruppert Bion

Como veremos, Bion articula criativamente a questão do narcisismo com a psicologia de grupo e com a questão do senso comum. Faz também ponte entre narcisismo, teoria do conhecimento e psicologia coletiva.

Pondo-se em acordo com Aristóteles, considera o homem um animal político. Trata-se, portanto da questão de como pode o indivíduo sobreviver num grupo e não simplesmente, como pensava Darwin, da sobrevivência individual dos mais aptos. Esta observação crítica ao darwinismo parece-nos parcial, pois Darwin também estudou a sobrevivência das espécies, segundo sua melhor aptidão à adaptação ao meio ambiente. Porém, este detalhe não nos deve afastar do que Bion deseja enfatizar, ou seja, que o homem não nasceu para viver isolado e, desde o início, depende de um grupo para garantir sua sobrevivência.

Já Freud assinalara, desde seus primeiros escritos, que o ser humano, dentre os seres da natureza, é o que mais incompleto e menos desenvolvido nasce, o que caracteriza sua situação de desamparo (*Hilfglosigkeit*). Tal fato determina que, para garantir sua subsistência, necessite da assistência de uma outra pessoa, quase sempre a mãe, que lhe proporcione o sustento e lhe dispense todos os cuidados. Neste ponto, Freud constrói uma bela observação, traduzida nesta frase (ESB: I,422):

“... o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”.

Contudo, como bem ressaltamos, *quase* sempre é da mãe que se trata e apenas levantamos este senão para nos referirmos às situações em que falta a mãe por morte da parturiente, como também pensamos na possibilidade de haver uma sociedade que legislasse que, nascendo uma criança, ela fosse imediatamente afastada de sua mãe e encaminhada para uma creche estatal, a qual caberia os cuidados iniciais e toda educação do indivíduo. Desta forma, chamamos a atenção que, ao criar seu filho, a mãe não está simplesmente atendendo a um instinto materno biológico, mas exercendo uma função social, pois o homem vive num universo cultural e, por isso, pode legislar sobre o modo de criação de cada membro da sociedade, seguindo ou não os ditames da natureza.

Todas essas considerações se destinam a mostrar que o homem é fundamentalmente um ser cultural ou um animal político, conforme a tese aristotélica, e que a dimensão social lhe é inerente, a tal ponto que Bion chama a esta orientação básica de social-ismo. A ela se contrapõe uma direção oposta, o narcisismo. Da oposição dessas tendências resultam vários fenômenos de psicologia grupal.

A relação do paciente com o grupo é mediada pelo senso comum, expressão que adquire em Bion um lugar especial na teoria. O senso comum produz um estado de mente restritivo ao narcisismo megalomaniaco, em que se quer **ser tudo**, bem como **ter tudo**. O senso comum obstrui a fantasia, a qual, sem ele, poderia ser sentida como fato (*Cogitações*, 37/8).

Para conquistar a sua sobrevivência no grupo, o indivíduo precisa ser dotado de um alto grau de senso comum, que envolve:

- “1º) uma habilidade de ver o que os outros vêem, quando submetidos ao mesmo estímulo;*
- 2º) uma habilidade para crer na sobrevivência dos mortos depois da morte, em um tipo de Paraíso ou Valhala ou algo assim;*
- 3º) uma habilidade para alucinar ou manipular fatos de modo a produzir material para um delírio de que há no grupo um fundo inexaurível de amor por ele...”*

Assim, o senso comum sustenta a crença do realismo ingênuo (item 1º) e amortiza o temor da morte (item 2º), em troca da crença do indivíduo de que, submetendo-se ao senso comum e subordinando-se, por esse caminho, à crença comum do grupo, ele obterá, em troca, o amor do grupo (item 3º)..

Seu senso comum sofrerá um grande abalo ao constatar que o grupo pode estar mais interessado na sobrevivência do próprio grupo, até em detrimento da sobrevivência do indivíduo, algo comparável ao que Freud já notara ao falar que o interesse último da natureza parece ser a sobrevivência do plasma germinativo e não a individual (ESB: XVI 483; ESB: XVIII, 65) Essa constatação abre uma ferida narcísica no orgulho pessoal. Daí, pode desencadear uma desilusão, que leva à ruptura com o grupo e a um recuo para uma condição descrita como narcisismo primário, um estado de reclusão.

O senso comum é o preço que se paga para fazer parte do grupo.

O senso comum faz apelo ao consentimento: co-sentimento, sentir com e como os outros. O consentimento corresponde ao desejo de ser amado pelo grupo. Se o grupo não ama o indivíduo, produz-se uma lesão narcísica.

Numa situação clínica, pode também acontecer que isso resulte da falta da capacidade do paciente em desenvolver algumas das habilidades referidas ou um conjunto similar delas, e, como único método disponível para preservar seu narcisismo, terá de se defender do temor que sente do grupo através da destruição de seu senso comum ou o senso da pressão do grupo sobre ele como indivíduo.

No psicótico, o resultado desses ataques destrutivos aparece como uma superabundância de narcisismo primário, o que não passa de aparência, pois esse suposto narcisismo primário é, de fato, secundário a um temor ao “social-ismo“. Nesta referência, a noção de social-ismo está ligada à percepção do paciente de que o grupo é sabidamente indiferente ao seu destino como indivíduo. No plano sociológico e político, isto corresponde ao privilégio do coletivo sobre o individual.

Noutro referencial, o socialismo é conservador, uma vez que impõe ao indivíduo o senso comum como forma de subordinação ao grupo, em garantia a se sentir aceito e respeitável. Bastará, porém, que desafie o *stablishment*, para que se veja rechaçado,

como é pródiga a história das idéias em exemplos de indivíduos que foram além do estabelecido, alguns pagando com a própria vida, como Giordano Bruno, outros, cedendo algo ao senso comum, como Galileo.

Como soluções de compromisso entre o indivíduo e o grupo, existem os dogmas religiosos, os postulados científicos, os regulamentos militares, a ideologia política, que visam enquadrar o indivíduo, mantendo-o harmonizado com o grupo. A desobediência a estes pressupostos pode desencadear reações severas, desde o exílio à morte.

Não obstante, o acolhimento fraterno de uma idéia ou sentimento pelo grupo é sempre buscado pelo indivíduo, a par do temor da desaprovação e da intolerância, base dos temores persecutórios que podem estar na raiz de certa paranóia que os alunos experimentam diante do temor da reprovação de uma banca examinadora ou que um pesquisador sente ao expor uma descoberta aos seus pares em um congresso científico. O desejo de isenção de julgamento e de aceitação tolerante das diferenças encontra sua justificativa em situações dessa natureza.

De outro lado, o apego do indivíduo a uma idéia pessoal, a qual impregna de ardorosa paixão, pode obstruir-lhe o senso comum e levá-lo a confrontar-se com o grupo fanaticamente e de forma hostil e reivindicatória, manifestando seu narcisismo de forma arrogante e anti-social. O indivíduo ama suas idéias como o louco ama seus delírios.

Numa situação limite, o indivíduo pode defrontar-se com o dilema de ter de lutar pelo seu grupo, com sacrifício da própria vida, como se observa nas guerras, quando o indivíduo morre pela pátria, ou nos confrontos de grupos adolescentes rivais, em que um elemento pode dar a vida pela sua gangue. Apresentamos este exemplo para afastar qualquer conotação moral ou idealista do auto-sacrifício, pois nada é mais estranho a Bion do que o moralismo. Estamos simplesmente descrevendo uma forma de se manifestar a oposição entre o indivíduo e seu grupo. O conflito entre se bater pela própria sobrevivência ou pelo grupo, Bion coloca não entre os instintos do ego e a sexualidade, como Freud, em *Instintos e suas vicissitudes*, mas entre narcisismo e social-ismo.

Este conflito, porém, trava-se *dentro* do ego, na medida em que é ele a instância que estabelece conexão entre a realidade interna e externa. Em situações extremas, a tensão entre essas tendências opostas pode levar a cisão do ego ao ponto de sua máxima fragilização e destruição.

Sendo o ego a parte da personalidade que leva à percepção da demanda conflituosa entre o indivíduo e o grupo, logo poderá ser visto como a causa da dor que é experimentada em função do duplo contato entre a realidade externa ou grupal e sua realidade interna ou egocêntrica. No caso extremo que estamos examinando, os ataques de cisão, derivados de pulsões primitivas, voltam-se contra o órgão psíquico que parece frustrá-lo. Daí o ódio à realidade, característico de pacientes muito perturbados, como vemos nas psicoses.

O ódio à realidade é o ódio ao ego, que faz a ligação com ela. Se o analista está no lugar do ego, ou seja, funcionando como essa instância para o paciente, enquanto tenta fazer a ligação com a realidade, ele também se torna alvo de ataques, traduzidos como ataques ao vínculo terapêutico, no que representam, em essência, ataque à função mental que faz a ligação das demandas internas com a realidade, para viabilizar o pensar, igualmente atacado, por essa via. Assim se forma uma reação terapêutica negativa de difícil solução, uma vez que a própria função simbólica é atacada, inviabilizando o pensar. O processo terapêutico tem de recuar a etapas muito precoces, para reconstruir uma condição de continência inicial semelhante à da relação da mãe com seu bebê, na sua função de *rêverie*, que lhe permite desintoxicar as experiências indigestas do bebê, dar-lhes significado e devolver o material assim metabolizado para ser reassimilado e introjetado, reconstituindo o aparelho para pensar.

Donald Woods Winnicott

Outeiral (1994), reconhecido estudioso e divulgador do pensamento de Winnicott no Brasil, põe-nos logo em contato com uma controvérsia entre os autores dedicados ao estudo da obra de DWW, mostrando pontos de vida diametralmente divergentes. Assim, enquanto Grotstein (1989) acha que Winnicott adotava a tese do narcisismo primário *“mais do que qualquer outro teórico antes de Kohut”*, Green (1988) afirma que ele não lhe dedicou grande atenção.

Em seus *“Rabiscos”*, Outeiral observa que, embora haja vários registros do termo narcisismo em diferentes trabalhos de DWW, eles estão dispersos e não se encontra um título especial que reúna as idéias do autor sobre esse tópico. Assim, autoriza-se a

pesquisar o assunto e nos enriquece com sua contribuição. Dele aproveitaremos as traduções do inglês, nas citações abaixo.

Inicialmente, o autor encontra analogias entre o estágio de dependência absoluta, de Winnicott e o narcisismo primário, de Freud, o que foi também admitido pelo próprio autor, conforme uma citação do texto *“The Depressive Position in Normal Emotional Development”* (1954b):

“... e também a dependência absoluta ou narcisismo primário (grifo nosso) é um estágio normal pelo qual passa um bebê saudável no início ou próximo do início de sua vida” (p.437).

Estudando o desenvolvimento da percepção do objeto e das relações objetais, DWW reconhece três níveis, desde uma apreensão centrada no indivíduo, até um estágio mais avançado que permite a apreensão do Outro em sua alteridade autêntica e essencial. Assim, temos:

- 1-objeto subjetivo, próprio do estágio de dependência absoluta
- 2-objeto transicional
- 3-objeto objetivamente percebido.

Tendo em conta as reações da criança às agressões do meio ambiente, ou melhor, ao que ela experimenta como tal nos primórdios de sua vida, as quais chama de *“reactions to impingement”* (reações á intrusão), DWW (1950/51) descreve um padrão inicial, em que há interação com o meio ambiente através da motilidade, que permite ao bebê constantes descobertas e redescobertas com o meio ambiente, desenvolvendo sua experiência individual.

Num segundo padrão, o feto ou o bebê sente que o meio ambiente o invade e ele é acometido por uma série de intrusões, que lhe impedem desenvolver uma experiência individual, e retira-se para o descanso, como a única forma que lhe permite a existência individual, e a motilidade é experimentada como uma reação à intrusão.

O terceiro padrão é um caso extremo, em que *“isto é exagerado a tal ponto que não há nem mesmo lugar de descanso para a experiência individual e o resultado é que o estado de narcisismo primário não produz um indivíduo.”* Ele fica ocultado e é

difícil encontrá-lo mesmo em uma análise muito profunda, pois seu “*verdadeiro self*” fica oculto pelo complexo “*falso self*”, cuja função é justamente esta, de ocultamento. O falso self pode ser convenientemente sintônico com a sociedade, mas fica sujeito à instabilidade e o paciente se queixa de uma sensação de futilidade.

Winnicott considera o primeiro padrão saudável e dependente de uma maternagem suficientemente boa, com o amor expresso em termos físicos, de contato, “*única forma pela qual ele pode ser inicialmente expresso*”. (DWW in Outeiral, p.47). Denomina “*holding*”, a função materna de sustentar fisicamente o bebê, a maneira como o segura e encaixa em seu colo, posteriormente estendendo essa noção para incluir os aspectos emocionais de sustentação pela mãe das necessidades e angústias de seu filho (Zimerman, 2001).

Estudando o desenvolvimento do ego, através do holding, observa que o ego passa de um estado de *não integração* para uma *integração estruturada*, para o que é necessária a existência de uma *mãe suficientemente boa (ambiente facilitador)*. Desenvolvendo-se, o ego torna-se apto a experimentar a ansiedade sentida como fator de *desintegração*.

Desta forma, vemos articularem-se com o narcisismo primário as concepções winnicottianas de estado de dependência absoluta (em sua teoria do desenvolvimento emocional), com a de objeto subjetivo (em sua teoria do desenvolvimento da percepção do outro) e o estado de não-integração (em sua teoria do desenvolvimento do ego).

A evolução do narcisismo primário e de cada uma das etapas que lhe correspondem para a próxima etapa depende do holding, de uma maternagem suficientemente boa num ambiente facilitador. Caso ocorram intrusões patológicas, podem levar à constituição de um falso self, ou, se muito graves, à emergência de estados psicóticos. Embora Winnicott não o explicita, essas seriam manifestações de um narcisismo secundário patológico.

Apresentaremos em seguida uma seleção de citações de DW W, em que se constata o quanto o conceito de narcisismo primário foi por ele utilizado e de que forma o foi:

“...no estágio mais inicial, chega-se mesmo a uma posição na qual apenas o observador consegue distinguir entre o indivíduo e o meio ambiente (narcisismo primário): o indivíduo não pode fazê-lo, é portanto conveniente que nos refiramos aqui a uma organização meio-ambiente-indivíduo e não a indivíduo.”

(Winnicott, 1954b)

De modo mais sintético, quase com as mesmas palavras:

“...anteriormente a tudo isso, há o estágio do narcisismo primário, o estado no qual o que percebemos como sendo o ambiente do bebê e o que percebemos como sendo o bebê, constituem, de fato, uma unidade.”

(Winnicott, 1988)

Chegamos, assim, à compreensão de seu célebre aforisma

“There is no such a thing as a baby”

(Winnicott, 1952)

Heinz Kohut

Historicamente, desde as controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein, que quase racharam a Sociedade Britânica, os analistas do ego têm sido opostos aos Kleinianos da mesma forma como se contrapõem uma ortodoxia a uma heterodoxia freudianas. Tal discriminação parece-nos indevida, pois resulta de uma simplificação de posições teóricas divergentes, sem considerar que ambas derivam de diferentes leituras de diferentes textos de Freud, em diferentes momentos de seu pensamento.

Enquanto na Inglaterra pouco se desenvolvia o conceito de narcisismo na época em que o kleinismo era a corrente dominante, nos Estados Unidos esse tema encontrava grande entusiasmo e era alvo de estudos de muitos autores (Cabernite, 1981; Mancia, 1993). Hartmann (1950) precisou o seu conceito, considerando-o um investimento libidinal

da *representação do self*, ao invés do ego, como dispusera Freud, e distinguiu no ego uma área livre de conflitos, criando o conceito de *autonomous ego*.

Neste contexto, Kohut, destacando-se da escola da Ego Psychology, em ambos os sentidos da palavra destacar, de salientar-se e separar-se, oferece uma visão original e renovadora sobre o narcisismo em nível conceitual, embora suscite vívidas controvérsias quanto ao modo de conduzir a psicanálise clínica, a partir de suas teorias.

Kohut (1966, 1968, 1971) desenvolve seus conceitos a partir do estudo das relações primitivas de objeto, relatando experiências narcísicas nas quais os objetos são usados a serviço do self e dos impulsos instintivos, sendo experimentados como partes do self, ao que chama de *self-objetos*. Distinguiu o self narcísico (1966) ou grandioso (1968) e a imagem parental idealizada, estudou a transferência narcísica (1966) ou selfobjetal (1971), distinguindo correlatamente a transferência especular e a transferência idealizadora.

Kohut admite uma linha de desenvolvimento do narcisismo em sentido evolutivo, estuda sentimentos relacionados ao narcisismo, como a vergonha e a ambição, aprofunda o conhecimento das personalidades narcísicas e seu tratamento psicanalítico, extrai conseqüências de suas idéias no plano cultural, com interessantes contribuições literárias, políticas e sociais.

Coerente com sua concepção de uma linha evolutiva própria do narcisismo, distinguirá formas arcaicas e formas maduras, admitindo um processo de transformação do narcisismo. O narcisismo transformado pode atingir uma “*constelação saudável e louvável*” (Kohut, 1984: 84).

Como o desenvolvimento da relação objetal corre paralelo ao das relações narcisistas, um indivíduo poderia atingir bom desenvolvimento na linha objetal, mas ter prejuízos ao longo do amadurecimento narcísico. Este ponto de vista encontra forte oposição entre os psicanalistas de outras orientações, do que se defende Kohut, argumentando que isto se deve a um preconceito, que dá preferência ao sistema altruístico de valor da civilização ocidental. Segundo ele:

“*A antítese do narcisismo não é a relação objetal, mas o amor objetal.*” (Kohut, 1984:9).

Jacques Lacan

Lacan contribuiu enormemente para o atualíssimo problema da alteridade e o reconhecimento das diferenças, de tão elevado valor ideológico nos nossos tempos de intolerâncias fundamentalistas de todos os jaezes. Fê-lo precisamente através do estudo do narcisismo, ressitando o problema da constituição do sujeito e reconhecendo o narcisismo como estrutura fundante ou fundamento estrutural nesse processo.

Na apreciação da contribuição de Lacan, consideraremos especialmente o texto dos *Écrits*, que são de sua própria lavra, ao contrário dos *Séminaires*, anotações de aula de seus discípulos, que envolvem controvérsias sobre a fidelidade ao pensamento do mestre, mas que não serão totalmente descartados, pois, se não constituem a escrita direta de Lacan, são também, sem dúvida, uma fonte original, bica comum em que bebe todo lacanismo (Lacan, 1979,1985).

Lacan concebeu o estágio do espelho como um momento fundamental da constituição do sujeito. Entre os 6 e 18 meses, produz-se este estágio, em que o bebê reconhece sua imagem no espelho, acompanhando este reconhecimento com júbilo e gestos lúdicos. Neste momento produz-se uma identificação no sentido pleno, a saber, a transformação produzida quando o sujeito assume uma imagem, neste caso, a do corpo, que estrutura o *je*. Antes do estágio do espelho, o sujeito não tinha uma experiência unificada do seu corpo como totalidade, antes o percebia como despedaçado (*corps morcelé*). Isso corresponde à fase do auto-erotismo, de Freud. Revela-se em análises profundas, em alucinações esquizofrênicas e em algumas produções artísticas, como nos quadros de Bosch.

Diante do espelho, a criança primeiro crê que há ali um ser real, o qual tenta agarrar. Depois compreende que se trata de uma imagem e, finalmente, que se trata de sua própria imagem.

No momento em que se cumpre o estágio do espelho, inaugura-se, pela identificação com a imagem do semelhante, a dialética que vincula o *je* a situações sociais elaboradas. “*O termo narcisismo primário pelo qual a doutrina designa o investimento libidinal próprio deste momento... esclarece também a oposição dinâmica... entre essa libido e a libido sexual*”.

Lacan comenta que foi necessário “*invocar instintos de destruição e até de morte para explicar a relação evidente da libido narcisista com a função alienante do je, com a agressividade que se destaca em qualquer relação com o outro, nem que seja a da mais samaritana ajuda*”. Para ele, a agressividade é a tendência correlativa do modo de identificação narcisista, conforme a tese IV de seu relatório de Bruxelas de maio de 1948 (Escritos, 112).

No estágio do espelho, a criança enfrenta “*uma libido negativa que faz luzir novamente a noção heraclitiana da discórdia, que o efesiano considerava anterior à harmonia*”. Esta libido negativa marca a relação da imagem visual de si com a “*tendência suicida que o mito de Narciso expressa essencialmente*”. Isso porque, se a criança mostra uma reação de júbilo, diante de sua imagem unificada no espelho, ao mesmo tempo se instala a angústia de esfacelamento, que a manterá escrava do imaginário, do olhar do outro, dos espelhamentos alienantes do *moi*.

André Green

Este autor tem desenvolvido recentemente criativas formulações em torno do tema do narcisismo, trazendo à luz questões relacionadas aos conceitos de Um, o Outro, o Neutro, o Mesmo, ao mesmo tempo em que, sob a terminologia *narcisismo de vida e narcisismo de morte*, traz reflexões novas a respeito da agressividade, a pulsão de morte, a negatividade. Suas elaborações convergem nas noções de psicose branca e a figura da mãe morta.

Green (1988) recua à primeira experiência da falta, em que a solução encontrada se dá pela realização alucinatória do desejo, através da qual a criança faz ressurgir o objeto-seio, na onipotência do seu desejo. Estabelece-se uma relação de causa e efeito entre a realização alucinatória do desejo e a experiência de satisfação, pelo desconhecimento da criança de que foram seus gestos e choros que alertaram a mãe para atendê-la. Esta é uma solução bastante imperfeita, que requer outras mais apropriadas a uma satisfação efetiva., dentre as quais a identificação é a solução mais fundamental, pois suprime a representação do objeto, o próprio Eu tornando-se este objeto, confundindo-se com ele.

No começo, a identificação primária é dita narcísica, o Eu fundindo-se com um objeto que é muito mais emanção dele mesmo do que um ser distinto reconhecido na sua alteridade. Se este modo de funcionamento persiste, o Eu fica sujeito a inúmeras desilusões. A identificação narcísica vai se mostrando uma operação destinada ao fracasso, enquanto tentativa de restabelecer a unidade-identidade. Nunca mais coincidirão o desejo e sua plena realização, pois o objeto de satisfação sempre reafirmará sua alteridade. A triangulação edípica poderá acentuar a decepção narcísica mediante a frustração imposta pelos dois objetos parentais, sentidos como narcisicamente investidos, com exclusão da criança.

Cria-se um movimento em que o eu partirá continuamente em busca de objetos substitutos, fadado a nunca encontrar a plenitude da experiência de satisfação inaugural, a qual, contudo, não é mais que fantasia, construída *après-coup*, de forma que a almejada busca de sua reprodução não é mais que ilusão.

Toda vez que, frustrado pelo objeto, o eu se volta para si mesmo, ele substitui o desejo do Outro pelo desejo do Um. Encontrando nele mesmo sua própria satisfação, dá-se a ilusão de auto-suficiência, livrando-se da dependência do objeto:

“A ego-sintonia do Eu só deve então ser procurada nos investimentos do Eu por suas próprias pulsões: é o narcisismo positivo, efeito de neutralização do objeto. A independência assim adquirida pelo Eu com respeito ao objeto é preciosa, mas precária. Pois o Eu não pode nunca substituir totalmente o objeto” (Green, 1988, p.25).

Outra tentativa, igualmente destinada ao insucesso, é voltar os investimentos a um objeto totalmente idealizado, com o qual deseja fundir-se da maneira como procedia com o objeto primário. Busca-se um estado de beatitude, de serenidade no seio de Deus, com renúncia a todas as alegrias simplesmente humanas. Ainda estamos no terreno das manifestações do narcisismo de vida, as quais nunca se tornam totalmente bem sucedidas, como a clínica revela.

Essas soluções falhando, igualmente podem suscitar ressentimento, ódio, desespero. Já não se busca a unidade nem a fusão com o objeto idealizado, mas o nada, isto é, uma redução das tensões ao nível zero, aproximação da morte psíquica. Pelo abandono

de toda busca de satisfação, desistência pela vida, *“a morte adquire sua figura de Ser absoluto”* (idem, p.26).

Na situação em que vige o narcisismo mortífero, a realização alucinatória *negativa* do desejo torna-se o modelo que governa a atividade psíquica, é o Neutro e não o desprazer que substitui o prazer, e não se segue daí a depressão, mas a “anorexia de viver”, o ascetismo, a afânise. Da neutralidade e da indiferença afetiva é produto a psicose branca.

Quando a realização unitária do narcisismo falha, o modelo do desejo inverte-se:

“Torna-se mimese do não-desejo, desejo de não-desejo”. (idem, p.26).

Na concepção de Green, vê-se que o narcisismo tem dupla face, positivo e negativo, vida e morte, de forma que se refere a uma figura mítica compósita, Narciso Janus.

“Narciso Janus é, portanto, mimético da vida, assim como da morte, adotando a solução ilusória de fazer da vida ou da morte um casal absolutamente fechado”.

Green desemboca numa aporia, o que o faz solidarizar-se com o desvio do narcisismo, que, a seu ver, ocorreu em Freud, dado a fonte de mal-entendidos suscitada por este conceito. Mas isto não o impede de desenvolver criativamente o tema do narcisismo, explorando o paradoxo e a dialética desta dupla vertente, descrevendo os aspectos negativos e positivos, de forma extensa, que não cabe nos limites que nos impusemos neste trabalho.

O aspecto essencial da contribuição de Green está no seu empenho em ressituar o narcisismo depois da derradeira teoria da libido e da segunda tópica, o que Freud teria desistido de fazer.

Uma contribuição original: Neville Symington

Abrimos uma exceção ao critério de considerarmos apenas os formadores de escolas de relevância no cenário internacional do movimento psicanalítico, para considerarmos a nova e recente abordagem de Neville Symington, que merece destaque pela sua originalidade.

Symington (1993) considera o narcisismo como a condição em que o indivíduo recusa o que ele chama de “objeto *lifegiver*”. Este objeto é relacional e interacional, só existe enquanto forma de relação e deve ser necessariamente internalizado. Ele está presente desde o período pré-natal, através de uma interação do feto com a voz da mãe, quando ainda se encontra no meio intra-uterino. Depois do nascimento são *lifegivers* o seio da mãe, em seguida, a pessoa total da mãe e, finalmente, o parceiro sexual.

Para explicar melhor a natureza deste objeto, faz analogia com a amizade. Esta é uma realidade psicológica que existe entre duas pessoas sem estar inteiramente contida nelas, tanto que, se morre um amigo, não fenece o sentimento de amizade que tenho por ele. Assim é também com o objeto *lifegiver*, cuja interiorização faz dele não um objeto externo com que me relaciono, não se trata do Outro, mas de uma relação internalizada indissolúvelmente remetida a um objeto vital. *Lifegiver* é traduzido como doador de vida e gerador de vida.

“É um objeto psíquico que não pode existir independentemente de uma mãe, de uma vagina, de um pênis, de um pai” (NNT: 34).

Pondo em discussão a noção comum de que o narcisismo é o amor pelo self, invoca o que chama de princípio da omissão, pelo qual uma escolha determinada implica na exclusão de outra alternativa. Conclui daí que a escolha amorosa do self pelo narcisista implica na rejeição de uma escolha alternativa e indaga: ao que o narcisista dá as costas? Sua resposta constitui a originalidade de sua concepção. Para ele, o que está no cerne do narcisismo é a rejeição do *lifegiver*. Portanto, a essência do narcisismo, para Symington, é negativa, define-se por aquilo que recusa e não pelo que escolhe. O acento é posto na rejeição a um objeto, sendo o amor voltado ao self um aspecto secundário e compensatório. Não existe, para ele, o narcisismo primário. E, se a base da saúde mental é a aceitação do *lifegiver*, o narcisismo, enquanto oposto a esta escolha, é sempre patológico. Não pode haver narcisismo normal.

Cabe indagar: o que determina a recusa ao *lifegiver*?

Em sua obra capital, *“Narcisismo: uma nova teoria”* (1993), mostra-se inclinado a aderir à teoria kleiniana da inveja, enquanto ataque à criatividade e à própria fonte de vida (NNT: 41). Mas, ao apresentar, num artigo imediatamente posterior, o

esqueleto de sua teoria, já não faz referência à inveja e considera que a questão do repúdio do *lifegiver* ainda deverá suscitar muitos debates (RBP: 485).

Se a relação com o objeto *lifegiver* se estabelece e evolui, é possível uma internalização sem possessão, sem roubo dos atributos do outro, o qual pode ser discriminado e visto na sua alteridade essencial. Já o narcisista, recusando o *lifegiver*, apossa-se de suas qualidades e não pode manifestar-lhe gratidão, comportando-se de forma onipotente como se ele próprio fosse o doador de sua vida, sem reconhecer sua interdependência de outrem.

Na transferência, o analisando narcisista não pode reconhecer sua dependência saudável do analista, nem lhe ser grato pelos progressos que venha a efetuar, na medida em que se apossa dos atributos alheios, sem se dar conta. O que recebe da análise torna-se seu somente, sem que nada deva ao seu analista.

Autores brasileiros

Entre nós, dois autores merecem destaque por terem trazido contribuições originais ao tema do narcisismo: Vitor Manuel Andrade e Marcos Pacheco de Almeida Prado. O primeiro, mantendo-se fiel a Freud, no entanto faz uma leitura inovadora, enquanto o segundo, de forma criativa, introduz um novo conceito, o de estado de entranhamento e tenta a aproximação consistente dos pontos de vista freudiano, kleiniano e bioniano sobre os primórdios do desenvolvimento mental.

Vitor Manoel Andrade

Entre os autores brasileiros, Vitor Manoel Andrade apresenta uma apreciação original sobre o narcisismo. Reunindo o que Freud escreveu sobre o assunto, apresenta-nos uma visão própria sobre o narcisismo primário e secundário e, no que se distingue sua contribuição, dá uma importância especial ao instinto de conservação na constituição do narcisismo, que não se vê destacada em outros autores.

Considera o narcisismo primário desde a vida intrauterina e se estendendo aos primeiros tempos do desenvolvimento infantil em que “*o bebê tem dois egos fundidos ou indiferenciados, o dele próprio ou ego real, e o do objeto, ou ego ideal(izado), ou seja, ego real e ego ideal são coincidentes*”. Nesta fase as funções preservativas do ego do bebê são

exercidas pelo objeto, em geral a mãe, de que ele é absolutamente dependente, prevalecendo um estado de confusão e indiscriminação, de que decorre uma experiência de onipotência absoluta, “*porque sua indiferenciação do objeto lhe dá a ilusão de que todo poder do objeto lhe pertence*” (Andrade, 1999, p.638).

Como a identificação, segundo Freud, é a primeira ligação emocional entre duas pessoas, sendo anterior à relação de objetos propriamente dita, no narcisismo primário, dada a ausência de limites entre o ego e o objeto, vigora essa forma de ligação ao objeto, denominada *identificação primária* por Andrade. Isto nos faz ver que a transferência narcisista se faz na base da identificação e não das relações de objeto, como ocorre nas neuroses de transferência e que o método psicanalítico tem de sofrer modificações quando se deseja tratar os distúrbios narcísicos, pois o paciente está regredido a uma fase de indiscriminação entre ele e o analista, na qual os modos de comunicação são predominantemente não verbais, como na primitiva relação entre a mãe e seu bebê.

Quanto à libido investida no ego indiferenciado do narcisismo primário, trata-se de um investimento de impulsos instintivos de vida, mas de natureza autopreservativa e não sexual.

Com o desenvolvimento do ego, na medida em que se diferencia do objeto, “*o bebê defronta-se com a realidade de sua impotência, tem a auto-estima rebaixada e deseja recuperar a onipotência perdida. Reinstala-a mediante a introjeção do objeto idealizado – ao ser internalizado, este passa a constituir um ego ideal, ao lado do ego real do bebê, que assim vê restaurado o narcisismo perdido*”. A esta condição Andrade dá o nome de narcisismo secundário, ao qual corresponde uma identificação também secundária, posterior à percepção de um objeto externo, que é introjetado.

Embora não explicitado, parece que essas noções andradianas de narcisismo primário e secundário parecem manter correspondência com as concepções kohutianas de self-objeto grandioso e figura parental idealizada, de que decorrerão formas específicas de transferência especular narcisista, grandiosa ou idealizadora.

Mario Pacheco de Almeida Prado

O autor busca aproximar os pontos de vista de Freud e Klein, mas a influência desta última se revelará maior na sua concepção pessoal do estado de entranhamento, que servirá de poderoso incentivo à comunidade científica da psicanálise brasileira para a investigação da psicose e dos estados limítrofes (*borderline*), enquanto importante instrumento de conhecimento destas condições psicopatológicas. Almeida Prado relaciona o estado de entranhamento ao narcisismo, daí o título de seu livro: “*Narcisismo e estados de entranhamento*” (NEE).

Lamentando que Freud tenha se cingido apenas aos impulsos libidinosos narcísicos, deixando de lado os impulsos destrutivos, Almeida Prado incluirá o masoquismo erógeno como manifestação narcísica, numa formulação bastante polêmica, que Freud nunca fez, e não se encontra noutros autores de peso dedicados ao assunto.

Por estado de entranhamento, Almeida Prado entende um estado mental primitivo, um estado indiferenciado inicial, em que o bebê experiência tudo como parte dele. Os estímulos sensoriais, quer venham de fora, quer de seu próprio corpo, são vivenciados como parte dele, embora – é importante ressaltar este ponto – ainda não disponha de um aparelho mental que lhe faculte dar-se conta de que percebe tudo como sendo parte dele.

“... o bebê, de início, é indiferenciado, e tudo que sente e experiencia é dele. Assim sendo, o objeto que lhe traz satisfação ou insatisfação também é dele, é parte dele”. (NEE, p. 78).

Pela frustração, imposta pela existência separada da mãe, entram em jogo mecanismos primitivos de defesa, tais como cisão e identificação projetiva, “*que tentam restabelecer o estado de ‘entranhamento’ perdido, configurando o que qualifico como estado de confusão ou confusional*”. (NEE, p.76).

O que determinará um desenvolvimento favorável ou desfavorável será o nível de angústia dominante no self, o qual é função da intensidade dos impulsos destrutivos constitucionais da criança e dos impulsos destrutivos que dominam o estado mental da mãe, interferindo na *rêverie* materna.

Vemos que o autor estabelece claramente dois estados iniciais de desenvolvimento. Ao primeiro, chama de estado indiferenciado e, ao segundo, de estado confusional. Não fica claro onde se situa seu estado de entranhamento; ora parece fazê-lo corresponder ao estado inicial, ao dizer que os mecanismos de defesa tentam *restabelecer* o estado de entranhamento perdido (vd. acima), ora diz, páginas adiante, que é o estado de confusão que *gera* os estados de entranhamento (p. 83). Logo em seguida, destaca:

“Em minha conceituação, um estado de entranhamento inicial ou estado de indiferenciação e confusão do sujeito com seus objetos primários jamais desaparece da vida mental da pessoa...”

Parece que, sem se aperceber, o autor tropeça nas palavras, ora estabelecendo distinção entre indiferenciação e confusão como estágios diferentes, ora igualando equivocadamente os termos. Noutras palavras, ele tanto fala de indiferenciação e confusão, como de indiferenciação ou confusão, o que acaba por confundir as coisas.

Também não fica claro o significado psicopatológico do entranhamento. Em certas declarações, parece corresponder a uma condição patológica:

“Basicamente, porém, o que desejo salientar neste trabalho é a interferência dos impulsos de morte na determinação da noção do self e, como resultado patológico (grifo nosso) dessa interferência, um estado de entranhamento do sujeito com seus objetos primários em grau variável de profundidade e extensão”.(NEE, p.82).

Mas, três parágrafos abaixo, lê-se:

“Desenvolvi a idéia de que o que é introduzido primariamente tanto pode ser amor (instinto de vida), como ódio (instinto de morte), gerando estados de entranhamento amoroso ou destrutivo”.

Pensamos que se trata aqui de uma contradição aparente, pois a leitura de todo o texto dá-nos a compreensão que o essencial na definição do entranhamento é a indiferenciação inicial mãe-bebê e que, dependendo das forças em atuação, pode resultar um estado de entranhamento ou mais ou menos patológico.

Seja como for, este autor trouxe uma contribuição pessoal valiosa com seu conceito de estado de entranhamento, atestada pela grande repercussão que teve, incitando a pesquisa de estados mentais primitivos, que era pouco praticada em seu tempo e que sua conceituação inovadora incrementou. O que ele descreve corresponde, ao nosso ver, a um

estado narcísico de natureza fusional, mas que revela uma relação de objeto específica de indiferenciação e de indiscriminação do bebê, posto que este não tem percepção ou consciência do que se passa, podendo apenas vivenciar ou sentir. Só depois, por um processo de desenvolvimento em que ganham importância a maturação do ego e a atitude materna, a criança vai-se dando conta da sua separação do seio materno.

CAPÍTULO 6
ILUSTRAÇÃO CLÍNICA

Além da coerência interna, atributo de ordem lógica, a validade de um conceito deve ser dada pela sua aplicabilidade prática, ou, no caso em apreço, pelo seu uso na clínica psicanalítica.

Quanto a este ponto, notamos que, com o narcisismo, Freud procede diferentemente, sem nos apresentar um exemplo a partir do qual se estabelece o conceito psicanalítico da entidade clínica em estudo e de seus dinamismos, como o fizera em relação à histeria, com os cinco casos dos “*Studien*”, à neurose fóbica, com o estudo do “*Pequeno Hans*”, e a neurose obsessiva do “*Homem dos Ratos*”. O problema da transferência também fora introduzido clinicamente a partir do “*Caso Dora*”, o complexo de castração e suas conseqüências revelam-se no “*Homem dos Lobos*” e a “*Interpretação de Sonhos*” é povoada de grande número de recortes oníricos para comprovar a sua teoria.

Já no artigo introdutório sobre o narcisismo, o único em que Freud discorre longamente, tomando-o como tema central, construindo uma monografia sobre o assunto, não existe uma única ilustração clínica, nenhum “*case report*”, sequer um recorte ou fragmento clínico. Mesmo nos textos precursores, o narcisismo vem apresentado por vias indiretas, teorizando sobre uma biografia de Leonardo da Vinci, sobre a autobiografia de um paranóico, o magistrado Schreber, ou especulando sobre a onipotência do pensamento primitivo e da magia no ensaio antropológico-psicanalítico de “*Totem e Tabu*”.

Dada a maneira fundamentalmente teórica como o assunto é tratado, mesmo que pretenda esclarecer certos quadros clínicos como a paranóia, a esquizofrenia, a hipocondria - desde aí consideradas impropriamente “*neuroses*” narcísicas -, o artigo de 1914 sobre o narcisismo costuma ser incluído por alguns como parte dos escritos metapsicológicos de 1915. Mesmo em “*Luto e Melancolia*”, em que aprendemos o conceito de identificação narcísica, o que se evidencia é uma dedução teórica sobre os mecanismos psicopatológicos da melancolia e não a apresentação de um relato clínico comprobatório.

Ao nosso ver, uma razão para que não vejamos Freud fazer trabalhar seu conceito de narcisismo na clínica deve-se justamente ao fato de julgar que os clientes acometidos de afecções narcísistas não eram capazes de estabelecer transferência com o psicanalista e, portanto, resultava impossível servir-se deste instrumental da terapia

analítica, já considerado essencial nesta época em que o método psicanalítico por excelência era o da interpretação da transferência e não mais o da análise direta do material reprimido. Conseqüentemente, não havia como mostrá-lo em ação numa análise se, por outra, o narcisismo era não analisável.

Como, por conseguinte, nos será possível fazer trabalhar o conceito do narcisismo através da ilustração de material clínico?

Afortunadamente, a psicanálise tem continuado a evoluir e, já em Freud, encontraremos um início de saída deste beco. Embora em vários momentos de sua obra Freud tenha feito referências à divisão da personalidade, só tardiamente elaborou a “*spaltung*” (divisão, cisão, “*splitting*”) como um processo de defesa mediante a divisão do ego. Isso viria a possibilitar, na elaboração de Melanie Klein, reconhecer a cisão como um dos mecanismos mais primitivos da mente, constituindo o pilar da posição esquizoparanóide e base do seu genial construto teórico da identificação projetiva, processo mediante o qual “partes” do self podem ser cindidas e projetadas no objeto, ou mais do que isto, podem provocar modificações no próprio objeto alvo deste tipo de projeção, de forma que seria mais rigoroso falar que o indivíduo projeta “partes” não “no” objeto, mas “para dentro dele”, não na sua superfície, mas para o seu interior.

Na situação analítica isso implicava em dizer que o analisando, ao fazer identificações projetivas em direção ao analista, “força-se” para dentro dele. E, se o psicanalista não for capaz de ser sensível a essas projeções, pode cegar-se a elas, do que resulta uma contratransferência impeditiva para o progresso do tratamento. Mas, se ele puder captá-las e as elaborar, devolvendo-as ao paciente sob a forma de uma interpretação eficaz, cria-se a possibilidade de fazer andar o processo psicanalítico na direção de alcançar mudanças psíquicas relevantes.

Klein estabeleceu a identificação projetiva com uma fantasia primitiva, mas o efeito que de fato pode produzir este peculiar processo identificatório na mente do analista levou Bion a reconhecer a existência de um processo de comunicação primitiva, via identificação projetiva, posta em ação pela “*parte psicótica da personalidade*”, como ele designaria os aspectos mentais arcaicos que subsistem na mente de qualquer pessoa, mesmo as tidas como as mais normais, enquanto estruturas constitutivas da mente humana. A cisão

já não era mero mecanismo de defesa, como em Freud, ou um mecanismo próprio de um período do desenvolvimento, como na posição esquizoparanoide, de Klein, mas o próprio modo de ser da mente humana, sendo o homem um ser irremediavelmente dividido, sempre em luta consigo mesmo, num oscilar entre as posições esquizoparanoide e depressiva (EP ↔ PD).

Fizemos esta digressão teórica para mostrarmos como, a partir da noção de “*spaltung*”, e dos desenvolvimentos posteriores de Klein e Bion, podemos finalmente tornar analisáveis aspectos mentais primitivos, transpondo a barreira narcísica, antes obstáculo insuperável nas primeiras formulações freudianas, o que nos tem possibilitado acessar os aspectos psicóticos e lidar com seus portadores, estejam ou não afetados de doenças psiquiátricas graves.

De fato, considerando a identificação projetiva como uma forma de comunicação de estados primitivos da mente, Bion (1962/3) identifica no analista, em contrapartida, uma capacidade de acolher esta forma de comunicação arcaica, através de sua função de “*rêverie*” e de sua capacidade de “*continência*”. Isso, em nosso modo de entender, possibilita ao analista utilizar a contratransferência ao paciente, agora entendida como sua capacidade de introduzir no interior da mente do analista aspectos intoleráveis, não digeridos e incapazes de simbolização – “*elementos β*”, na acepção de Bion – para que sejam digeridos, assimilados, elaborados e enfim devolvidos sob forma de uma interpretação assimilável pelo paciente. Não nos estenderemos na teoria bioniana, o que fugiria de nosso escopo neste trabalho, mas os conhecedores da notável contribuição deste psicanalista à psicanálise, reconhecem que estamos falando de como matéria bruta, coisa em si, sob forma de *elementos β*, não simbolizáveis, pode ser contida na mente de um analista capaz de, mediante especial *função α* de sua mente, transformar matéria bruta em elementos pensáveis, ou *elementos α*, de forma a construir um aparelho para pensar a experiência emocional e assim dar conta de simbolizar o não dito, o interdito ou o indizível. O exercício da “*função α*” é correlativo à atividade de “*rêverie*”, tanto como a “*continência*” é uma função mental que possibilita a elaboração dos elementos alfa, transformados e agora contidos por um aparelho para pensar, de que resulta afinal o pensamento simbólico.

Graças a essas elaborações teóricas, inspiradas numa experiência clínica vasta e criativa de Klein e Bion, poderemos tentar oferecer excertos de sessões em que é possível aplicar o conceito de contratransferência enquanto capacidade de apreensão das identificações projetivas do analisando, contendo-as e transformando-as em elementos significativos para a compreensão do narcisismo.

Como é sempre difícil e quase impossível relatar-se toda uma análise, dada sua longa duração e a plethora de material acumulado, optamos por oferecer para ilustração clínica uma análise do discurso narcisista, tal como captado em certos recortes de sessões de uma paciente em análise, onde avultam aspectos narcisistas e de que maneira puderam ser apreendidos pelo apuramento da sensibilidade do analista dos elementos introduzidos em sua mente, via comunicação primitiva por identificação projetiva realista. Isso requer um trabalho semelhante ao de afinar instrumentos, antes da execução de uma peça sinfônica.

Entendemos aqui por **discurso** o uso individual da língua, dependente exclusivamente da vontade e da inteligência do falante, segundo Borba (2003) e por **discurso psicanalítico** algo que inclui isso, mas também abarca aspectos pré-conscientes e inconscientes, dando conta, para a construção do processo de significação, além do dito, da inclusão do não dito, o interdito, o contradito, o sugerido e o indizível. Por todas essas dimensões da fala pessoal interessa-se a psicanálise, mas especialmente é seu instrumental interpretativo que se mostra especialmente capaz de revelar o *interdito* pela repressão, o *contradito* pela negação e o *indizível*, pela incapacidade de simbolização de uma experiência emocional, até então impossibilitada de aceder ao nível do símbolo verbal.

Embora coloquemos a ênfase na fala do paciente, como o que nos importa acima de tudo sejam os aspectos semânticos, não poderemos deixar de lado, nos fragmentos que se seguem, os aspectos prosódicos e estilísticos que acompanham toda elocução discursiva, além dos aspectos gestuais, que não deixam de também compor o estilo pessoal de cada enunciação. Achamo-nos, portanto, instrumentados para tentarmos transmitir aos leitores, a título de ilustração clínica, a captação psicanalítica do discurso narcisista.

Escolhemos três recortes de sessão de uma mesma paciente, para que se possa estabelecer comparação entre diferentes momentos de sua análise, pois esses fragmentos não são contemporâneos.

Recorte I - Algumas características de um discurso narcisista

- *“Trabalhar a emoção, observar no trabalho, o dia a dia, observando o que gera stress, - o emocional! Acho importante ser consciente, me conscientizar do que me afeta, entrar em contato com o inconsciente. Tem coisas que vêm do mundo, afetam, não tem o que mudar, cada pessoa é afetada de uma forma.*

Eu trabalho numa empresa, onde atuo na área administrativa. Sou publicitária, eu nunca trabalhei como publicitária. A empresa é de um primo, eu gerencio para ele. Agora, estou saindo e montando uma empresa com minha amiga, na parte de decoração, de projetos.

Isto é mudança! Toda mudança é mudança!

O marido rompeu uma sociedade e está a zero, numa fase de transição. Pelo lado pessoal, está passando dificuldades, a parte do dinheiro, o trabalho...”

O tom de voz é forte, seguro, fala pronunciando cuidadosamente as palavras, ora emite exclamações, ora reflete em reticências, parece muito voltada para manter esmero no discurso. Isso fica bastante evidente num dia em que me pede para não deitar no divã e pode exibir uma vigorosa gesticulação, mas bem estudada, nada grotesca ou caricatural, embora transmita certa estranheza, algo parecido com a bizarrice da conduta esquizofrênica.

A eloqüência é por vezes marcante , como nos trechos que marquei com acentos exclamativos: “Isto é mudança! Toda mudança é mudança!”. Sua voz é nuançada com perícia, com entonação viva, aumentos e diminuições de volume vocal, corretamente colocados.

Todo efeito do discurso parece visar a admiração, deixando o interlocutor na posição de recipiente passivo, estupefato diante de tal maravilha. Narciso admira-se no olhar do outro e obriga o olhar do outro a se maravilhar dele.

Em sessões subseqüentes não são incomuns as repetições de informações já ditas várias vezes, mas a cada vez trazidas como novidade, até mesmo, vez por outra, com a pergunta “já lhe falei isso?”, que no entanto não é para ser respondida, tal a rapidez com que é posta. A sensação que produz é a de que isso absolutamente não importa, tanto faz se o outro tem de ouvir a mesmice das coisas - se são dela, são indiscutivelmente importantes. O espectador fica totalmente a mercê do “orador”, pois que tudo se passa como uma peça de oratória.

O tom declarativo do discurso é cuidadoso nos detalhes, preciso nas divisões em partes de elocução, bem articulado, contudo vazio de emoção, mesmo quando fala de emoções - essas de fato *acontecem, ocorrem*, não se pode dizer que sejam *vivenciadas*. Se intensas, acometem, tomam conta, até podem avassalar, mas não são verdadeiramente vividas. A falta de ressonância afetiva do discurso narcísico é um dos seus mais impressionantes traços, uma característica sem dúvida essencial.

Tudo isso marca o distanciamento entre o que fala e o que ouve e do que se fala daquilo que se escuta, fragmentando a significação, às vezes tornando de difícil compreensão o que se deseja comunicar, como no trecho reproduzido em que fala impessoalmente de seu companheiro: “*o marido*” (e não *o meu marido*, como é mais corrente e íntimo), que, segundo nos conta, está a zero, informação que propiciaria em nós uma tendência em nos tornarmos, por um momento, solidários com um intenso sofrimento, mas isso é imediatamente apagado com um comentário tão frio como: “*é uma fase de transição*”, tirando toda a intensidade emotiva da expressão ficar a zero.

Em seguida, na frase: “*pelo lado pessoal...*” não se sabe se nela se inclui, dado que ela deveria necessariamente compartilhar tais aflições com o esposo, ou se está referida apenas a ele, descrevendo as suas dificuldades, com impressionante distanciamento afetivo. Excludentemente, é do lado pessoal dele que se parece tratar, numa questão que se esperaria que afetasse a ambos, embora a frieza da narrativa não comunique qualquer comiseração.

Comentários

Não é fácil transmitir no papel as características deste estilo tão peculiar, exigindo do leitor um esforço para se por no lugar do interlocutor, no momento mesmo de realização da interlocução.

Das funções da linguagem, se considerarmos duas fundamentais, a expressão e a comunicação, vemos que no discurso narcísico toda ênfase se faz na direção da expressividade, em detrimento da comunicabilidade, o que metapsicologicamente deriva da retração libidinal ao ego do discursante, a despeito do ouvinte.

No entanto, se sobrevêm situações traumáticas ou frustrações impactantes, a emoção pode ser comunicada por formas primitivas de comunicação, ao nível de uma identificação projetiva, a ser captada por uma atitude empática, como aconselha Kohut (1957), ou enquanto captação das identificações projetivas, mediante a continência do analista, como recomenda Bion, através do exercício da função *rêverie*.

Recorte II - Do distanciamento afetivo narcísista

Tentaremos reproduzir fragmentos do discurso de uma paciente, mas para que o leitor possa receber a impressão que ele produzia no analista, é necessário que este texto seja lido de forma linear, sem emprestar-lhe entonação, como se estivesse sendo relatado um fato neutro, sem nenhuma intenção de suscitar ressonância emotiva no ouvinte.

Desta forma se inicia a narrativa de sua experiência:

“Falando sobre mim, sou uma pessoa feliz, mas na infância teve casos difíceis de suportar, tinha o pai, a mãe e quatro irmãos, foi difícil para mim, é um fundo preto de bola branca. Tinha uma mãe que mostrava que era difícil a vida, quatro filhos para cuidar, o problema da casa, o financeiro, ela mostrava aquela dificuldade. Vivia para um homem, que é meu pai, que era o problema dela. Era uma mulher sofrida na mão de um homem, tinha outras mulheres, não tinha dinheiro. Era bravo, tudo era não, um pai distante. Quando ele ia trabalhar, que alívio!”

Se essas frases fossem ditas de forma a transmitir alguma afetação por fatos tão carregados de emotividade, nada haveria de estranho nesse discurso. Mas ele é emitido como um noticiário, produzindo a mais desconcertante estranheza, como se falasse de uma

terceira pessoa. Nem quando um jogador de futebol de origem humilde, que se tornou um ídolo, fala sobre si, dizendo seu nome na terceira pessoa, produz uma impressão de tanta impessoalidade. Mesmo quando relata fatos emotivos, falha em transmitir a emoção correspondente. Conta-nos as emoções, não as revive, só sabe falar de reminiscências não vivenciadas no contexto T-CT.

Logo de início, declara que é uma pessoa feliz, para a seguir relatar um ambiente infantil de muitas dificuldades, penúria financeira, um pai carrasco, marido de uma pobre mulher, sua mãe, sobrecarregada de afazeres e do cuidado dos filhos. A frase: *“Falando de mim, sou uma pessoa feliz...”*, com que abre o discurso, discorda inteiramente da infelicidade que se segue, mas ela funciona como um tampão para as emoções que o restante da narrativa deveria despertar, e que, por esse artifício, sofre um esvaziamento semântico e nada pode expressar.

Vai ao médico com problema na coluna. Seria câncer? O clínico, após examiná-la, diz que não há nada sério, precisa tratar “o emocional”. Não se trata da vida afetiva, comunicada empaticamente, mas sim de tratar algo, como se fosse parte do organismo, tão concreto, este “emocional”.

“Adoro vir à terapia, gosto de falar de mim e você aí, para me escutar”

Isto, de fato é o que se passa, o terapeuta é um espelho onde ela se reflete, tal qual se vê ou se descreve. Se interrompo seu discurso, quando ele está em plena fluência, sua voz se alteia acima da minha, com certa irritação, como se não me fosse dado o direito de cometer a ousadia de cortar sua fraseologia, com a qual se embriaga.

Há uma sessão em que descreve como ela se observa:

“Eu vejo como eu levanto, como tomo o café da manhã, como estou dirigindo - estou tensa ou relaxada? Faço meu trabalho com prazer, mas há aquela tensão inevitável, telefone que toca, contatos com pessoas. Depois, tem o meu interior, bem estar, saúde. Luto por isso, meu bem estar. A competição aí fora, sem afeto, me agride, procuro fazer tudo suavemente”

Vê-se que, quando parece dirigir ao analista uma demanda válida, que parece até sugerir alguma autopercepção da falta de afeto em que vive, logo ela apresenta uma solução, ela sabe como dar conta de suas aflições, basta fazer tudo suavemente. Suas experiências cotidianas são arroladas como uma mera seqüência de acontecimentos. Para que o terapeuta? o outro, aqui, apenas se presta a ser a testemunha de quanto ela tem problemas e atribulações e como consegue resolvê-las triunfantemente. Assim é com tudo e com todos, como se nota no prosseguimento do discurso:

“Ontem, fui numa pessoa que trabalha com energia dos órgãos, ra-di-es-tesia (quase soletrando), ele vai me dar uma boa alimentação, exercícios, relaxamento, alongamento. Vou melhor do sistema emocional.” De forma axiomática, acrescenta: *“De que estamos tratando aqui? Da ansiedade! É disto que estamos tratando aqui! Tem de ficar de olho na tranqüilidade do emocional: como você anda, como você dirige.”*

Quando vai montar uma empresa com uma amiga e terá de deixar seu emprego atual, no qual trabalha para um primo, eis como comunica o fato:

“Foi difícil largar a empresa do meu primo, eu sei a falta que vou fazer para ele.”

Não há notícias de que isto seja para ela uma perda pessoal, que lhe produza a mínima tristeza. Quem perde é o primo, que deixa de ter tão valiosa colaboradora.

Comentários

Ao descrever o estilo peculiar das alocações dessa paciente, não se deve pensar que se trata de uma forma incorreta de enunciação dos significados, por alguma falha de natureza lingüística.. Não se trata disso, evidentemente. Ela fala exatamente como deve e nada se tem a censurar, ou seja, seu estilo já é por si só significativo. O que importa é tentar demonstrar como se produz o discurso narcisista, qual a sua função e que efeito visa e suscita em quem o recebe. Ainda que assinalemos seu caráter defensivo, não há o que reprovar, pois pode tratar-se de uma defesa contra impulsos autodestrutivos tão intensos, que requerem o erigimento de uma auto-estima grandiosa e megalômana. Sob o ponto de

vista técnico, seria desastroso que o analista rejeitasse essa fala, abrindo dolorosas feridas, capazes de desencadear reações de violenta fúria narcisista, auto e heterodirigidas.

A experiência nos mostra, ao nos defrontarmos com este tipo de discurso, que o paciente aparentemente espera do terapeuta que ele seja uma testemunha passiva dos fatos e que se limite a não apontar nada que possa despertar uma emoção verdadeira, o que talvez lhe despertasse vergonha por mostrar-se afetivamente vulnerável ou por ter de solicitar qualquer pedido autêntico de ajuda, que poderia ameaçá-lo de desenvolver qualquer dependência afetuosa ao analista. Essa é a maneira como se relaciona em geral com os outros, sem vibração emocional.

O aspecto defensivo dessa forma de atuar os sentimentos só se faz reconhecer se vem a falhar, como numa experiência de apaixonamento arrebatado, que tem tudo para terminar mal, mas que confirmaria à paciente o quanto estava certa em se manter fria e altiva, como garantia de evitação de experiências tão traumatizantes.

Recorte III- Da frustração e a ferida narcísicas

A mesma paciente acima considerada vem a passar por experiências que põem à prova seu escudo narcísico, trazendo momentos de grande intensidade emocional e que, contrariamente ao seu habitual distanciamento, permitiram uma transmissão empática de suas vivências pungitivas no espaço de sua experiência analítica.

Narra-me com grande entusiasmo que conheceu um rapaz, quando estava na estação de ônibus, e entre ambos se estabeleceu uma atmosfera de mútua e intensa atração, assim que se avistaram. Ele veio até ela, tomaram um café e ficaram conversando, manifestando-se um enaltecido sentimento amoroso de ambas as partes. Seu relato não poupa elogios ao objeto de seu amor, belo, elegante, inteligente, atencioso, apenas um pouco mais novo que ela.

Nas sessões subseqüentes esse tema ocupa todo o espaço, só ela fala, sempre de forma arrebatada, totalmente tomada pela paixão. Eis que, certo dia, ao se encontrarem, ele lhe pede para arranjar-lhe certa quantia em dinheiro, de que ela não dispunha e era de certa

forma muito alta, em relação a sua atual situação de penúria financeira. Teve, pois, a contragosto, de recusar-lhe o pedido.

Acontece que, depois disso, ele já não tocou o telefone com a mesma freqüência e passou a alegar compromissos que impediam que se encontrassem nas suas breves passagens pela cidade, pois morava noutra local.

Sua fisionomia está transtornada, mas ela nega-se a admitir a possibilidade de que ele possa ter se aproximado dela por motivos tão interesseiros. Cobrou-lhe a relativa ausência no último encontro e ele tranqüilizou-a, confirmando que seu tempo era escasso, estava acumulado de serviço e a reassegurara de seu amor por ela.

Porém, nunca mais voltaram a se ver como antes e mesmo os telefonemas escasseavam.

Testemunhei seu sofrimento, a profunda mágoa, mas sua notável capacidade de negar o que se mostrava cada vez mais evidente, que caíra nas garras de um reles aproveitador. Enviou-lhe uma carta, sem obter resposta. Pensou em ligar para ele, mas não o fazia, por orgulho. Por esse motivo deixava de atender o toque do telefone, fantasiando que era ele quem a procurava, mas deveria deixar a campainha tocar para demonstrar-lhe que não estava tão fortemente envolvida, embora nada disso fosse verdadeiro e sua dor fosse muito real, consumindo-se em tardes de lamento e noites de insônia. Mas ele ainda dava notícias, sempre renovando seu amor.

Foi a um jogador de búzios, que descreveu a intensa troca energética que havia entre ambos, a perfeita conjugação astrológica e que ela não duvidasse das honestas intenções do amado. Isso reacendeu suas esperanças e deu-lhe a explicação da intensidade dos sentimentos instantaneamente estabelecida quando do primeiro encontro na estação.. Ouvira exatamente o que mais desejava escutar, e se atormentava de cruéis dúvidas, porque o afastamento de X era cada vez mais inegável.

Este tormento chegava ao máximo, quando finalmente decidiu-se a lhe mandar uma carta, expondo-lhe francamente suas dúvidas , mas também seu descrédito de que tudo não tivesse passado de um equívoco desde o início. Assim, deixava-lhe ainda espaço para uma retratação.

Não obteve resposta.

Após muita hesitação, telefonou-lhe, dizendo que tinha máxima urgência em encontrá-lo pessoalmente. Indagada sobre que assunto desejava tratar, respondeu-lhe:

- *“Trata-se do meu coração!”*

A dramaticidade que pôs nessa frase, sua grandiloquência, na sua sessão analítica, ali, comigo, conquanto seu tom melodramático, transmitiu-me profunda impressão e posso crer que igualmente nele, pois concordou em marcar um encontro dentro de dois dias, quando de sua próxima vinda á cidade.

Mas ele não compareceu, como viria a informar na sessão seguinte. Resolveu então lhe mandar uma carta de rompimento, esmerando-se em poder transmitir-lhe toda a enormidade de sua decepção, mas sem destrató-lo.

Seu relato é dos mais vigorosos e alterna emoções fortes e contrastantes. Em certo momento, não se contém e chora, mas logo se recobra. Tentando mostrar altaneira comiseração e consolar-se a si mesma, acha que ele deve ser uma pessoa com muitos problemas, ele é estrangeiro e veio para o Brasil só com a mãe, não ficou esclarecido se conhecera algum dia o pai, insinua que a mãe o tivera de forma ilícita e poderia ser que ele jamais tivesse conhecido o pai. Destes fatos já me dera ciência noutras ocasiões, com a mesma conotação de encontrar explicações aceitáveis, não tanto para redimi-lo, quanto para seu próprio reconforto. Ele talvez merecesse até umas orações...

Mas, em súbita transformação, tomou-se da mais intensa fúria e quase exigindo minha concordância, tentava aliar-me ao seu profundo ódio, fazendo-me concordar que ele era um psicopata perigoso, que haveria de continuar a buscar sua próxima vítima, seduzindo mulheres com o intuito de achacá-las. Eu deveria concordar com ela que, se existe o crime de assédio sexual deveria existir o de lesão moral e, se houvesse, haveria de processá-lo, ele tinha de ser detido antes que continuasse suas conquistas, fazendo sofrer a outras mulheres. Ah! Entendia agora que era verdade o que ele lhe dissera que, estando tão necessitado de dinheiro, estava pensando em sair a “rodar a bolsinha”. Era isso mesmo que ele fazia, assaltando mulheres incautas. Como pudera usá-la, após tê-la feito crer na veracidade de sua paixão por ela?

A situação era pungente e não pude manter-me indiferente, sofrendo com ela em silêncio, ao mesmo tempo em que me indignava com a calhordice desse canalha . Mas também não podia deixar de considerar o quanto ela se cegava às evidências e negara a percepção de uma realidade cruel, há tempos configurada.

Comentários

Todo analista que tenha vivido experiência contratransferencial tão intensa creio que não possa permanecer insensível e de alguma forma transmita, ainda que se guarde de dizê-lo, sua mais estreita solidariedade a uma situação tão aflitiva, mista de mágoa, tristeza, ressentimento, ódio, desejo de vingança. Mais do que as palavras, essa comunicação via identificação projetiva parece ser capaz de transmitir emoções básicas de muita crueza, mas acolhida de forma empática pelo analista, permite que, ao final da hora analítica, ela saia mais recomposta, talvez reconfortada, como uma criança que recebe do acolhimento materno a possibilidade de sobreviver ao terror inominado.

Se pude transmitir pela narrativa dessa situação o quanto o narcisismo era um traço marcante da personalidade dessa paciente, terei podido ilustrar a idealização narcísica do apaixonado, a negação da realidade interna e externa, enquanto necessidade de manter a todo custo a auto-estima, a profunda ferida de uma decepção narcísica e o estado de fúria narcisista que pode desencadear, a regressão transferencial ao nível das identificações mais primitivas, capaz de mobilizar o interlocutor para dentro do mundo interno do paciente, enredando-o inescapavelmente, exigindo do analista disciplinado trabalho na contratransferência, incitando-o a se manter sensível e receptivo, mas capaz de se desentranhar e manter-se presente e firme, ao lado de seu paciente em momentos de tão intensa dor.

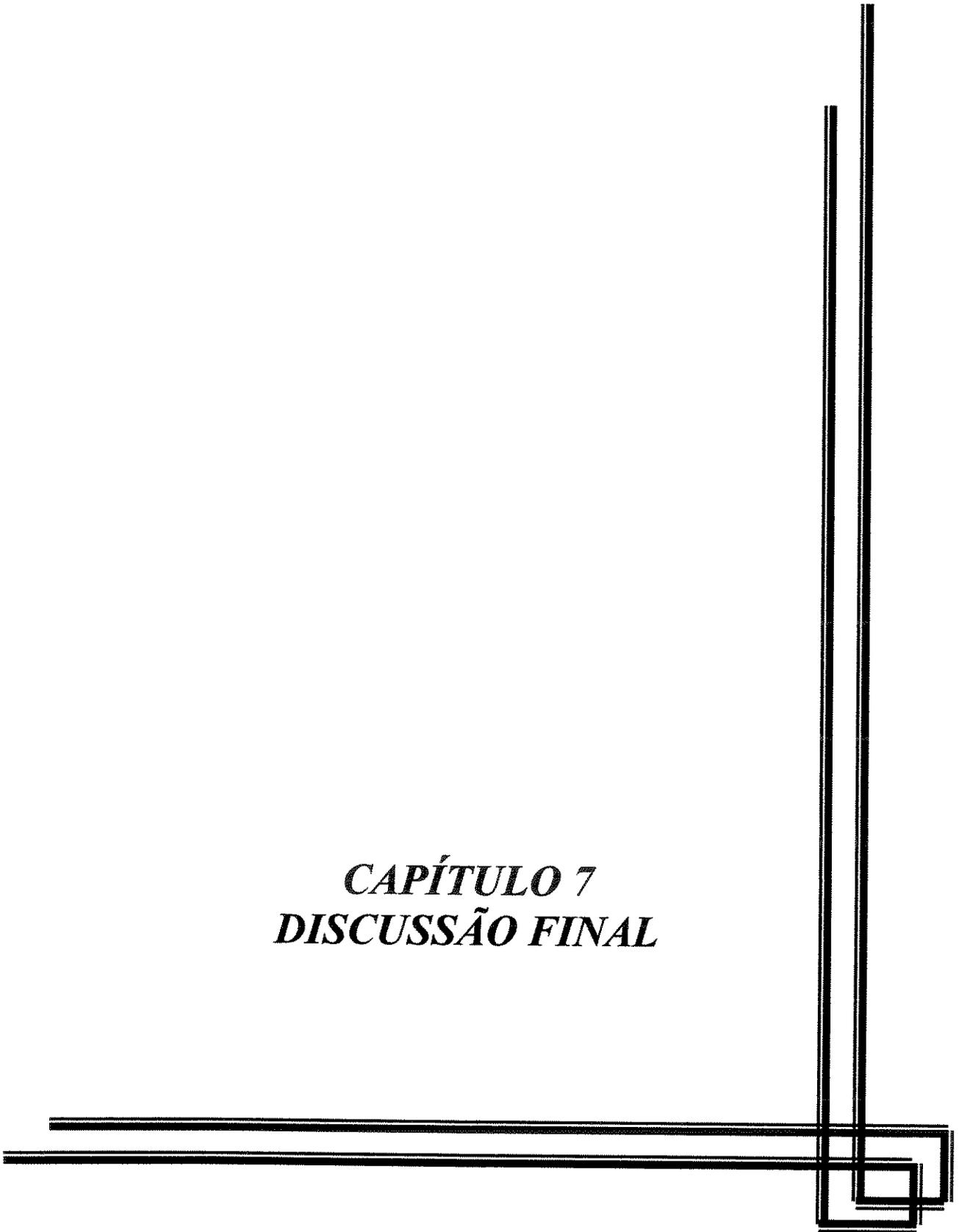
Freud contrapôs ao enamoramento de si o apaixonamento extremado, vendo a libido narcisista fluir do eu ao objeto, com total esvaziamento e empobrecimento egóico, que correspondiam, no plano fenomenológico, a vivências de humilhação e auto-envilecimento, ficando o amante à inteira mercê do amado. Embora se critique o caráter mecanicista dessa descrição em termos de energia que flui de um lado para outro, como se, saindo de um reservatório para outro deixasse um, pleno e outro, esvaziado,

parece que neste caso, no período de intensa paixão vivido pela paciente, algo muito próximo se deu, embora de maneira não tão simples. Com efeito, parecia esvaziar-se de auto-estima, porém se engrandecia com a ilusão de ser amada, de sorte que se vê um jogo de espelhos entre ela e o sedutor, ele também narcísico, entretendo esta reciprocidade de olhares trocados de auto e hetero-exaltação. Oscar Wilde num pequeno poema, nos mostra esta inversão do olhar do espelho em que se mira Narciso:

*“Quando Narciso morreu, a taça de água doce que era o
lago dos seus prazeres
converteu-se em taça de lágrimas amargas e as Oréadas vieram carpindo
pelos bosques
a fim de cantar para ele, consolando-o.
E quando perceberam que o lago se transmudara de taça de água doce noutra
de lágrimas amargas, desgrenharam as tranças verdes dos seus cabelos e
disseram:
- Não nos admiramos de que pranteeis Narciso dessa maneira. Ele era tão
belo!
- Narciso era belo? - indagou o lago.
- Quem sabe melhor do que vós? - responderam as Oréadas.
Ao cortejar-vos, ele nos desprezava, debruçado às vossas margens
mirando-vos, e,
no espelho de vossas águas, contemplava a própria beleza.
E o lago retrucou:
- Eu amava Narciso porque, quando ele se debruçava sobre as minhas margens
para contemplar-me, eu via sempre refletir-se no espelho dos seus olhos
a minha própria beleza.”*

(Oscar Wilde, O discípulo)

CAPÍTULO 7
DISCUSSÃO FINAL



TRÊS QUESTÕES POLÊMICAS

Iniciaremos nossas considerações focalizando três questões que dificilmente deixam de exigir dos autores um posicionamento teórico, mas cujas respostas suscitam grandes polêmicas. Trata-se das questões da anobjetalidade, do narcisismo primário e secundário e da normalidade e patologia narcisistas.

1-A QUESTÃO DA ANOBJETALIDADE

Inicialmente, justificamos o uso do neologismo “anobjetalidade” como a melhor maneira de traduzir do inglês “objectlessness” que Smith (1985) considera uma das características do auto-erotismo, tal como seria considerado por Freud em 1911, no entender desse autor.

Uma indefinição conceitual geradora de confusão para o bom entendimento do que seja o narcisismo advém do fato de muitos considerarem que o narcisismo primário é um estágio anobjetal. Quanto a isto, queremos assinalar que, na meticulosa pesquisa que fizemos do uso do termo narcisismo em Freud, em nenhum ponto encontramos tal asserção. Além disso, pode-se provar que o termo anobjetal não desfruta de importância e não faz parte do jargão técnico habitual de Freud. Para tanto, basta pesquisar-se, nas edições eletrônicas das obras de Freud, o termo anobjetal ou as expressões fase ou estágio anobjetal e não se conseguirá nenhuma ocorrência do termo ou das expressões equivalentes. Tivemos o paciente cuidado de fazer um levantamento no índice remissivo de cada volume da ESB e novamente não registramos deles quaisquer ocorrências.

Apurando mais a pesquisa, procuramos nas descrições de Freud sobre a fase oral e nenhuma ocorrência de anobjetal pode ser assinalada.

Resta indagar se não teria Freud falado, sem usar o termo anobjetal, de um estágio do desenvolvimento da libido sem ligação a objetos.

Isso parece ocorrer, a dar crédito a Smith (1985), no texto sobre o caso Schreber, onde se encontraria como um dos atributos cardeais do auto-erotismo, sua “objectlessness”. Vejamos, pois o texto referido:

“... chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequente que passa daí para a escolha de uma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto” (ESB, XII: 83).

Ora, o texto diz que o objeto amoroso, inicialmente, é o próprio corpo e não que não haja objeto algum - nada, pois de “objectlessness” ou “anobjetalidade”.

A concepção de uma fase anobjetal é de Abraham (1924) que, num quadro demonstrativo onde se têm, de um lado as fases de organização libidinal e, de outro, as fases de amor objetal, faz corresponder, respectivamente, á fase oral primitiva (de sucção), uma fase de auto-erotismo, sem objeto e pré-ambivalente. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente de 1915, Freud parece encampar o ponto de vista da anobjetalidade:

“No caso da esquizofrenia, por outro lado, fomos levados à suposição de que, após o processo de repressão, a libido que fora retirada não procura um novo objeto e refugia-se no ego, isto é, que as catexias objetais são abandonadas, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo de ausência de objeto” (grifo nosso) (ESB, XIV: 224/5).

Porém, em 1917, numa de suas conferências introdutórias, ao tratar do desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, Freud, ao contrário, nos diz que, na fase oral, desde o início, a criança se relaciona com o seio:

“Assim, o primeiro objeto do componente oral do instinto sexual é o seio materno, que satisfaz a necessidade de alimento do bebê. O componente erótico, que é satisfeito simultaneamente durante a sucção [nutricional], torna-se independente com o ato da sucção [lutschen]; abandona o objeto externo e o substitui por uma área do corpo do próprio bebê. O instinto oral torna-se auto-erótico, como o são, no início, os instintos anais e outros instintos erógenos” (ESB, XVI: 384).

Um pouco adiante, neste mesmo texto, Freud refere-se *“ao primeiro objeto do instinto de prazer oral, que foi obtido por ligação [ao instinto nutricional]”* (idem, 385). Expressa-se em termos semelhantes em 1918: *“Tenho sido levado a considerar como a*

primeira organização sexual reconhecível a assim chamada fase" oral ou canibalesca", durante a qual predomina ainda a ligação original entre a excitação sexual e o instinto nutritivo" (ESB, XVII: 133) Ou mais explicitamente, num acréscimo aos Três Ensaio, redigido na mesma época, ao discorrer sobre as organizações genitais pré-genitais:

"A primeira é a oral ou, como poderia ser chamada, a organização sexual pré-genital canibal. Aqui, a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos... O objeto de ambas as atividades é o mesmo: o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto – o protótipo de um processo que, sob a forma de identificação, deverá desempenhar mais tarde um importante papel psicológico" (ESB, VII: 204).

Nestas linhas, Freud procura dar conta das relações das pulsões com os objetos, utilizando a hipótese das ligações de apoio, segundo a qual o instinto sexual apóia-se no instinto nutritivo ou, dito de outra forma, a pulsão sexual apóia-se sobre a de autoconservação, tendo um objeto comum desde o nascimento - o seio materno -, que nutre e propicia o gozo da sucção. Só posteriormente os objetivos se separam e a sucção sensual pode-se fazer auto-eroticamente através do polegar, independentemente do seio, narcisisticamente. Só neste sentido pode-se falar em narcisismo sem objeto, entendendo-se, obviamente, sem objeto externo atual, pois que, enquanto suga o dedo, a criança alucina o seio, mas isto depois de ter tido contato com ele desde o início, enquanto objeto confluyente da satisfação simultânea de duas pulsões, a sexual e a autopreservativa.

A esta altura, parece útil considerar a ressalva de Smith de que é necessário precisar o uso que Freud faz do termo objeto, que não é sempre o mesmo. Ora usa o termo em sentido fenomênico ou descritivo para designar o objeto do comportamento como visto por um observador hipotético; ora usa-o para designar a representação mental de objetos na memória ou na fantasia, Tomado nesta última acepção, a anobjetalidade estaria referida à ausência de representação mental de um objeto que, sob o ponto de vista do observador externo, está presente enquanto objeto do comportamento de sugar o seio da mãe.

Mas Freud, na medida em que desenvolvia o conceito de identificação, poderia fornecer outra resposta à questão das ligações iniciais com os objetos:

"A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra" (ESB, XIX: 43).

Esta solução mais elaborada viria a se tornar a mais aceita e é a que prevalece nos dias atuais, tendo a hipótese anaclítica perdido seu valor heurístico, por desuso. Persiste certa hesitação em equacionar os conceitos de identificação primária e identificação narcísica ou aproximá-los da identificação projetiva, o que nos parece possível fazer, mesmo reconhecendo que a identificação projetiva seja um conceito mais sofisticado e não se superponha aos anteriores, embora pareça poder recobri-los ou absorvê-los.

Geralmente confunde-se a questão do narcisismo anobjetal com a questão da alteridade, mas se tratam de questões totalmente diversas. É verdade que o narcisista não reconhece ou não respeita a alteridade do objeto, pois é de sua própria natureza concentrar sobre si todo o interesse, em detrimento do objeto, mas essa descrição mesma, como se percebe, diz respeito a uma forma peculiar, a do narcisista, de se relacionar com os objetos externos. Freud não teve nenhuma dúvida em descrever relações objetais narcísicas, ao falar sobre a eleição narcisista de objeto. Pensamos que seria útil distinguir a terminologia *ligação objetal* da *relação de objeto*, dando à primeira uma conotação mais ampla, que incluísse até a identificação como forma especial de ligação (*linking*) ao objeto, reservando ao termo relação de objeto ou objetal o significado mais restrito de relação ao Outro ou alteridade.

Parodiando Husserl em seu conhecido aforisma: “*toda consciência é consciência de alguma coisa*”, podemos dizer o mesmo do desejo e, então, não se poderá conceber um desejo que não seja desejo de alguma coisa e igualmente não se pode conceber a pulsão solta no ar, sem se dirigir a um objeto – fato já apontado por Fairbairn (1941,1951), cujo pensamento a esse respeito pode ser sintetizado numa sentença: “*A libido busca essencialmente o objeto*”.(p.128) O mesmo, de novo, se aplica a qualquer identificação, pois só se pode identificar-se a algo ou a alguém. A identificação, “*a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa*” (ESB, XVIII: 133), como bem diz Freud, é uma forma de ligação que antecede às relações de amor objetal, enquanto estas correspondem ao reconhecimento da existência autônoma do outro ou, num registro mais amadurecido, ao seu direito de existir independentemente, de ter suas próprias idéias e dispor de seu desejo, o que lhe é garantido com base no reconhecimento da diferença.

Pareceria que narcisismo absoluto só durante o estado do sono e, assim mesmo, enquanto não se sonha. Mas Freud vê semelhanças entre o sono e o estado de isolamento bem-aventurado da vida intra-uterina:

“Em uma pessoa que dorme, reconstitui-se o primeiro estado de distribuição da libido - narcisismo total, no qual a libido e o interesse do ego, ainda unidos e indiferenciáveis, habitam o ego auto-suficiente”. (ESB, XVI, 487).

Contudo, nem no sonho logra-se um narcisismo absoluto, pois o que é reprimido no Ics. não obedece ao desejo de dormir, como se postula no *“Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”* (Freud, 1917d). E parece que o isolamento do feto dentro do útero materno não é tão absoluto, também (Ferenczi, 1913a).

De qualquer forma, estes são dois exemplos em que se pode falar em ausência de objeto, mas esta cessa tão logo o bebê nasce, pois, dada a imaturidade dos seres humanos ao nascerem, os cuidados maternos se impõem desde o início para a própria sobrevivência, através da amamentação, quando a criança entra em contato com seu primeiro objeto. Neste momento, enquanto mama, a criança é gratificada não só pela satisfação da fome, como também obtém um prazer sensual e faz do peito um objeto de gozo. É igualmente nesta época da amamentação que a criança realiza a operação psicológica mais primitiva de identificação, mediante o processo da incorporação oral. Para Freud, frise-se uma vez mais, a identificação é antecessora da relação com o objeto, mas exige a sua presença. Afinal, quem se identifica, identifica-se a algo ou a alguém, convém ainda repisar.

Ferenczi, pesquisando de onde se origina o sentimento de onipotência própria da megalomania infantil, pensa achar a explicação nos tempos da vida intra-uterina, em que se *“realiza este ideal de um ser submetido apenas ao prazer, e não somente na imaginação e aproximativamente, mas na realidade e efetivamente”*. (Ferenczi, 1913, p.43). Ser inteiramente suprido em todas as suas necessidades pela mãe deve dar-lhe

“... a impressão de ser realmente todo-poderoso. Pois o que é a onipotência? A impressão de ter tudo o que se quer e não se ter nada mais a desejar. É ao que o feto poderia pretender no que lhe concerne, pois tem constantemente tudo que lhe é necessário para a

satisfação das suas pulsões; ele não tem nada a desejar, é desprovido de necessidades”.

Este texto não é desprovido de contradições lógicas, pois se o feto é desprovido de necessidades e nada tem a desejar, como lhe atribuir justamente um desejo de onipotência? A descrição não é, ao contrário, a da mais absoluta passividade, para não dizer impotência? Seria preferível admitir-se a presença de um objeto todo poderoso do qual depende absolutamente a sobrevivência do feto, uma onipotência materna. Mas esta não teria como ser percebida ou sentida pelo feto, pois neste estágio indiferenciado, não existe objeto nem eu. Não se trata de um narcisismo primário, posto que falar em narcisismo sem Eu é uma contradição em termos. Ferenczi não o faz, preferindo denominar este estágio de “*período da onipotência incondicional*”. Não devemos esquecer que o autor está descrevendo os estágios do desenvolvimento do senso de realidade, uma função do ego, que ele separa do estudo das fases do desenvolvimento libidinal. Para ele, o período da onipotência incondicional dura até o abandono dos modos de satisfação auto-eróticos. Com o auto-erotismo e o narcisismo inaugura-se uma “*onipotência do erotismo*”, que subsiste de alguma maneira por toda a vida, uma vez que o narcisismo nunca cessa inteiramente.

Para Balint (1949), desde o início do nascimento, existe um *amor objetal primário*, forma primitiva e inaugural de relação com o objeto. Ele assim representa com clareza toda uma tendência reunida sob a denominação de escola da relação de objeto, onde se incluirão Fairbairn, Klein e os kleinianos. Mas Balint (1960) admite um estado intrauterino “*objectless*”, ao qual chama de “*primary love*”, recusando-se a chamá-lo de narcisismo primário, pois este pressuporia uma falta de ligação com o ambiente, ao passo que a vida intrauterina caracteriza-se por intensas trocas entre o feto e o ambiente.

Em síntese, encontramos em Freud referências contraditórias, de forma que tanto ele admite, de um lado, a possibilidade de um estado anobjetal, embora sem nomeá-lo (ESB, XII: 83; XIV: 224/5), como admite, de outro, a existência de um objeto primário, o seio, desde o início da vida extra-uterina (ESB, VII: 204; XVI: 384/5; XVII: 133).

Mais notável é que, num mesmo artigo, Freud (1940 a [1938]) apresenta as duas concepções, sem assinalar sua contradição. Referimo-nos ao *Esboço*, em que afirma que, no princípio, toda catexia disponível de libido é armazenada no ego (narcisismo primário) e

isso perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, transformando a libido narcísica em libido objetal (p.176). Mais adiante (p.216/7), porém, afirma:

“O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que o alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade de satisfação de nutrição. Não há dúvida de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo; quando o seio tem de ser separado do corpo e deslocado para o exterior, porque a criança tão freqüentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como um objeto, uma parte das catexias libidinais narcisistas originais”.

Uma definição genérica, que vise reunir todas as linhas de investigação possíveis, não se comprometerá com nenhum dos pontos de vista antagônicos, deverá deixar aberta à pesquisa esta questão.

2-A QUESTÃO DO NARCISISMO NORMAL E PATOLÓGICO

Como já falamos brevemente alhures, quando estudávamos o texto de *Sobre o Narcisismo*, Freud, embora assinalando os aspectos psicopatológicos, considerava a existência de manifestações normais do narcisismo, que passaremos a arrolar mais detalhadamente, incluindo itens que dão conta de considerações ulteriores em toda a obra de Freud e nos que o seguiram. Assim, consideraremos como tais:

- 1) Uma fase ou estágio do desenvolvimento por que passam todas as pessoas, situada ora entre o auto-erotismo e a fase objetal, ora estendida até o início do nascimento ou da concepção, variando conforme a época em que Freud escreveu.
- 2) Um tipo de personalidade, como na classificação dos tipos libidinais de personalidade, aplicado à psicologia normal, enquanto contribuição à psicologia diferencial.
- 3) Um nível de investimento necessário do eu para preservar a auto-estima, o auto-respeito, o cuidado de si, garantidor da autonomia individual, em contraposição à dependência passiva de outrem. A auto-estima parece

requerer um nível regulatório, uma vez que se pode falar de uma auto-estima verdadeira e de flutuações deste nível para cima ou para baixo, caso em que se fala de aumento ou diminuição da auto-estima, dentro de padrões aceitáveis ou podendo ser excessivo também para cima ou para baixo, casos em que se considerarão, respectivamente, a insuflação do ego ou sua depreciação, nem sempre necessariamente patológicos, mas, ao menos, desadaptativos ou indesejáveis.

- 4) Uma transformação favorável do narcisismo inicial ou primitivo, atingindo níveis de desenvolvimento avançados, numa linha de progresso, chegando a formas superiores de manifestação (Kohut, 1966).
- 5) Um estado de exaltação, capaz de proporcionar ao indivíduo o usufruir um estado de felicidade, que se aproxima à beatitude, como no chamado narcisismo cósmico (Kohut, 1966) ou em estados de elação narcísicos (Grunberger, 1965). Este último caso pode ser subsumido no item anterior, mas o mantivemos à parte dada a sua especificidade e pelo caráter ideológico que assume, favorecendo certo misticismo próximo das filosofias e religiões orientais (Hanly e Mason, 1976), que não tem aceitação unânime entre os psicanalistas.
- 6) Como protetor do self – Rosenfeld (1988) advoga que se deve distinguir entre aspectos libidinais e aspectos destrutivos do narcisismo. Os aspectos libidinais podem conotar tanto um sentido negativo como positivo. O primeiro diz respeito a uma supervalorização do self, que decorre de um processo de idealização sustentado por identificações projetivas e introjetivas onipotentes com objetos igualmente idealizados, do que resulta o sentimento no narcisista de que tudo que é valioso nos objetos externos é parte dele ou é por ele controlado onipotentemente. No sentido positivo, o narcisismo libidinal age como um protetor essencial do self, tanto que, se faltar, o paciente se torna excessivamente vulnerável às frustrações ou humilhações. (Rosenfeld, 1988, p.139/40).

- 7) Na forma de narcisismo absoluto do estado de sono, na ausência de sonhos, que se repete todas as noites.
- 8) Em todas as situações de retirada voluntária do mundo, quando o indivíduo busca estados de reflexão e meditação, com afastamento de toda influência da realidade externa ou opta por viver em isolamento social, visando um desprendimento das preocupações mundanas, como o anacoreta ascético de Jung.

Em contrapartida a todas essas formas normais de manifestação, temos toda a patologia do narcisismo, como forma de perversão; como um tipo especial de psicopatia catalogada como transtorno de personalidade narcísico; como mecanismo psicopatológico em vários quadros psicopatológicos, tais como a paranóia, a depressão, a hipocondria, podendo igualmente participar na construção de sintomas das psiconeuroses de transferência.

3-A QUESTÃO DO NARCISISMO PRIMÁRIO

Conforme vimos, ao analisar o texto da *Introdução*, Freud desenvolve a concepção do narcisismo primário a partir de duas posições bem distintas:

- 1- Como uma fase de desenvolvimento, ora situada entre o auto-erotismo e o alo-erotismo (Freud, 1914 c), ora recuada até o início do nascimento ou da concepção (Freud, 1921 c).
- 2- Como um grande reservatório de libido, ora situado no ego (Freud, 1925d, 1933 a), ora no id (Freud, 1923 b). Dando-se o último caso, então todo narcisismo do ego seria secundário e só o narcisismo do id seria primário.

No primeiro caso, adota-se um critério apenas evolutivo e, no segundo caso, ajunta-se um critério topográfico, em que, a princípio, a libido está no id e, partindo dele, dirige-se aos objetos e só mais tarde, à medida que o ego originariamente débil se fortalece, este passa a disputar com os objetos a carga de libido disponível.

Lou Andréas Salomé, em 1921, como já vimos, se referia à orientação dual do narcisismo: uma, no sentido do desejo da individualidade, outra, num movimento contrário em direção a um estado inicial indiferenciado de fusão. Isso implica numa duplicidade do

narcisismo: por um lado, supõe um ego já estabelecido num indivíduo ao qual se aplica a libido e provê o amor de si (*self love*); de outro lado, se refere a um estado de identificação com a totalidade, uma fusão entre o eu e o mundo, quando a percepção de ambos é ainda indiferenciada.

Há autores que negam a noção de narcisismo primário, como Balint e Symington. Melanie Klein prefere falar em estado narcísico, distinguindo-o das relações narcísicas, evitando o uso da terminologia primário ou secundário.

Na contramão dos objetistas, Grunberger não só admite o narcisismo primário, como exalta sua importância. Este autor considera que o narcisismo corresponde a um estado assexual e que é pela libidinização ou agressivização da libido, que ele se torna patológico. Do narcisismo primário derivam-se estados de elação, de felicidade e alegria, conferindo-lhe uma valorização altamente positiva (Grunberger, 1965).

Na discussão do autismo infantil o conceito de narcisismo primário tem um papel de grande importância heurística. Não sendo comprovada sua determinação puramente biológica, como queria Kanner (1950), ao descrever o “autismo infantil precoce”, essa patologia do desenvolvimento da criança inspirou e foi enriquecida pela noção de fase autista normal, pré-simbiótica, de Margaret Mahler (1983) e, mais recentemente, pela descrição da posição autista contígua, de Thomas Ogden, anterior à posição esquizoparanoide de Melanie Klein.

O que sempre se descreveu como estado de fusão narcisista do bebê com a mãe tem podido ser explorado em pesquisas neurobiológicas atuais, através das quais se demonstra o papel fundamental da relação mãe-bebê no desenvolvimento das estruturas cerebrais do bebê. A mãe desempenha um papel regulador dos sistemas de respostas fisiológicas e comportamentais da criança. Quando o bebê está separado da mãe, todo um sistema regulador é interferido. Em modelos animais, tem-se demonstrado que a separação prolongada da mãe e seu filhote causam uma série de alterações fisiológicas neste último (Tafuri e Berlinck, 2002, p.54). Os experimentos de Harlow, com seus chimpanzés bebês e suas mães de arame, e os de Spitz, sobre crianças em estado de marasmo e depressão anaclítica pela separação de suas mães em tenra idade, convalidam as concepções psicanalíticas da íntima relação mãe-filho nos primeiros tempos de vida, em estados

fusionais de indiferenciação narcisista, desde Freud considerados como o estágio mais primitivo do desenvolvimento psicológico.

DUAS DEFINIÇÕES: METAPSICOLÓGICA E FENOMENOLÓGICA

Muito da pletera de teorias díspares ou correlatas reunidas em torno do conceito de narcisismo pode ser mais bem disposto, de forma a evitar congestionamento, se reconhecermos, de um lado, uma fenomenologia e, de outro, uma metapsicologia do narcisismo.

Derivado nessas duas grandes vias, o congestionamento começa a se desfazer, permitindo o trânsito ordenado das idéias.

A fenomenologia do narcisismo abrange todas as descrições em que o interesse próprio, legítimo ou não, prevalece nos mais diferentes tipos de relações humanas, no nível interpessoal e coletivo, nas relações sociais mais amplas, políticas e culturais, servindo como ponto de apoio para toda exegese da conduta humana, em seu sentido mais geral, percorrendo todo um universo simbólico.

A metapsicologia do narcisismo refere-se ao aspecto econômico dos investimentos libidinais, dirigidos ora ao ego, ora ao objeto, numa tentativa de “quantificação”, envolvendo, como se nota, aspectos topográficos e dinâmicos, conforme se trata da localização ou dos movimentos das cargas catexiais. Concordamos com Garcia Rosa em que Freud utiliza conceitos que não podem ser tomados concretamente, sendo preferível, sempre que possível, substituir certos termos tais como quantidade, por intensidade e instinto, por pulsão.

O uso do termo intensidade dá conta de uma diversidade qualitativa entre um amor mais ou menos intenso; não faz sentido quando se pretende com isso medir a “quantidade” de afeto, em si mesmo imensurável.

O termo pulsão (Trieb), enquanto entendido como conceito intermediário entre o físico e o mental, faz mais sentido do que instinto (Instinkt), mais próximo da biologia, dotado de fonte, alvo, etc., como aparece nos *Três ensaios*.

Conceituação metapsicológica

Quando, na releitura do texto freudiano central sobre narcisismo, tratamos do item conceituação, consideramos que Freud nos oferecera um conceito essencial, que poderia ter força definidora, ao considerá-lo “*o complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação*”. Isto porque, justamente, esta expressão situa-o no plano metapsicológico pretendido, ao englobá-lo na economia libidinal e determinando-o como uma forma especial de investimento da libido no eu. Assim, localiza-o topograficamente, ao mesmo tempo em que o implica numa interação dinâmica entre os instintos do eu e a sexualidade, até então rigidamente demarcados em campos antagônicos, porque assim exigia a teoria da repressão.

Falta-lhe, porém, total valor definitório, se considerarmos que uma definição deve, como o próprio nome indica, *definir* de uma vez por todas, de maneira que não caibam outras considerações, além do que está definido. A definição de quadrado como figura geométrica de quatro lados contém em si tudo quanto se possa dizer essencialmente desta forma geométrica, sem que nada se precise por ou tirar. Já a definição de narcisismo nos remete aos termos libido, instinto ou pulsão, ego ou eu, com todas as dificuldades conhecidas de precisar cada um deles e de se decidir quando usaremos preferencialmente o termo eu ou ego, instinto ou pulsão.

No entanto, caracteriza peculiarmente a concepção de Freud colocar o narcisismo na esfera da teoria libidinal, e devemos, portanto, considerar como estranho ao freudismo qualquer conceito de narcisismo que dispense a noção de libido, mas que podemos encontrar em autores psicanalistas, como Stolorow (1975), que, descartando todo ponto de vista libidinal, considera o narcisismo aquilo que mantém coesão, estabilidade e colorido afetivo positivo da representação do self (*self representation*), numa formulação puramente estrutural /funcional.

Analisemos detalhadamente cada parte desta “quase definição” metapsicológica, segundo a qual o narcisismo é:

a) complemento libidinal...

Se o narcisismo está inserido na teoria da libido e dela incorpora um aspecto essencial em sua concepção, por outro lado também a modifica. Assim, a teoria libidinal que o precedeu e o deu à luz, será profundamente alterada no momento mesmo de seu nascimento, dando margem a certa perplexidade e grande controvérsia. Fato é que, depois do narcisismo, a libido já não seria a mesma.

As contradições envolvidas haveriam de desembocar numa derradeira tentativa de responder à questão do monismo ou dualismo dos instintos (ou pulsões), posta em discussão em SN e retomada em APP, com a doutrina das pulsões de vida e de morte.

Laplanche e Pontalis, envolvendo-se na empreita de clarear este conceito, logo declaram: "*É difícil apresentar uma definição satisfatória da libido*" – e ensinam que Freud a considerou sob dois pontos de vista, quantitativo e qualitativo.

Parece, à primeira vista, que avulta em importância o aspecto quantitativo. Desde "*O Projeto*", Freud falava de uma *quantidade* presente nos processos neuronais – ou processos psíquicos, como prefere ao se referir a eles na "*Interpretação*" – o que acabará por compor um dos pilares da metapsicologia, o econômico, ao lado dos outros dois, topográfico e dinâmico. Esta quantidade inicial é incorporada em grande parte na noção de libido, enquanto considerada como uma espécie de energia dos processos mentais ou, mais especificamente, psico-sexuais.

Conquanto de reconhecida importância, o aspecto quantitativo não basta e o qualitativo se destaca talvez como o mais essencial e o mais distintivo da contribuição freudiana, dela constituindo uma marca de origem, na medida em que, para Freud, a libido é fundamentalmente de natureza sexual e disso faz *hincapié* na sua contenda com Jung. Mesmo quando se fala em dessexualização da libido, ainda se afirma sua natureza essencial na sexualidade, pois a dessexualização é sempre secundária.

Laplanche e Pontalis observam que a noção de libido nunca cobre todo o campo pulsional. De início, deixa de englobar as pulsões de autoconservação, cuja energia própria seria o interesse (ESB, XVI: 483/4), sendo a libido a energia própria correspondente do instinto sexual. Há uma delimitação clara, reafirmando uma contraposição anterior, em que

a libido era para o instinto sexual o que a fome era para o instinto de nutrição (ESB, VII: 135), distinguindo-se, portanto duas ordens de apetites.

Num acréscimo de 1915 aos “*Três ensaios*”, Freud nos apresenta uma definição da libido, nestes termos:

“Definiremos o conceito de libido como uma força quantitativamente variável, que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual” (ESB, VII: 223).

Notamos – e Freud também o assinala - que nessa definição incluem-se ambos os aspectos, quantitativo (força cuja quantidade varia, aumenta ou diminui) e qualitativo (força situada no campo da excitação sexual), e ainda um fator dinâmico, pela referência às transformações ocorridas nos processos psíquicos.

Porém, quando, em APP, confere uma natureza libidinal à autoconservação, a oposição passa a ser feita entre libido e pulsão de morte. Conclui-se, no “*Vocabulário*”:

“O monismo junguiano, portanto, não é nunca aceite e o caráter sexual da libido é sempre sustentado”.

Destaco esta citação porque contesta a opinião de comentadores que julgam, ao contrário, que, em APP, Freud rendeu-se finalmente ao monismo junguiano. Devemos, porém, conceder a esses que houve uma concessão parcial, enquanto se reuniram como libidinais, sob a égide de Eros, os instintos, antes opostos, do ego e sexuais, instituindo-se um novo dualismo pulsional entre vida e morte. De qualquer forma, há uma unificação da libido, prevalecendo a ênfase no seu caráter sexual para todos os efeitos práticos.

Para Freud, a libido é essencialmente masculina (ESB, VII: 226), mas também o aspecto mais essencial da oposição masculino-feminino é a antítese ativo-passivo, do que resulta que a atividade é um aspecto essencial da libido, tanto que ela é também conceituada como *energia* da pulsão de vida. Não ignoramos a prioridade semântica da noção de ligação, atribuída a Eros, em APP, mas, se Eros liga, o faz ativamente e novamente somos reconduzidos à idéia de que vida é atividade e sua energia chama-se libido.

Disto se conclui que não é possível equacionar o narcisismo primário com o princípio do Nirvana, pois a quietude da morte, equiparada ao retorno ao inorgânico, é antilibidinal, associa-se à inatividade e, por definição, nada pode ter a ver com o narcisismo. Não procede, portanto, a interpretação de Daniel Greenberg (1990), o qual, tentando fazer uma interpretação psicanalítica do texto de APP, julga que estas noções se equivalem ou que uma seja o conteúdo latente do que está manifesto na outra.

b)do egoísmo do instinto de autoconservação

Como se pode notar, Freud distingue narcisismo e egoísmo. Como já assinalado no tópico precedente desta conceituação que estamos analisando em partes, havia inicialmente uma separação entre o interesse, ligado à conservação individual e, portanto ao egoísmo e a libido, energia das pulsões sexuais, que se desfez quando se passou a considerar que esta também investia a autopreservação. Na conferência sobre o narcisismo (ESB, XVI: 484) esta caracterização distinta do interesse estava bem acentuada, como jamais antes fora e jamais depois seria, posto que Freud deixa de lado essa distinção.

No entanto, não deixamos de reconhecer um valor hermenêutico nesta diferenciação, uma vez que se todo interesseiro é narcisista, nem todo narcisista é interesseiro, como se nota no anacoreta ascético de Jung, nos ermitões, em certos místicos e nos messianismos religiosos e políticos, que conduzem ao martírio por uma causa. Contudo, nem por serem desinteressadas, essas manifestações são autenticamente altruístas, embora até o possam ser em certa medida, em casos especiais. O que se constata mais comumente é que esta retirada dos interesses terrenos acompanha-se de uma exaltação do ego. Não haveremos de cinicamente desconfiar de toda atitude de devotamento a uma boa causa, eximindo-nos de qualquer julgamento moral. Mas não deixaremos de reconhecer que, muitas vezes, a adoção de uma causa, ainda que justa, pode trazer benefícios políticos ou pecuniários aos líderes de movimentos ideológicos inflamantes, amalgamando os mais imediatos interesses mundanos aos mais elevados ideais.

Essas considerações, conquanto pareçam muito genéricas, podem refinar a agudeza da observação clínica de nossos pacientes, quando os vemos arrebatados por ideologias de forte apelo emocional.

Consideradas separadamente cada uma dessas duas partes da “quase-definição” metapsicológica, vemos que ela pode não cobrir toda a extensão da psicologia do ego, especialmente daqueles processos que se passam movidos por uma energia neutra, de natureza não libidinal. Sabemos que Freud admitia a existência de energias neutralizadas no ego, mas as fazia derivar de um processo de dessexualização (ESB, XIX, p.44/5, 61/2, 70/1; ESB, XX, p.120,186), mas não se sabe como isso operaria.

Conceituação em nível fenomenológico e operacional

A definição metapsicológica tem o máximo valor teórico, razão pela qual, pelo seu mais alto nível de abstração, tem pouca proximidade com a observação dos fenômenos, da mesma forma que um conceito genérico que, como o próprio nome indica, abarca a mais ampla generalidade conceitual.

Portanto, se buscamos uma abordagem fenomenológica, deveremos encontrar um outro nível conceitual, cuja aplicação seja mais exeqüível. Este tipo de conceituação encontramos na própria obra de Freud, embora noutra contextualização, que não seu artigo oficial.

O nível fenomenológico não se identifica com o nível fenomênico ou empírico, porque não se pode observar diretamente o narcisismo, posto que se trata de um construto teórico, mas se podem observar manifestações empíricas qualificadas de narcísicas ou narcisistas, tais como a conduta dita narcisista de se olhar com admiração diante do espelho, uma série de características comportamentais que podem compor um caráter narcísico, etc. Poderíamos pensar que a noção de narcisismo poderia ter sido inferida a partir desses fatos, porém nos enganaríamos, pois o narcisismo é um conceito construído no interior da teoria da libido, a partir do qual poderemos qualificar atitudes ou comportamentos. Ao invés de inferência, temos a validação do conceito pelo seu potencial hermenêutico de significar os fenômenos, oferecendo-nos deles um melhor entendimento. Como já assinalamos, ao discutir a metodologia, é nesta aplicabilidade que reside o valor epistemológico do conceito de narcisismo. Podemos, porém, precisar aqui um nível operatório do conceito, na medida em que permite descrições objetivas das assim chamadas manifestações empíricas do narcisismo. Não nos surpreende, portanto, encontrarmos na

quarta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV) uma definição operacional da personalidade narcisista (Anexo Um). Num trabalho recentíssimo, Lowencron (2002) discute o transtorno da personalidade narcisista enquanto categoria diagnóstica provisória na 10ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), estabelecendo-lhe o conceito, sua semiologia, aspectos da terapêutica psicanalítica aplicada ao mesmo e finaliza com críticas e sugestões pertinentes aos critérios desta categoria diagnóstica.

Poderíamos indagar se existem fenômenos observáveis a partir dos quais Freud inferiu a noção de narcisismo, o que se torna difícil estabelecer, uma vez que o próprio autor não nos oferece resposta para essa questão. Porém, podemos especular essa possibilidade de maneira crível, reportando-nos a uma sugestão extraída dos parágrafos iniciais de *“Sobre o Narcisismo”*, em que Freud reconhece que um motivo premente para se ocupar com a concepção de um narcisismo primário surgiu do estudo da paranóia e da demência precoce. Assim, esta inferência poderia ter se dado a partir da observação, ao nível comportamental, do retraimento psicótico, descrito, ao nível teórico, como retirada da libido dos objetos do mundo exterior ou da descrição objetiva da megalomania, que leva a uma interpretação de que, nesta condição, a libido é dirigida ao ego, insuflando-o e propiciando manifestações da onipotência do pensamento, como os delírios de grandeza.

Talvez seja ocioso determo-nos em saber se a noção deriva da observação por inferência ou se ela se aplica aos fenômenos por uma espécie de expansão semântica, pois ambas as coisas parecem ocorrer e não passaria de preciosismo epistemológico querer distinguir uma delas, com exclusão da outra.

Neste novo plano, que estamos chamando fenomenológico, o conceito de narcisismo, sob o ponto de vista das relações humanas, consiste em uma forma de relação erótica em que o objeto de amor é o próprio eu.

A partir da abordagem do narcisismo, podemos distinguir diferentes dinâmicas das relações eróticas, conforme a direção da libido se faça mais no sentido do indivíduo ou do outro e de como a libido pode investir o corpo ou o próprio eu, ou, ainda, a ambos.

Convém salientar que relação erótica não é Amor (Dantas Junior, 1998). Temos de considerá-la em dois níveis: eróticopulsional, muito próximo ao descrito por Freud, dele se diferenciando pela falta do aspecto mecanicista, que lhe foi inicialmente dado, e as

relações amorosas propriamente ditas, que implicam num desenvolvimento mais avançado das relações humanas.

Na psicologia do amor podemos constatar quão empobrecedora é a visão quantitativa, que produz a impressão de que o amor ao outro se faz às custas de perdas do amor de si, algo que nos parece mesquinho. Não se trata de transferências de quantidades ou cargas energéticas, mas de diferenciações qualitativas entre o amor próprio e o amor a outrem, sem que um se faça às custas do outro. Amar ao próximo não é nenhuma perda de auto-amor, antes o verdadeiro amor entre as pessoas pressupõe a capacidade do amor a si mesmo (Fromm, 1968). O investimento exclusivo em si mesmo, característico do narcisismo, não corresponde a uma maior quota de libido ou de afeto, em termos concretos, mas uma forma de descrever esse próprio exclusivismo, usando expressões quantitativas em um sentido metafórico.

Num nível que poderíamos nomear de clínico-psicanalítico, a expansão semântica do termo narcisismo nos permite caracterizar uma série de fatos da clínica psicanalítica, tais como a ferida narcísica, a fúria narcísica, a depressão narcísica, o orgulho narcisista. Num plano teórico, reconhecemos uma identificação narcisista, uma fase narcisista do desenvolvimento, um caráter narcísico, as neuroses narcísicas. Em nível técnico, identificamos a transferência narcisista.

No processo analítico, a observação de como a relação erótica se reproduz – ou produz? – entre o analista e o analisando, permite realizar a identificação do tipo de relação que se estabelece no par analítico, seu desenvolvimento e seus condicionamentos, permitindo analisá-la e trabalhá-la (Freud, 1915 a).

Sob um ponto de vista dinâmico, podemos conceber as transformações do narcisismo, como a auto-estima e toda a contribuição de Kohut ao tema, considerado a partir deste foco, descrevendo linhas de desenvolvimento narcisistas.

A fenomenologia do narcisismo abrange todas as descrições em que o interesse próprio, legítimo ou não, prevalece nos mais diferentes tipos de relações humanas, no nível interpessoal e coletivo, nas relações sociais mais amplas, políticas e culturais, servindo como ponto de apoio para toda hermenêutica da conduta humana, em seu sentido mais geral, percorrendo todo um universo simbólico.

DEFINIÇÃO GENÉRICA DO NARCISISMO

Chegando aos passos finais deste trabalho, passaremos a analisar uma definição genérica, que possibilite a inclusão das mais variadas acepções do narcisismo sob um mesmo conceito geral, ao qual a diversidade de concepção pudesse ser reduzida, numa espécie de depuração epistemológica.

Pode-se tentar buscar um tipo de conceito com generalidade tal que englobe toda a fenomenologia do narcisismo. Uma definição genérica deste tipo é fornecida pelo Glossário da Associação Psicanalítica Americana - considerada, portanto, oficial - e posta nos seguintes termos:

“Narcissism: a concentration of psychological interest upon the self”

Vê-se que, ao invés de investimento do eu, fala-se em *self*, segundo uma tradição da psicanálise americana desde a sugestão de Hartmann de que se falasse em investimento libidinal do *self*, ao conceituar o narcisismo. Deparamo-nos, porém, com a dificuldade de conceituar o *self*, termo que não parece ser igualmente entendido pelas diferentes escolas psicanalíticas.

A expressão *interesse psicológico* também parece muito vaga e pode trazer confusão. Freud separou nitidamente interesse e libido, em sua conferência sobre a teoria do narcisismo (ESB, XVI: 483/4), mas nem sempre manteve essa distinção, usando as expressões *interesse libidinal* e *interesse em geral*, sem fazer diferenças.

O interesse pela segurança, pelo poder, pela glória e a fama diferem do interesse puramente erótico ou amoroso. Cremos que o narcisismo é um fato da vida erótica e que toda definição que a ele se refira deve cingir-se a esta especificidade, correndo o risco de, não o fazendo, descaracterizá-lo.

Assim, uma definição genérica aceitável seria aquela que especificasse o interesse erótico ou a natureza erótica do interesse psicológico em si mesmo e a partir de si mesmo.

Propomos, portanto, a seguinte definição genérica:

O narcisismo é o interesse erótico centrado em si mesmo, que pode se deter num auto-investimento ou irradiar-se para outros objetos, de forma indiscriminada, conservando sempre o foco no próprio interesse individual, sofrendo variações em suas

manifestações ao longo do desenvolvimento psicológico individual e do desenvolvimento histórico da cultura.

Justifiquemos os termos desta definição:

a) ***interesse erótico*** – esta expressão pode ser aproximada facilmente da última concepção freudiana da libido, que engloba como manifestação de Eros ou da pulsão de vida tanto a conservação individual, como a da espécie, ou, em termos mais apropriados, os instintos/pulsões do ego e os instintos/pulsões sexuais, que antes eram mantidos rigidamente separados e em contraposição.

O termo erotismo tem uma extensão semântica suficiente para incluir o amor, que poderia ser considerado uma forma mais evoluída do interesse erótico. Assim, o amor de si ou a auto-estima podem caber nessa definição como formas transformadas ou sublimadas do narcisismo primitivo.

b) ***centrado*** – preferimos falar em centrado, em vez de investido ou concentrado, acepções que parecem implicar apenas na recepção pelo eu do interesse erótico, amoroso ou libidinal, como se prefira dizer.

O centramento do interesse no eu permite, além desta direção centrípeta, por assim dizer, adicionar outra direção oposta ou centrífuga, ou seja, visualizar o eu como foco de irradiação de interesse erótico, o que permite incluir na definição as diferentes formas de relações narcisísticas.

c) ***em si mesmo*** – a expressão *em si mesmo* apenas localiza para onde se dirige ou de onde se irradia o interesse erótico, podendo-se substituí-la por outras, tais como, o ego (Freud), o self (Hartmann e a escola americana), a própria pessoa ou o corpo, considerado este de modo parcial ou total (*corps morcelé, corps propre*).

d) ***podendo irradiar-se para outros objetos*** -nas diferentes formas de relações narcisistas, ainda que o investimento esteja dirigido para objetos do tipo alter ou não-eu, isso se faz a partir do interesse próprio, como é o caso das eleições amorosas dos tipos narcisista e anaclítico, de que nos fala Freud.

Recordemos que a eleição narcisista faz-se sobre um objeto referido ao que se é, ao que se foi ou ao que se desejaria ser, isto é, a uma representação do eu atual, passado ou futuro. Já o tipo anaclítico, com base no apoio em funções autopreservativas, se faz na direção da mãe que alimenta ou do pai que protege, visando, em ambos os casos, interesses pessoais de sobrevivência e segurança, sendo, portanto, amor interesseiro.

e) *de forma indiscriminada, sempre com foco no interesse individual* – as relações narcisistas sempre são imaturas e implicam em graduações de indiscriminação, desde o estado fusional, até certas relações amorosas em que, por ter dificuldade em se destacar do outro, o indivíduo se torna incapaz de uma verdadeira relação de troca afetiva com o parceiro. Mesmo no nível das amizades, o narcisista dificilmente consegue cultivar relações autênticas, quando se exige algum tipo de doação afetuosa ou de renúncia em favor de outrem, pois o altruísmo se revela, nesse caso, seu antônimo.

f) *com variações ao longo do desenvolvimento psicológico individual e do desenvolvimento histórico da cultura* – alguns autores identificaram o narcisismo com determinada fase do desenvolvimento, falando em narcisismo falocrático. Já em Freud, desde *Luto e Melancolia*, a identificação narcísica ocorre como fenômeno da fase oral do desenvolvimento libidinal. Aspectos narcísicos também podem ser observados no estágio sádico-anal. Desta forma, parece haver uma linha de desenvolvimento narcisista, acompanhando o progredir das diferentes fases libidinais, embora não concordemos que se separem rigidamente linhas de desenvolvimento, pois ocorre, na verdade, uma interação dinâmica entre os investimentos no eu (incluindo o corpo e o self) e no objeto, ao longo do desenvolvimento e com peculiaridades específicas para cada pessoa, marcando sua própria história.

Numa abordagem de psicologia evolutiva, podemos acompanhar as manifestações narcisistas nas diferentes faixas etárias – a infância, a adolescência (Blos, 1996), a vida adulta e a velhice e a questão do envelhecimento, para muitos uma dolorida ferida narcísica.

As variações culturais na esteira do tempo abarcam desde as manifestações do narcisismo primitivo nas culturas totêmicas até a cultura pós-moderna.

Como se depreende, o narcisismo, em sua acepção mais ampla, inclui formas de apresentação múltiplas num continuum espaço-temporal, tanto na trajetória dos indivíduos como dos povos, no decorrer da história.

A partir da definição de máxima generalidade, sem prejuízo da especificidade da natureza do investimento envolvido, podemos descrever toda uma fenomenologia do narcisismo, noutra nível conceitual, o fenomenológico, abordado anteriormente.

Entre as variações dos investimentos e das relações narcísicas, temos de assinalar os desvios que assumem características anormais ou patológicas, propiciando o aparecimento das personalidades psicopáticas narcísicas no pólo final de uma linha de patologia que abarca desde variações anormais de natureza narcísica até a participação dos distúrbios desta espécie na psicopatogênese das psicoses, da hipocondria, das perversões e mesmo das chamadas psiconeuroses de defesa, que Freud tentava separar nitidamente das por ele chamadas – hoje se supõe inadequadamente - “neuroses narcísicas”.

De fato, é difícil podermos deixar de encontrar na análise de qualquer pessoa, ainda nos considerados normais, aspectos narcísicas mais ou menos desenvolvidos, mais ou menos desviantes.

Impõe-se-nos distinguir entre o narcisismo normal e o narcisismo patológico, podendo-se neste verificar traços de natureza tão agressiva que se justifica a expressão “*narcisismo destrutivo*”, de Rosenfeld, o qual recorreu á noção de fusão e defusão instintual entre as pulsões de vida e de morte para explicá-lo. Green, como vimos, distingue entre “*narcisismo de vida*” e “*narcisismo de morte*”, mas numa abordagem algo diversa da de Rosenfeld.

CONCLUSÃO

Para fechar este trabalho, queremos deixar claro o que esta proposta de definição genérica pretende ser e o que ela se recusa a ser.

Esta definição genérica pretende ser suficientemente ampla para incluir todas as possibilidades de abordagem do tema do narcisismo sob o aspecto conceitual e rigorosamente isenta para não tomar partido a favor de nenhuma delas, o que exclui igualmente o ecletismo, pois as coloca todas em questão.

Graças a esse questionamento geral, qualquer investigador do narcisismo se defrontará com a tarefa inicial, antes de começar qualquer trabalho de pesquisa neste campo, de se posicionar teoricamente, declarando a fundamentação epistemológica de sua pesquisa, quer clínica, quer teórica ou ambas.

Esta proposta recusa-se terminantemente a ser a definição final ou a de maior excelência entre todas, pretensão que lhe custaria a perda de sua amplitude e de sua isenção, infringindo as condições acima postas meridianamente.

Apresentando esta proposta, colocamo-la em discussão quanto a ter conseguido atingir os dois caracteres essenciais de amplitude e isenção para sua validação. Vale repetir que não se arroga a virtude de ser uma definição mais vantajosa ou mais rigorosa dentre as demais, nem que tenha trazido um aspecto original nunca antes vislumbrado no estudo do narcisismo, no que apenas se situaria como mais uma entre tantas. Sua originalidade consiste em oferecer uma tentativa de tornar mais funcional o conceito de narcisismo, permitindo o desenvolvimento múltiplo de correntes ou tendências doutrinárias para talvez, se possível, abrir caminho para uma síntese unificadora, no futuro.

Por enquanto, limitamo-nos a constatar a multiplicidade e a divergência de pontos de vista, às vezes inconciliáveis, e a incentivar a pesquisa multifária, apenas exigindo a tomada de posição clara do estudioso ou pesquisador na fundamentação de seu trabalho.

Advogamos a convivência de Proteus com Narciso, sob os auspícios da sabedoria de Athena, garantindo um estudo em profundidade e extensão do narcisismo, assunto que não julgamos esgotado e cuja discussão merece ser mantida viva e fecunda.

*REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS*

- ABRAHAM, K.(1924) – Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais, *IN Teoria psicanalítica da libido*, RJ, Imago Ed.Ltda., 1970,p.81-160.
- ALMEIDA PRADO, M.P. - *Narcisismo e Estados de Entranhamento.*, 2ª .ed., RJ, Imago Ed., 1988, 226p.
- ANDRADE,V.E(1999).-O conceito freudiano de narcisismo e a psicanálise atual, *Rev.Bras.Psican.*,vol.33, nº4, 631-49.
- ANDREAS-SALOMÉ,L.(1921) – The dual orientation of narcissism, *Psychoanal.Q.* 31:1-30, 1962 .
- ARISTÓTELES – *Ética a Nicomaco*, tradução de Leonel Valhandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D.Rosá, *IN: Os Pensadores*, SP, Abril S/A Cultural e Industrial, 1973, p.245-436.
- BALINT,M.(1949)- Early developmental states of the ego, primary love, *Int.J.Psycho-Anal.*,30:265-73.
- BALINT,M, (1960)- Primary narcissism and primary love, *Psychoanal.Q.*,29:6-43.
- BION,W.R. (1958b) – On arrogance, *Int.J.Psychoanal.*,39:144-6
- BION,W.R. (1902/3) – *Os elementos da psicanálise*, tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa, Zahar Editores, RJ, 1966, 211p.
- BION,W,R, - *Cogitações*, tradução de Éster Hadassa Sandler e Paulo César Sandler, Imago Editora, RJ, 2000, 428p.
- BLOS, P. – *Transição adolescente : questões desenvolvimentais*, tradução Maria Rita Hofmeister, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- BORBA, F.S. – *Introdução aos estudos lingüísticos*, 13.edição, Campinas,SP, Pontes Ed.,2003, 331p.
- BULFINCH,T.-*O livro de ouro da Mitologia*, tradução David Jardim Junior, 3ª.edição,RJ, Ediouro,1999, 417p..
- CABERNITE,L(1981)- Algumas notas a propósito do conceito de Narcisismo na escola americana,*Rev.Bras.Psicanal*,15:5-11.
- ANEVACCI,M. –Quatro mitos para um Narciso “só”, *Ide*, SP (21) 92-101,1991.
- CASSORLA,R.M.S.-*Q que é suicídio*, São Paulo:Editora Brasiliense,Coleção Primeiros Passos:56,1985.

- CASSORLA,R.M.S.- Considerações sobre o suicídio, *IN: Do suicídio: estudos brasileiros*,org. Roosevelt Moisés Smeke Cassorla, Campinas,SP: Papirus,1991,p.17-26.
- CHASSEGUET-SMIRGEL,J.- The superego and the ego ideal. *IN: The ego ideal*. London, Free Associations Book,1985:167-88.
- COHEN M., L. – A favor e contra o narcisismo. *Psicanálise em Revista*, v.2, nº 1,p.181-98, Recife, 2001.
- COTTEREL,A. – **Enciclopédia de Mitologia**, tradução de Margarida Vale de Gato, Central Livros Ltda., 1998, 256p.
- DANTAS JUNIOR A (1998).- A influência do narcisismo no amor erótico, **Rev. bras. psicanal**;32(1):117-27.
- ENGEL,J.V.(1995) –A teoria kleiniana sobre o narcisismo: estudo comparativo com Freud, **Rev.Bras.Psicanal.**,29 (4):843-58.
- ESCOBAR,J.R.(2003).- Superego e ideal de ego: evolução do conceito e distinção, **R.Psiquiatr.RS**.nº 1:192-8.
- ETCHEGOYEN, R.H.- Introducción del narcisismo: texto y contexto, *IN Estudios sobre “Introducción al Narcisismo” de Sigmund Freud*, compilador Dr.Joseph Sandler, versão castelhana de Luiz López-Ballesteros, Madri, Julian Yebenes,S,A.,1991,p.65-87.
- FAIRBAIRN,W.R.D.(1941)- Uma revisão da psicopatologia das psicoses e psiconeuroses, *IN: Fairbairn,W.R.D., Estudos psicanalíticos da personalidade*, tradução de Eva Nick, RJ, Interamericana, 1980, p.23-46.
- FAIRBAIRN,W.R.D.- Sinopse do desenvolvimento das idéias do autor sobre a estrutura da personalidade, *IN: Fairbairn,W.R.D., Estudos psicanalíticos da personalidade*, tradução de Eva Nick, RJ, Interamericana, 1980, p. 128-42.
- FERENCZI,S.(1911)- O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estádios, *IN Ferenczi, S., Escritos psicanalíticos*, Taurus, 1988,p.74-88.
- FREUD,S.(1905d) – Três ensaios sobre sexualidade,**Edição Standard Brasileira (ESB)**,vol. VII, tradução sob a direção geral de Jayme Salomão, RJ, Imago Ed Ltda, 1972,p.123-252.
- FREUD,S.(1910c)- Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância,**ESB**, vol.XI, tradução sob direção feral de Jayme Salomão, RJ: Imago Ed.Ltda.,1970,p.53-124.

- FREUD,S.(1911b)- Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, **ESB,vol.XII**, tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, RJ,Imago Ed.Ltda.,1969,p.273-286.
- FREUD,S.(1911c)- Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia(dementia paranoides), **ESB,vol.XII**,tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, RJ, Imago Ed.Ltda., 1969,p.15-108.
- FREUD,S.(1912-13)- Totem e tabu, **ESB,vol.XIII**, tradução de Orizon Carneiro Muniz, RJ, Imago Ed.Ltda., 1974,p.13-194.
- FREUD,S.(1913c)- Sobre o início do tratamento: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I, **ESB,vol.XII**, tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, RJ, Imago Ed.Ltda., 1969,p.163-187.
- FREUD,S.(1914c)- Sobre o Narcisismo:uma introdução, **ESB,vol.XIV**, tradução.Themira de Oliveira Brito e outros,RJ: Imago Ed.Ltda.,1974,p.85-119.
- FREUD,S.(1915 a)-Observações sobre o amor transferencial:novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III, **ESB,vol.XII**, tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, RJ, ImagoEdf.Ltda., 19169,p.207-223.
- FREUD,S.(1915c) – Os instintos e suas vicissitudes, **ESB.vol.XIV**, tradução Themira de Oliveira Brito e outros, RJ, Imago Ed .Ltda.,1974,p.129-162.
- FREUD,S.(1915e)- O Inconsciente, **ESB,vol.XIV**, tradução de Themira de Oliveira Brito e outros, RJ, ImagoEd.Ltda., 1974,p.185-245.
- FREUD,S.(1916/7)- Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte III, O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, **ESB, vol.XVI**, tradução de José Luiz Meurer, RJ: Imago Ed.Ltda.,1976,p.375-95.
- FREUD,S.(1916/7)- Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte III, A teoria da libido e o narcisismo, **ESB,vol.XVI**, tradução de José Luiz Meurer, RJ, ImagoEd.Ltda., 1976, p.481-502.
- FREUD,S.(1916/7)- Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte III, Transferência, **ESB,vol.XVI**, tradução de Jpsé Luiz Meurer, RJ, Imago Ed.Ltda., 1976, p.503-27.
- FREUD,S.(1917 a)- Uma dificuldade no caminho da psicanálise, **ESB,vol.XVII**, tradução sob direção geral de Jayme Salomão, RJ, Imago Ed.Ltda., 1976, p.169-79.

- FREUD,S.(1917d) –Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos, **ESB,vol. XIV**, tradução de Themira de Oliveira Brito e outros, RJ, Imago Ed.Ltda., 1974, p.249-67.
- FREUD,S.(1917e [1915])- Luto e melancolia, **ESB,vol.XIV**, tradução de Themira de Oliveira Brito e outros, RJ, Imago Ed.Ltda., '974,p.279-91.
- FREUD,S.(1918a)- O tabu da virgindade, **ESB,vol.XI**, tradução sob a direção geral de Jayme Salomão, RJ, Imago Ed.Ltda., 1970, p.175-92.
- FREUD,S.(1919h)- O Estranho,**ESB,vol.XVII**, tradução de Eudoro Augusto Macieira de Souza, RJ: Imago Ed.Ltda.,1976, p. 273-318.
- FREUD,S.(1920g)- Além do princípio do prazer, **ESB,vol.XVIII**,tradução de Christiano Monteiro Oiticica, RJ, Imago Ed.Ltda., 1976, p.13-85.
- FREUD,S.(1921c)- Psicologia de grupo e análise do ego,**ESB,vol. XVIII**, tradução de Christiano Monteiro Oiticica,RJ: Imago Ed.Ltda.,1976, p.89-179.
- FREUD,S.(1923b)- O ego e o id, **ESB,vol.XIX**,tradução de José Octavio de Aguiar Abreu,RJ:Imago Ed.Ltda.,1976, p.13-83.
- FREUD,S.(1925d[1924])- Um estudo autobiográfico, **ESB, vol.XX**, tradução de Christiano Oliveira Oiticica, RJ, Imago Ed.Ltda., 1976, p.13-92.
- FREUD,S.(1930 a)-O mal estar na civilização, **ESB, vol.XXI**, tradução de José Rodrigues de Aguiar Abreu, RJ, Imago Ed.Ltda., 1974, p.75-171.
- FREUD,S.(1931 a)- Tipos libidinais, **ESB,vol. XXI**, tradução de José Rpdrigues de Aguiar Abreu, RJ, Imago Ed.Ltda., 1974, p.249-54.
- FREUD,S.(1933 a)- Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, Ansiedade e vida instintual, **ESB, vol.XXII**, tradução de José Luiz Meurer, RJ, Imago Ed.Ltda., 1976, p.103-38.
- FREUD,S.(1940a[1938])- Esboço de psicanálise,**ESB,v.XXIII**,tradução de José Octavio de Aguiar Abreu,RJ:Imago Ed. Ltda., 1975, p.165-237.
- FREUD,S.(1950 [1895])- Projeto para uma psicologia científica, **ESB, vol.I**, tradução de José Luiz Meurer, RJ, Imago Ed.Ltda., 1977, p.381-517.
- FRIEDMAN,J (1988). – The Idea of narcissism in Freud's psychoanalysis, **Int.R.Psycho-Anal.**,15: 499-514.
- FROMM,E. – **Análise do homem**, tradução de Octavio Alves Velho, 6ªed.,RJ, Zahar Editores, 1968, 211p.

- GAY,P. – Freud: uma vida para o nosso tempo, tradução de Denise Bottmann, SP, Ed.Scwarcz Ltda., 1989, 719p.
- GREEN, A.- **Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte**, tradução de Cláudio Berliner, SP, Ed.Escuta,1988, 311p.
- GREENBERG,D. E. (1990)- Instinct and primary narcissism in Freud's later theory: an interpretation and reformulation of "Beyond the Pleasure Principle",**Int.J.Psycho-Anal.**,71:271-83.
- GRINBERG,L.- Culpa y depresión:estúdio psicoanalítico, 5ªed.,B.Aires:Ed.Paidos,1978, 281p.
- GRINBERG,L.– Carta a Sigmund Freud acerca de 'Introducción al narcisismo"',IN: **Estudio sobre "Introducción al narcisismo" de Sigmund Freud**, compilador Joseph Sandler, versão castelhana de Luiz López-Ballesteros, Madri, Julian Yebenes, S.A., 1991, 113-126.
- GRUNBERGER,B.(1965) – Étude sur le narcissisme, Rev.Franç.Psychanal.,29(516):573-88.
- HANLY, C. ,MASSON, J. (1976) A Critical Examination of the New Narcissism. **Int J Psycho-Anal.**, 57:49-66.
- HARTMANN,H.(1950)- Comments on the psychoanalythic theory of the ego, IN: **Essays on ego psychology**, New York Int,Univ.Press, 1960,p.113-42.
- HEIMANN, P. – Certas Funções de Introjeção e de Projeção no Início da Infância, in **"Os Progressos da Psicanálise"**, tradução de Álvaro Cabral, RJ, 2ªed., Zahar Ed., 1982, p.135-84..
- HEIMANN, P.(1962)- Notes on the anal stage, **Int.J.Psycho-Anal.**,43(415): 406-14.
- HINSHELWOOD,R.D.-**Dicionário do pensamento kleiniano**, tradução de José Octávio de Aguiar Abreu, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, .460p.
- JONES,E. – **Vida e obra de Sigmund Freud**, org.e resumo de LEONEL Trilling e Steven Marcus, tradução de Marco Aurélio de Moura Mattos, RJ, 3ª ed.,Editora Guanabara,1979, 775p.
- JOHNSON,R.A. – **She**, a chave do entendimento da psicologia feminina, tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca, SP, Mercuryo, 1987, 93p.

- KANNER,L.(1965)- Infãntile autism and the schizophrenias, *Acta Paedopsychiatrica*, 36: 2-11.
- KANZER,M.(1964) - Freud's Uses of the Terms "Autoerotism" and "Narcissism". *J Amer Psychoanal Assn.*, 12:529-539.
- KLEIN,M.(1926)- Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. 1, tradução de André Cardoso, RJ, Imago Ed., 1996,p.152-63.
- KLEIN,M.(1929)- Personificação no brincar das crianças, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol I, tradução de André Cardoso, RJ, Imago Ed., 1996, p.228-39.
- KLEIN,M. (1933)- O desenvolvimento inicial da consciência na criança, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol.I, tradução de André Cardoso, RJ, Imago Ed., 1996, p.283-95.
- KLEIN,M. (1940)- O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. I, tradução de André Cardoso,1996, p.385-412.
- KLEIN,M.(1946)- Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, IN **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. III, tradução Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves, RJ: Imago Ed.,1991, p.17-43.
- KLEIN,M.(1952)- Origens da transferência, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. III, tradução de Elias Mallet da Rocha Barros e Liana Pinto Chaves, RJ, Imago Ed., 1991, p.70-9.
- KLEIN,M. (1957)- Inveja e gratidão, IN: **Obras Completas de Melanie Klein**, vol. III, tradução de Elias Mallet de Rocha Barros e Liana Pinto Chaves, RJ, Imago Ed., 1991, p.205-67.
- KOHUT,H.(1966)- Formas e transformações do narcisismo, IN: **Self e Narcisismo**, trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon, revisão técnica Inaura Carneiro Leão, RJ, Zahar Ed.,1984, 158p.
- KOHUT,H.(1968) – O tratamento psicanalítico das perturbações narcísicas da personalidade: esboço de uma abordagem sistemática, IN: **Self e Narcisismo**, trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon, revisão técnica Inaura Carneiro Leão, RJ, Zahar Ed.,1984, 158p.

- KOHUT,H.- **A Psicologia do Self**, trad. Paulo Roberto Sauberman, RJ, Imago Ed, 1989, 339p.
- KOHUT,H.(1971).- **Análise do Self**, trad. Maria Tereza Berrigo Marcondes Godoy, RJ, Imago Ed.,1988, 304p.
- KOHUT,H.(1972) – Reflexões acerca do narcisismo e da fúria narcísica, IN: **Self e Narcisismo**, trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon, revisão técnica Inaura Carneiro Leão, RJ, Zahar Ed.,1984, 158p.
- KRISTEVA,J(1941).-**Histórias de amor**, tradução Leda Tenório da Motta, RJ:Paz e Terra,1988, 423p.
- LACAN,J.- O Seminário, livro 1, “**Os escritos técnicos de Freud**” trad. Betty Milan, RJ, Zahar Ed., 1979, 413p.
- LACAN,J.- O Seminário, livro 2, “**O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**”, trad. Maria Christina Laznik Penot com colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade, RJ, Zahar Ed., 1985, 327p.
- LACAN,J.- **Écrits**, Paris. Éditions du Seuil, 1966, 924p..
- LACAN,J.- **Escritos**, tradução de Vera Ribeiro,RJ, Jorge Zahar Ed.,1998,937p.
- LAPLANCHE,J. E PONTALIS,J.B. – **Vocabulário de psicanálise**, Lisboa, Moraes Ed., 1970, 705p.
- LICHTENBERG, J. (1978) Is there a Line of Development of Narcissism?. **Int R Psychoanal**, 5:435-47
- LOWENCRON, T.S (2002).- Transtorno de personalidade narcisista: uma categoria diagnóstica provisória na CID-10. **J.bras.psiquiatr.**,vol.51(3):191-8.
- MAHLER,M.- **As psicoses infantis, outros estudos**, tradução de Helena Mascarehas de Souza, P.Alegre, Artes Médicas, 1983, 157p.
- MANCIA, M. - The concept of narcissism after Freud: North America, p.35-53
IN: Mancia, M.-**In the gaze of narcissus: memory, affects and creativity**, London, Karnac Books, 1993. 210 p.
- MEISSNER, W. (1981) A Note on Narcissism. **Psychoanal Q.**, 50:77-89
- MEZAN,R.- **Freud: a trama dos conceitos**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987, 350p.
- MOORE, B. (1975) Toward a Clarification of the Concept of Narcissism. **Psychoanal Study Child**, 30:243-276

- NAGERA, H.- **Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria da Libido**, trad. Álvaro Cabral, SP, Ed.Cultrix, 1981, 128p.
- NAGERA,H.- **Conceitos psicanalíticos básicos da Teoria dos Instintos**, trad Álvaro Cabral, SP, Ed.Cultrix, 1981, 126p.
- NUMBERG,H- **Psicologia del yo, IN: Teoria general de las neurosis basada en el psicoanalysis**, Barcelona, Editorial Publicaciones, 1950,144-82.
- OGDEN,T. – **Os sujeitos da psicanálise**, tradução de Cláudio Berliner, RJ, Casa do Psicólogo, 1996, 217p.
- OUTEIRAL,J.O (1994).- Rabiscos sobre o conceito de narcisismo em D.W.Winnicott. Grupo de Estudos Psicanalíticos de Pelotas, **Anais do III Encontro Latino-americano sobre o pensamento de D.W.Winnicott**, Porto Alegre,p.41-53.
- OVIDIO – **As Metamorfoses**, tradução de Antonio Feliciano de Castilho, RJ, Org.Simões Ed.,1959, 165p.
- PASQUALIL (1998).- Princípios de elaboração de escalas psicológicas, **Rev.Psiq.clin.** 25(5) Edição Especial: 206-213.
- POPPER,K.- A lógica da investigação científica, **IN: Os Pensadores**, SP, AbrilCultural e Industrial, 1975,p.263-384.
- PULVER, S. (1970) Narcissism—the term and the concept. **J Amer Psychoanal Assn.**, 18:319-341
- REITAN, R. (1992) – Pas de deux: on origins and ends of Freud’s “narcissism”. **Psychoanal.Contemp. Thought** v.15, nº 4. p.411-81.
- REZENDE,A.M. (1999) – Vicisitudes na análise de um paciente narcisista: masculino-feminino no contexto do sétimo elemento de psicanálise, **Rev. bras. Psicanal.**;32(4):781-94.
- ROCHA BARROS,E.M.(1987) - **Herbert Alexander Rosenfeld(1910-1986)-uma nota histórica sobre sua contribuição à psicanálise -** Boletim Científico,ano I,I:4,RJ.
- ROSENFELD,H.A.(1964)- Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica, *in* “**Os Estados Psicóticos**”, trad. Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa, RJ, Zahar Ed., 1968, p.193-204.

- ROSENFELD,H.A.(1971)-A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism, **Int.J.Psychoanal.**,52,169-178
- ROSENFELD,H.A.- **Impasse e Interpretação**, trad. Paulo Maria Rosas, RJ, Imago Ed., 1988, 360p.
- ROUDINESCO,E, e PLON,M.- **Dicionário de Psicanálise**, tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães, RJ: Jorge Zahar Ed.,1998, 874p.
- SCHWARTZ-SALANT,N.- **Narcisismo e Transformação do Caráter**, trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, SP, Ed. Cultrix, 10^a ed., 1995, 250p.
- SHULLER,D.- Narciso Errante, Petrópolis, RJ, Vozes, 1994, 161p.
- SEGAL,H.(1983)–Some clinical implications of Melanie Klein's work, III., **Int.J.Psychoanal**,64:269-276.
- SEVERINO, A .J.- **Metodologia do Trabalho Científico**, SP, Cortes e Moraes Ltda., 1975, 96p.
- SMITH,D.(1985)– Developmental approach to narcissism: a concise review . **Int.J.Psychoanal**,6:489-97.
- SMITH,D.(1988)– The ego (and its superego) reconsidered, **Int.J.Psychoanal.**,69: 401-7.
- STEPHANIDES,M.- **A memória dos deuses**, Hera-Afrodite, tradução Ganymedes José, RJ, Ed.Tecnoprint Ltda., coleção Mitologia Grega,vol.2, 1984, 42p.
- STOLOROW, R. (1975) Toward a Functional Definition of Narcissism. **Int J Psycho-Anal**, 56:179-185
- SYMINGTON,N.(1993) – **Narcisismo: uma nova teoria**, tradução de Attilio Giacomelli, revisão científica de Celina Giacomell, São Paulo, Roca,2003.
- SYMINGTON, N. - O narcisismo: uma teoria reconstruída, tradução de Heloisa Jahn, **Revista.Bras. Psicanal** ; v.27 n.3 p.481-8,São Paulo ;,1993.
- TAFURI,M.I. & BERLINCK,M.T. - Uma análise crítica do conceito de autismo em Kanner, **TEMAS** v.32, nº62-63, p.48-68, 2002.
- TEICHOLZ, J. (1978) A Selective Review of the Psychoanalytic Literature on Theoretical Conceptualizations of Narcissism. **J. Amer. Psychoanal. Assn.**, 26:831-861
- TERRAZAS,J.G.(1985)- Sobre la necesidad del concepto de narcisismo en la obra freudiana y en la investigación psicanalítica, **Rev.Psicoanl.**, Madrid, v.1,p. 83-6.

- TREURNIET, N.- Introducción a “Introducción al narcisismo”, *in Estudios sobre “Introducción al Narcisismo” de Sigmund Freud*, compilador Dr. Joseph Sandler, versão castelhana de Luiz López-Ballesteros, Madri, Julian Yebenes, S.A., 1991, p.89-111.
- URTUBEY, L. – Sobre el narcisismo y una de sus formas de expresión: el autismo transferencial “frente al espejo”, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 13: 149 – 186, Montevideo, 1971/2.
- VIEIRA, M.C.T. – O narcisismo: um conceito estrutural ou uma entidade clínica? *Rev Bras Psicanal.* vol.XXVII, nº 3. p.469 – 80, 1993.
- WAELDER, R (1961) – Discussion, Session III, *Conference*, Institute for Advanced Psychoanalytic Studies, Princeton, N.J.
- WINNICOTT, D.W.(1952)- Anxiety associated with insecurity, IN: **Through pediatrics to psycho-analysis**, reedição dos Collect Papers de Winnicott (1958), Londres, The Hogarth Press, New York, Basic Books, 1975.
- WINNICOTT, D.W.(1954b)- The depressive position in normal emotional development, IN **Through pediatrics to psycho-analysis**. Idem, 1975.
- WINNICOTT, D.W. – Human nature, The Winnicott Trust London, 1988.
- YORKE, C. – El trabajo de Freud sobre el narcisismo, un texto didáctico IN: **Estudios sobre “Introducción al Narcisismo” de Sigmund Freud**, compilador Dr. Joseph Sandler, versão castelhana de Luiz López-Ballesteros, Madri, Julian Yebenes, S.A., 1991, p.43-63.
- ZIMMERMAN, D.E. – **Bion: da teoria à prática**, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul Ltda., 1995, 295p.
- ZIMMERMAN, D. E.(1996) -A posição narcisista, *Rev.Psicanál.*, Porto Alegre v.3, n.2 ,p.197-214
- ZIMMERMAN, D.E.- **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**, Porto Alegre: Artmed Ed.Ltda., 2001, 459p.
- ZUBIRIA C., R.(1998) - La primera cita del narcisismo en la obra de Freud, *Rev..Psicoanálisis*, 10 (2): 35-38.

Documentos eletrônicos – Internet

A fonte da vaidade, o mito de Narciso, IN:
<http://www.geocities.com/Athens/Crete/2153/narciso.htm> - 26/01/2003.

Narciso-IN: <http://www.geocities.com/Athens/Olympicus/866/narciso.html>-07/10/2001

Narciso-IN: <http://www.grupo.org.br/logos/prof/fabio/narciso.htm> -07/10/2001

Narciso-IN: <http://www.nomismatike.hpg.com.br/Mitologia/Narciso.html> -7/10/2001

O mito de Narciso-IN: <http://www.geocities.com/acd-br/narciso.html> -26/01/2003

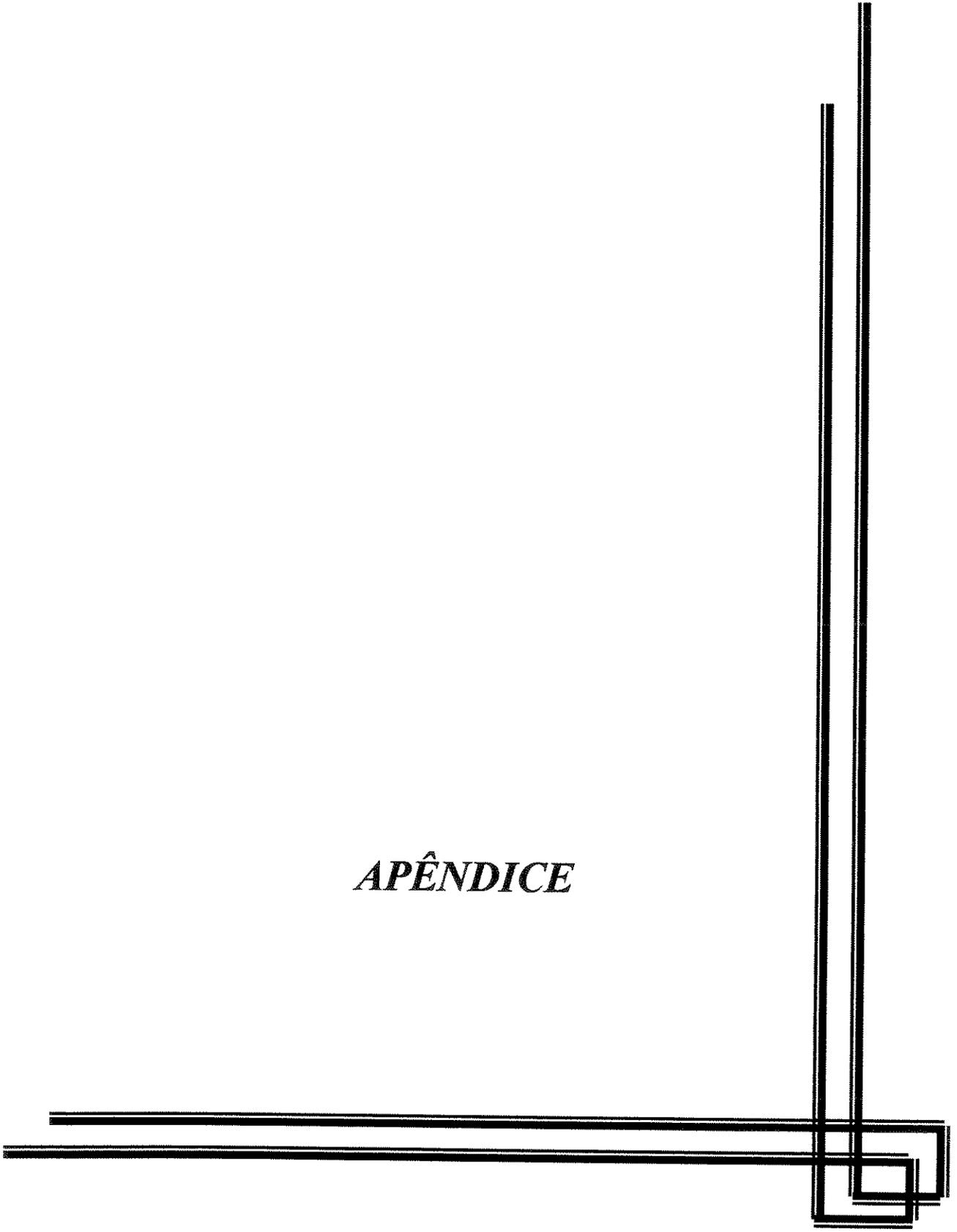
O mito de Narciso segundo Ovídio-IN:
<http://www.psicovirtus.hpg.ig.com.br/Mito%20de%Narciso.htm> - 26/01/2003

Quilici, M. O mito grego de Narciso- IN:
<http://psipoint.com.br/ArquivoNarcisismoMito.htm> -26/01/2003

Narciso -in <http://alunos.uevora.pt/~111495/Narcissus.html>

WILDE,O.-A lenda de Narciso, IN:
http://www.neidejallageas.hpg.ig.com.br/IMAGENS/O_LAGO_DE_NARCISO/quando_narciso_morreu.htm [

APÊNDICE



APÊNDICE 1

Estrutura do texto “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914).

O artigo objeto deste estudo divide-se em três partes:

Parte I (páginas 89 a 97)

1-Conceituação (89-90):

- um tipo de perversão (Paul Näcke, 1899)
- uma atitude psicológica (no homossexualismo– Sadger)- uma etapa no curso regular do desenvolvimento psicosexual (Otto Rank, 1911)
- como resistência ao trabalho analítico
- como complemento libidinal do egoísmo do instinto de conservação

2-Retraimento Neurótico e Psicótico: diferenças (90)

- na neurose*: as relações com os objetos do mundo externo não são cortadas, mas persistem nas fantasias (introversão da libido para objetos imaginários)
- na psicose*: as relações com objetos do mundo externo são totalmente cortadas, sem substituição na fantasia. Quando isso ocorre, já se trata de uma tentativa de recuperação.

3-Narcisismo secundário(91)

- o destino da libido retirada dos objetos é o ego.

4-Manifestações do narcisismo em culturas primitivas e nas crianças (91)

- onipotência dos desejos e dos pensamentos
- magia como técnica de lidar com os objetos do mundo exterior

5-Libido do ego e libido objetal (92)

Este texto marca a introdução destes termos na obra de Freud, numa reformulação da teoria da libido.

Estudam-se o apaixonamento, caso limite da libido objetal e a fantasia do fim do mundo, caso limite da libido do ego. Postula-se um Estado de Narcisismo, em que, de início, as energias psíquicas sexuais e narcísicas são indistinguíveis.

6- A questão da relação entre o narcisismo e o auto-erotismo:

- o auto-erotismo é anterior ao narcisismo, porque não existe inicialmente uma unidade comparável ao ego – o ego tem de ser desenvolvido.

7-A questão da unicidade da energia psíquica : porque há necessidade de se distinguir uma libido sexual de uma energia não sexual do instinto do ego:

- 1° -pela análise das neuroses de transferência, em que se põe o conflito em termos de instintos sexuais versus instintos autopreservativos (do ego)
- 2° -pela distinção popular entre fome e amor
- 3° -pela dupla orientação da vida: conservação individual e da espécie (sustentação biológica da teoria)

8-O anacoreta ascético e o esquizofrênico (96-97)

Os itens 7 e 8 tratam da controvérsia com Jung.

Parte II. (98 a 108)

1-Alteração da libido na doença orgânica e no sono (98-99)

2-Narcisismo e Hipocondria (99-102)

- teoria da erogenicidade dos órgãos
- ansiedade hipocondríaca como contrapartida da ansiedade neurótica
- represamento da libido = objetal, na neurose de angústia
do ego, na hipocondria
- passagem do narcisismo à fase objetal – explicação econômica
- mecanismo da parafrenia

3-Narcisismo e vida erótica (103-108)

- escolha objetal anaclítica e narcisista
- diferenças entre os sexos quanto à escolha objeta
- tipos possíveis de escolha objetal:
 - a) no tipo narcisista: o que se é (a própria pessoa)
o que se foi
o que se gostaria de ser
alguém que foi uma vez parte de si mesmo (amor maternal)
 - b) no tipo anaclítico: a mulher que alimenta
o homem que protege

Parte III (109 a 119)

1-Complexo de castração e protesto masculino (109-110): controvérsia com Adler

2-Destino da libido do ego (110-111): formação do Ideal do Ego

3-Sublimação e Idealização (111-112)

4-Agente observador / controlador (112-113): delírios de perseguição

5-Fenômeno funcional de Silberer (114)

6-Reconceituação do conflito neurótico (114), a partir do Ideal do Ego

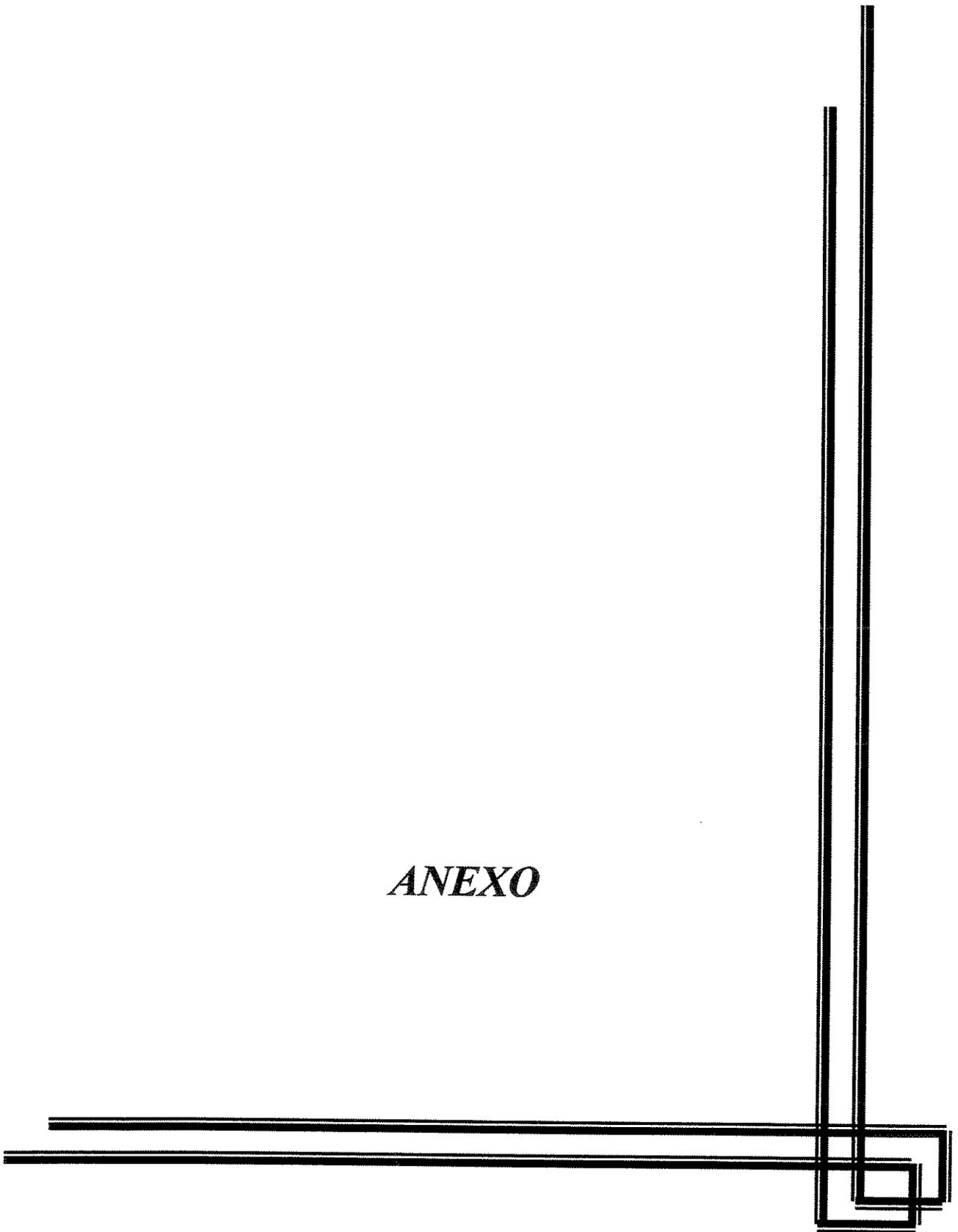
7-O censor do sonho e o Ideal do Ego (114-115)

8-A autoestima (115-118)

9-Ideal de Ego e Psicologia de Grupo (119)

-Sentimento de Culpa e Ideal de Ego (119)

ANEXO



ANEXO 1

D.S.M. IV – Transtornos de personalidade narcisista

Critérios Diagnósticos para F60.8 - 301.81 Transtorno da Personalidade Narcisista

Um padrão invasivo de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia, que começa no início da idade adulta e está presente em uma variedade de contextos, indicado por pelo menos cinco dos seguintes critérios:

- (1) sentimento grandioso da própria importância (por ex., exagera realizações e talentos, espera ser reconhecido como superior sem realizações comensuráveis)
- (2) preocupação com fantasias de ilimitado sucesso, poder, inteligência, beleza ou amor ideal
- (3) crença de ser "especial" e único e de que somente pode ser compreendido ou deve associar-se a outras pessoas (ou instituições) especiais ou de condição elevada
- (4) exigência de admiração excessiva
- (5) sentimento de intitulação, ou seja, possui expectativas irracionais de receber um tratamento especialmente favorável ou obediência automática às suas expectativas
- (6) é explorador em relacionamentos interpessoais, isto é, tira vantagem de outros para atingir seus próprios objetivos
- (7) ausência de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e necessidades alheias
- (8) freqüentemente sente inveja de outras pessoas ou acredita ser alvo da inveja alheia
- (9) comportamentos e atitudes arrogantes e insolentes